

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

Danielle Gomes de Freitas

**O CURSO ECO DESIGN EM SUSTENTABILIDADE - PROGRAMA GAIA
EDUCATION: análise sob a perspectiva do paradigma ecológico e da
espiritualidade.**

Belo Horizonte

2019

Danielle Gomes de Freitas

**O CURSO ECO DESIGN EM SUSTENTABILIDADE - PROGRAMA GAIA
EDUCATION: análise sob a perspectiva do paradigma ecológico e da
espiritualidade.**

**THE COURSE ECO DESIGN IN SUSTAINABILITY - GAIA EDUCATION
PROGRAM: analysis from the perspective of the ecological paradigm and spirituality.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Ciências da Religião como
requisito parcial para obtenção do título de
mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Dr. Paulo Agostinho Nogueira
Baptista.

Área de concentração: Religião e Cultura

Linha de Pesquisa: Religião, Política e
Educação

Belo Horizonte

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F866c Freitas, Danielle Gomes de
O curso eco design em sustentabilidade - Programa Gaia Education: análise sob a perspectiva do paradigma ecológico e da espiritualidade / Danielle Gomes de Freitas. Belo Horizonte, 2019.
149 f. : il.

Orientador: Paulo Agostinho Nogueira Baptista
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Ecologia. 2. Educação. 3. Sustentabilidade. 4. Cristianismo e ecologia. 5. Igreja e o mundo. 6. Arquitetura - Aspectos ambientais. I. Baptista, Paulo Agostinho Nogueira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 2:577.4

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Paim Brito - CRB 6/2999

Danielle Gomes de Freitas

**O CURSO ECO DESIGN EM SUSTENTABILIDADE - PROGRAMA GAIA
EDUCATION: análise sob a perspectiva do paradigma ecológico e da
espiritualidade.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Ciências da Religião como
requisito parcial para obtenção do título de
mestre em Ciências da Religião.

Área de Concentração: Religião e Cultura

Prof. Dr. Paulo Agostinho de Nogueira Baptista – PUC Minas-Orientador

Prof. Dr. Élio Estanislau Gasda- FAJE

Prof. Dr. Roberlei Panasiewicz – PUC Minas

Belo Horizonte, 29 de Março de 2019.

*A todos que se importam em cuidar da
nossa casa, mesmo com pequenos gestos.*

GRATIDÃO

Gratidão a Deus, a força criativa e amorosa.

Gratidão a minha amada família, minha mãe Cida e meus irmãos Junior e Vitor que me acompanharam e me apoiaram nessa caminhada, me dando suporte, atenção e carinho.

Gratidão ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Agostinho Nogueira Baptista, pelo acolhimento, orientação e motivação constantes para trilhar os caminhos das Ciências da Religião, da Ecologia e também da Espiritualidade. Minha sincera admiração e Gratidão.

Gratidão aos meus entes queridos que não estão mais neste plano, meu pai Randolpho e minha tia Vilma, que sempre acreditaram e apoiaram minhas escolhas.

Gratidão a todos os meus amigos, em especial Alex Kiefer, Katia Cupertino, Leticia Surya, Helaine Delboni e Leandro Uchoas; que me acompanharam e me deram apoio, atenção, motivação e carinho durante todo o desenvolvimento desta pesquisa.

Gratidão aos meus companheiros de classe, 2016 e 2017, pelo compartilhar de experiências, descobertas e pela caminhada, juntos nesse novo caminho.

Gratidão aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, pela atenção, disposição e cuidado no processo de ensino.

Gratidão a Dênia, Daniella e Walisson, funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas que atenciosamente me receberam e me orientaram quando necessário.

Gratidão a CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior.

Gratidão a Terra Una, seus moradores e facilitadores do Curso Eco design em Sustentabilidade do Programa Gaia Education que me proporcionaram outras perspectivas e experiências em contato com GAIA.

Gratidão a GAIA.

“Eu vou cantar Gaia bem fundamentada
Mãe de todos Mais velho de todos os seres,
Ela alimenta todas as criaturas Isso está no mundo.
Tudo o que acontece na boa terra
E todos que estão nos caminhos do mar E tudo isso voa:
Todos estes são alimentados por sua pedra.

Hesíodo, poeta grego, século VII a.C.
(GAIA, 2018).

RESUMO

Compreender a atual crise global pelo panorama ambiental requer reconhecimento, disposição e vontade para pensar e criar possibilidades de uma ação justa e em concordância com o paradigma ecológico, em prol da mudança desta realidade. Dentre várias ações em andamento a educação para a sustentabilidade acena com perspectivas reais e concretas. Esta pesquisa se insere no âmbito da investigação desta educação, e teve como objetivo identificar a espiritualidade e qual sua tipologia através da análise sob a perspectiva do paradigma ecológico e da espiritualidade, no curso Eco design em sustentabilidade do Programa Gaia Education realizado na Ecovila Terra Una/MG. O programa foi criado em 2005 pela Rede de Educadores Globais de Ecovilas para uma Terra Sustentável, passando a ser considerado complemento padrão pela ONU para a “Década de Educação para o Desenvolvimento Sustentável 2005\2014”. Baseado na Pedagogia de Aprendizagem Vivencial, o Programa Gaia Education tem a finalidade de fornecer instrumentos\técnicas que possibilitem aos seus alunos aprender diferentes práticas sustentáveis, baseadas nas experiências comunitárias e nas relações que elas estabelecem com o ambiente, sendo rural ou urbano. A metodologia adotada consistiu na pesquisa bibliográfica de fontes primarias e secundárias dos materiais do curso e de obras de referencia na área da sustentabilidade e espiritualidade, no âmbito das Ciências da religião, da teologia, da educação, das ciências ambientais e sociais. Realizou-se a análise sistemática e hermenêutica dos discursos. Ao final da pesquisa, constatou-se a identificação da espiritualidade presente no curso, assim como outras perspectivas de praticas espirituais e de dialogo como referência para o desenvolvimento da educação para a sustentabilidade de forma integral.

Palavras chave: Ecologia. Paradigma ecológico. Educação. Sustentabilidade. Espiritualidade. Gaia Education. Ciências da Religião.

ABSTRACT

Understanding the current global crisis as a systemic crisis requires recognition, willingness and will to think and create possibilities for a just action, in conformity with the ecological paradigm, in favor of the change of this reality. Among the several actions in progress, education for the sustainability waves with real and concrete perspectives. This research is part of the investigation of this education, in the line "Religion, Politics and Education", and had as objective to analyze the Course Eco design in sustainability, of Gaia Education Program, under the perspective of the sustainability and the spirituality. It also sought to identify if spirituality is present in the course and what its typology would be. The Program was created in 2005, by the Network of Global Ecovillage Educators for a Sustainable Earth, becoming a standard complement by the UN for the "Decade of Education for Sustainable Development 2005\2014". Based on the Pedagogy of Experiential Learning, the Gaia Education Program aims to provide technical tools that enable its students to learn different sustainable practices, based on community experiences and the relationships they establish with the environment, whether rural or urban. The methodology of the research was the bibliographic nature of primary and secondary sources, through course materials and reference works in the area of education, sustainability and spirituality, in the context of the Sciences of religion, theology and environmental and social sciences. After the research, it was verified the articulation between education, sustainability and spirituality, as well as that this present spirituality is sui generis, revealing spiritual practices and dialogue as a reference for the development of education for sustainability in an integral way.

Keywords: Ecology. Ecological paradigm. Education. Sustainability, Spirituality. Eco Design Course of the Gaia Education Program. Science of Religion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Caracterização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) pela Organização das Nações Unidas (ONU).....	29
Figura 2- Princípios éticos e de design da Permacultura.....	77
Figura 3- Quatro princípios básicos da permacultura de Andy Landorf.....	77
Figura 4- Mandala da Sustentabilidade.....	120
Figura 5- Mudança de consciência.....	120
Figura 6- O que faz o Designer de Sustentabilidade.....	127
Figura 7- EGO e ECO	130

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1- Vista panorâmica da Ecovila Terra Una.....	145
Foto 2- Ecovila Terra Una.....	145
Foto 3- Casa Amarela- Refeitório.....	146
Foto 4-Espaço para cursos e área de camping.....	146
Foto 5- Tenda par Temazcal.....	147
Foto 6- Área da EcovilaTerra Una.....	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
<u>CAPÍTULO 1</u>	
1. PARADIGMA ECOLÓGICO E SUSTENTABILIDADE	20
1.1 Ecologia: história e concepções	21
1.2 A emergência do Paradigma ecológico	31
1.3 Sustentabilidade no Programa Gaia education e nas Ecovilas no Brasil – O caso Ecovila Terra Una.....	44
<u>CAPÍTULO 2</u>	
2 O CURSO ECO DESIGN E A PERSPECTIVA DO PARADIGMA ECOLÓGICO ..	52
2.1 A educação na contemporaneidade: desafios e mudanças	52
2.2 A educação na perspectiva do paradigma ecológico	70
2.3 O curso Eco Design e o paradigma ecológico.....	83
<u>CAPÍTULO 3</u>	
3 A ESPIRITUALIDADE NO CURSO ECO DESIGN EM SUSTENTABILIDADE	93
3.1 Espiritualidade: principais concepções.....	94
3.2 Sustentabilidade e espiritualidade no paradigma ecológico	109
3.3 A articulação entre educação, sustentabilidade e espiritualidade no curso Eco design em Sustentabilidade.	115
4 CONCLUSÃO	134
REFERENCIAS.....	138
ANEXO A – Foto da vista panorâmica da Ecovila Terra Una	145
ANEXO B – Foto da Ecovila Terra Una	145
ANEXO C – Foto da Casa Amarela (Refeitório)	146
ANEXO D – Foto do espaço para cursos e área de camping	146
ANEXO E – Foto da tenda para Temazcal	147
ANEXO F – Foto da Área da Ecovila Terra Una	147
ANEXO G – Programa Gaia Education	148
ANEXO H – Programa Gaia Education	149

INTRODUÇÃO

A atual conjuntura tem apresentado muitos desafios, dentre eles a crise que engloba várias esferas em nossa vida. O aspecto mais problemático e desafiante dessa crise tem sido a questão ambiental, que por sua dimensão influi em muitos aspectos em nossa estrutura social, cultural, econômica e política. Enfim, no nosso cotidiano.

Desde a década de 70, a discussão em torno desse assunto vem ganhando relevância mundial, exigindo tomadas de decisão firme para a resolução desta questão. Muitas ações foram planejadas para tal finalidade, mas muitos pretextos¹ antecederam o motivo e a aceitação. E o principal motivo para tratar da questão ambiental, a manutenção do meio ambiente para a garantia de sobrevivência da humanidade neste planeta, demonstra grande limitação, pois desconhece os demais seres vivos e a complexidade dessa crise. Com o agravamento da crise ambiental, chegou-se a conclusão que as ações que precisam ser realizadas não podem ser de natureza paliativa, mas devem empreender de forma decisiva soluções para esse problema, através de processos sustentáveis.

Dentre a variedade de projetos e programas voltados à sustentabilidade, as ações que nascem no âmbito da educação são os mais elaborados e alcançam mais resultados, mesmo que a médio e longo prazo. Neste perfil se encontra o Programa Gaia Education, e seu Curso Eco Design em Sustentabilidade, que será o objeto material de nossa pesquisa, através da análise sob a perspectiva do paradigma ecológico e da espiritualidade, o objeto formal.

Este programa² promove através de várias metodologias a relação do ser humano com o meio ambiente, tendo sido elaborado por educadores de várias ecovilas, após anos de registro de experiências desenvolvidas nas mesmas. Ele desenvolve a EDE - Educação em Design de Ecovilas, o curso virtual e presencial GEDS- Gaia Education Design para a Sustentabilidade. Os cursos são organizados em módulos e seu conteúdo se divide em quatro dimensões: social, econômica,

¹Regulação de níveis de poluição, exploração cuidadosa de recursos naturais, adequação entre a exploração e a produção visando lucro.

² Estes cursos fazem parte das iniciativas do projeto “Década de Educação para o Desenvolvimento Sustentável- 2005-2014 das Nações Unidas tem como objectivo mobilizar os recursos educacionais do mundo para criar um futuro mais sustentável. (ONU, 2015)

ecológica e visão de mundo, e podem ser aplicados em escolas, empresas, cidades e ecovilas.

Ecovilas são locais que, de acordo com a Rede global de Ecovilas (GEN-Global Ecovillage Network) ensinam a buscar e praticar experiências de vida sustentável, baseadas em vida comunitária. Quando aplicam o Programa Gaia Education se tornam incentivadores de mudanças significativas. O Curso Eco Design em Sustentabilidade pesquisado foi realizado na ecovila Terra Una, situada no município de Liberdade/MG, e promove o curso desde 2003.

Esse curso faz parte de uma série de ações voltadas ao campo da sustentabilidade, presentes no contexto do paradigma ecológico atual. Como termo muito debatido na atualidade, a sustentabilidade apresenta diversos aspectos que remetem à questão do tratamento, da manutenção, da sobrevivência e da criação de elementos que são relevantes ao nosso atual modo de vida. Esses aspectos envolvem, de forma ampla, as esferas ambiental, social e cultural, política e econômica.

O termo Sustentabilidade surgiu a partir de 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, na Suécia, ocasião em que também foi criado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (ONU Meio Ambiente). E desde essa década, vários eventos foram realizados para discutir o Meio Ambiente e o desenvolvimento sustentável³ (2015) em diversos países, como também produzir documentos para orientar e controlar ações que possam incidir de forma negativa ou positiva sobre o meio ambiente global.

E no Brasil o primeiro evento foi em 1992, vinte anos após a primeira (1972), na Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro (Rio 92) e depois em 2012, com a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a RIO+20. Nessa perspectiva de Sustentabilidade, trata-se de um desenvolvimento que "satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades", de acordo com o relatório "Nosso futuro comum", documento produzido após a conferência de 72. (AGENDA21, 2015).

³Nesse sentido, em 2015, na sede da ONU, na Cúpula de Desenvolvimento Sustentável, foram definidos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que fazem parte da Agenda para o Desenvolvimento Sustentável com prazo até 2030, conhecida como Agenda 2030.

É dentro desse contexto histórico que o processo de sustentabilidade surgiu, se desenvolveu e tem sido debatido. Destaca-se sua forte ligação com o estudo da ecologia e suas vertentes (ambiental, social, mental, integral), e mais recentemente com a espiritualidade. A ecologia possibilita, a partir de suas vertentes, um tratamento que pode chegar à integralidade e ficar em consonância com a educação, a sustentabilidade e a espiritualidade.

Dos vários estudos e ações realizados pelo processo de sustentabilidade, muitos se referem à busca de soluções, seja de forma mais geral ou específica, das ações que impactaram negativamente no aspecto ambiental e repercutiram nas demais esferas. Nesse intrincado campo da sustentabilidade, o tratamento dado a uma condição ou a uma comunidade requer, muitas vezes, ações no nível mais prático e objetivo. Dentre os estudos sobre essa temática, alguns tratam de questões mais objetivas como a gestão de comunidades, a arquitetura, o plantio. Outros lidam com a formação e atuação de Comunidades e grupos, como cooperativas ou ecovilas e da forma como elas desenvolvem a relação com o meio ambiente.

Mas ainda não é considerado o nível mais subjetivo deste processo, como a influência da dimensão espiritual e de outras condições no contexto dos processos sustentáveis. A espiritualidade pode ser uma protagonista neste sistema de educação para sustentabilidade, uma vez que permeia os princípios e valores que compõe a estrutura social de nossa sociedade, e se mantêm como base de referência humanitária.

Para a elaboração do projeto da pesquisa houve investigação no banco de dissertações e teses da Capes e em outros sites acadêmicos de busca, como o Google Acadêmico e Scielo, e constatou-se a variedade de pesquisas envolvendo o tema sustentabilidade, como aqueles referentes às ecovilas e ao seu desenvolvimento como ambiente para as práticas sustentáveis. Alguns trabalhos encontrados foram: *A sustentabilidade em ecovilas: práticas e definições segundo o marco da economia solidária*, de Eduardo Vivian Cunha (2012); *Ecovilas: uma análise comparativa a partir das dimensões da sustentabilidade*, de Adriano Fabri (2015); *O mal-estar do coletivo: um olhar sobre as liberdades individuais dentro de uma ecovila*, de Andrea Dovat Loyola Cavalcanti (2014); *Ecovilas e a construção de*

uma cultura alternativa, de Rebeca Roysen (2013); *Ecovilas: A construção de uma cultura regenerativa a partir da práxis de Findhorn, Escócia*, de Taisa Pinho Mattos (2015). E com referência à Ecovila Terra Una, onde se desenvolve o Programa Gaia Education, encontrou-se a dissertação *Habit(ar-te) em Residência Artística Terra Una*, de Ligia Maria Conforti Protti (2014); e sobre ecovilas e o Programa, a tese *Diretrizes para o desenvolvimento de Ecovilas urbanas*, de Flavio Januário (2014). Mas não houve a identificação de pesquisas sobre o estudo da espiritualidade no Programa de Educação para a Sustentabilidade, objeto da pesquisa. Os estudos citados acima desenvolvem outros conceitos que compõem a estrutura e as atividades comuns às ecovilas. A espiritualidade, como parte dessa estrutura, não foi pesquisada de forma direta, nem sobre sua relevância e possibilidades de conexão com a educação para a sustentabilidade.

Assim, a investigação da espiritualidade no contexto desse processo de educação da sustentabilidade abre perspectivas para o conhecimento e análise sobre ações que desenvolvam e mantenham uma dinâmica de vida, em sintonia com o ecossistema do qual fazemos parte. Dentro da perspectiva do paradigma ecológico, a relação entre a sustentabilidade e a espiritualidade apresentam alguns desafios, dentre eles, a falta da evidência clara da presença desta dimensão e da comprovação da sua ação em determinadas conjunturas. O problema a ser pesquisado neste estudo pode ser assim formulado: Como se articula o paradigma ecológico e a espiritualidade no processo educativo do Curso Eco design em Sustentabilidade do Programa Gaia Education?

Para tentar responder a estas questões foram formuladas algumas hipóteses: que a espiritualidade se insere no curso e é importante investigar qual seria a relevância desta dimensão espiritual no contexto do paradigma ecológico, bem como a sua influência nos movimentos ecológicos. Que haveria influência da espiritualidade, que precisa ser conhecida, como a sua tipologia, que afeta o desenvolvimento de práticas voltadas à manutenção e à criação de novas tecnologias, em prol do bem estar coletivo. Que o curso Eco Design em Sustentabilidade articula a ecologia e a espiritualidade no seu processo educativo, com implicações sociais, culturais e políticas, inclusive no desenvolvimento de metodologias sustentáveis.

Nessa perspectiva, a dissertação tem como o objetivo geral analisar o processo educativo do Curso de Eco Design em Sustentabilidade, do Programa Gaia Education, sob a perspectiva do paradigma ecológico e da espiritualidade. E por objetivos específicos: caracterizar e analisar quais as concepções de sustentabilidade e de ecologia se faz presente no curso; identificar se há uma dimensão de espiritualidade no curso e de que tipo ela seria; analisar o projeto pedagógico e as metodologias educacionais desenvolvidas; e analisar como a espiritualidade, se presente, de que tipo se caracteriza, e se articula com metodologias educacionais e o paradigma ecológico nesse curso de educação voltado para sustentabilidade;

Devido ao caráter pluridimensional que o processo da sustentabilidade oferece, o embasamento deste estudo será realizado a partir de conceitos e autores que transitam em sua especialidade, mas dentro do contexto do paradigma ecológico, que está focalizado “na relação entre ecologia e espiritualidade [...] a dimensão espiritual da consciência ecológica”. (BAPTISTA, 2011, p.163). Dentro dessa perspectiva, como base para se compreender o processo educativo, a espiritualidade e a sustentabilidade a serem estudadas, apresentaremos as concepções de ecologia, ecopedagogia e permacultura, que oferecem elementos relevantes para a contextualização desta pesquisa. Dentre estes, encontram-se os que nortearam este estudo, como a ecologia, sustentabilidade, educação e espiritualidade.

A abordagem metodológica se realizou no âmbito das Ciências da Religião, e através de outras ciências e aportes teóricos (Pedagogia, Antropologia, Filosofia, Teologia), que contribuíram para a análise do objeto e suas perspectivas formais. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, através de pesquisa bibliográfica. E também haverá análise sistemática e hermenêutica de documentos do Programa. Pretende-se, com esta metodologia, conhecer e analisar as bases estruturais da ecovila Terra Una, do Programa Gaia Education, assim como o projeto pedagógico do curso.

A dissertação está estruturada em três capítulos: no primeiro, intitulado *Paradigma Ecológico e Sustentabilidade*, será tratada a temática dessas duas questões, sustentabilidade e paradigma ecológico; sobre a ecologia, sua evolução e ações realizadas nesta área, como a permacultura. Prosseguindo com a

apresentação sobre o paradigma ecológico e a sustentabilidade, destacando o conceito problemático de desenvolvimento sustentável. Ainda se conhecerá o histórico e o desenvolvimento do Programa Gaia Education, seguida da abordagem da relação da sustentabilidade com as ecovilas no Brasil e com a Ecovila Terra Una.

No segundo capítulo, *O Curso Eco design e a perspectiva do Paradigma ecológico*, será abordada na perspectiva do paradigma ecológico no projeto pedagógico do Programa Gaia Education, a educação neste contexto, e a atuação da educação ambiental, da ecopedagogia e da permacultura.

E no terceiro e último capítulo, *A espiritualidade no Curso Eco design em Sustentabilidade*, serão apresentados os conceitos de espiritualidade e suas conexões com a sustentabilidade, dentro do paradigma ecológico, em seguida será abordada a relação da espiritualidade com a sustentabilidade e a educação, finalizando com a análise sobre a espiritualidade no curso.

Nesta pesquisa sobre educação para sustentabilidade, identificar e compreender a espiritualidade nesse processo pode contribuir para o desenvolvimento da sustentabilidade de um contexto próximo do ideal de qualidade de vida que buscamos, como indivíduos inseridos na comunidade, no mundo ocidental. A mudança que se busca, sendo alicerçada pela espiritualidade, pode alcançar e contribuir efetivamente para o desenvolvimento de uma vida sustentável de qualidade.

A investigação deste objeto, no âmbito das Ciências da Religião, na subárea Ciências da Religião Aplicada (RIBEIRO, 2018), divisão da árvore do conhecimento da área Teologia e Ciências da Religião, que trata dos temas:

Religião, religiões, espiritualidades, tradições de sabedoria, ateísmo, agnosticismo, não crentes, não-religiosos, não-afiliados, sem-religião e espaço público, política, ética, saúde, ecologia, culturas; temas associados à diversidade, respeito e tolerância; diálogo inter-religioso; educação e religião. (RIBEIRO, 2018, p.527).

Situa-se na linha de pesquisa “Religião, Política e Educação”, abre outro campo para o estudo da dimensão religiosa humana, num sentido amplo, contribuindo para o entendimento sobre o seu desenvolvimento pedagógico e espiritual, no contexto múltiplo e dinâmico da sustentabilidade. E neste aspecto, a relação entre espiritualidade e sustentabilidade tem apresentado, como principal

intenção, a busca do indivíduo pelo sentido da vida e da conexão com o transcendente, orientado para o equilíbrio entre o ser humano e o meio ambiente.

Particularmente, este estudo decorre do interesse pelo processo da sustentabilidade ambiental e sociocultural, mas articuladas pelo viés da dimensão espiritual. Este Interesse nasceu durante os trabalhos em projetos socioculturais e de saneamento básico, em comunidades em Belo Horizonte e Região Metropolitana, e também no Nordeste de Minas Gerais. A questão da espiritualidade surgiu com a conclusão de um curso voltado à educação para a sustentabilidade que realizei em 2014⁴ e que contempla as áreas social, cultural e ambiental e sua interação entre elas, oferecendo abertura para o desenvolvimento de um processo de sustentabilidade que considere o contexto atual em sua totalidade.

Investigar o processo educativo do curso de educação para a sustentabilidade sob a perspectiva do paradigma ecológico e da espiritualidade me proporciona, além do conhecimento, a possibilidade de desenvolver meus projetos profissionais dentro de um campo mais amplo e integral da sustentabilidade. E também destaca a integração do ser humano, sua cultura e com a natureza, cada vez mais alicerçada pela espiritualidade, uma condição que tem se mostrado essencial para uma trajetória positiva, pessoal e coletiva.

Como diz Gadotti “Educar para a sustentabilidade é, essencialmente, educar para uma vida sustentável, que significa, entre outras coisas, educar para a simplicidade voluntária e para a quietude...” (GADOTTI, 2008, p.76). Uma vida que se pauta em valores mais simples, com convivência mais harmônica e a valorização e respeito com o outro, seja ser humano ou natureza, diferente da dinâmica atual, decorrente do modo de vida pós-revolução industrial.

Pretende-se que este estudo possa contribuir como reflexão sobre um novo espaço no qual a espiritualidade tem se desenvolvido e para a compreensão da sua conexão com a sustentabilidade e vice-versa. Assim também pode contribuir para o desenvolvimento de trabalhos que envolvam as áreas social, cultural e ambiental, embasadas pela espiritualidade, seja religiosa ou não, e ecológica, inseridas no campo da sustentabilidade como componente fundamental para seu desenvolvimento.

⁴Curso Eco design em Sustentabilidade do Programa Gaia Education, na Ecovila Terra Una/MG.

Essa pesquisa não consiste na conclusão deste tema, mas em mais uma possibilidade de contribuir para a investigação da espiritualidade e da sustentabilidade.

CAPÍTULO 1

1. PARADIGMA ECOLÓGICO E SUSTENTABILIDADE

A investigação sobre a sustentabilidade no contexto atual, como forma de combater a crise que vivenciamos, está presente em todas as etapas de nosso cotidiano e influencia nosso desenvolvimento como ser humano em sociedade e no meio ambiente. Essa crise tem afetado de forma profunda e constante a estrutura social política e ambiental em uma proporção mundial. Antes sob uma perspectiva controlável em áreas consideradas periféricas; hoje ela tem quase total domínio sobre todos eles, seja periférico ou central, seja um país ou estado. Assim, muitas ações têm sido organizadas e aplicadas para solucionar os problemas crescentes que não têm correspondido às soluções ou práticas realizadas para sanar as deficiências ao longo do atual sistema capitalista. Dentre essas ações, a educação está na linha de frente, tanto para desenvolver estudos quanto para propor as soluções e caminhos apropriados para a devida manutenção e desenvolvimento da vida e da sobrevivência do planeta. Para isso, contamos com várias metodologias educacionais voltadas para a busca da sustentabilidade. O programa Gaia Education se insere neste campo.

Nesta pesquisa, para situarmos nosso tema “O curso eco design em sustentabilidade - Programa Gaia Education: análise sob a perspectiva do paradigma ecológico e da espiritualidade” vamos percorrer uma variedade de conceitos e campos que se encontram conectados com a Ecologia: o paradigma ecológico e a sustentabilidade, e outros conceitos que derivam destas áreas. Todos estes elementos compõem o panorama em que se desenvolve a educação para a sustentabilidade do programa Gaia Education.

Neste capítulo, denominado *Paradigma Ecológico e Sustentabilidade*, serão trabalhadas três questões. A primeira, em “Ecologia: história e concepções”, será abordado o conceito ecologia, destacando sua origem, classificações, movimentos e ações desenvolvidas. A seguir, em “Emergência do Paradigma ecológico”, será tratado o desenvolvimento desse paradigma, sua relevância no nosso contexto atual, seus objetivos, suas conexões e alcance metodológico. Finalmente, vamos

apresentar, em “Sustentabilidade no Programa Gaia education e nas Ecovilas no Brasil – O caso Ecovila Terra Una”, o conceito de sustentabilidade e como ele se desenvolve no programa Gaia Education e na formação das ecovilas, um dos principais locais de aprendizagem.

1.1 Ecologia: história e concepções

A educação para a sustentabilidade propõe um processo que contempla vários níveis na nova relação com o ambiente. Para o desenvolvimento da nossa pesquisa sobre a educação para a sustentabilidade, faz-se necessário iniciarmos este estudo sobre a Ecologia, sua história e o desenvolvimento atual.

Este tema tem sido recorrente no nosso desenvolvimento histórico, social e científico, desde o surgimento dos estudos que compõe seu campo, em princípio na biologia, e depois nas áreas exatas e humanas. Ecologia é um conceito considerado de caráter polissêmico e multidisciplinar, apresentando inúmeras possibilidades de entendimento e aplicação. Igualmente são os autores que abordam este tema, vindos de diversas áreas e muitos possuem formação multidisciplinar e vasta experiência em pesquisas na área. Alguns são considerados clássicos, mesmo sendo contemporâneos, como Felix Guatarri (2006), Enrique Leff(2000), Fritjof Capra(1996), Ignacy Sachs(2002), Edgar Morin(2000), Eugene P. Odum(1985), Gregory Bateson(2000), Pascal Ascot(1990), James Lovelock(1989).

Outros, também de igual importância, transitam entre os citados acima, como Leonardo Boff, Moacir Gadotti, Mauricio Andrés Ribeiro, Paulo Agostinho N. Baptista, Afonso Murad. Os pesquisadores utilizados nesta pesquisa contribuem com uma visão mais multidisciplinar e transdisciplinar, analisam a ecologia sob a perspectiva das Ciências da Religião e da Teologia, das Ciências Sociais, ambientais, e da espiritualidade.

A origem do conceito ecologia não tem registro certo, mas seu campo de investigação se formava desde a antiguidade, conhecida através de outras designações. Há registros de estudos de Aristóteles (384-322 a.C.) a respeito de animais; de Theophrastus (371-283 a.C.) sobre a botânica; de Maquiavel (1469-1527) e Giovanni Botero (1544-1617) sobre população, e Sir Mathew Hale (1609-

1676) com estudos sobre fatores de mortalidade da população, dentre outros. (SANTOS, 2009, p. 2-25).

Neste período, o conceito ecologia se referia apenas ao ramo da biologia e se apresentava como “um interesse científico regional”, evoluindo depois para domínio maior, mas ainda dentro do contexto da biologia, sendo dividida em ecologia vegetal, animal e geral. (BOFF, 2008, P. 28).

De acordo com Leonardo Boff, devido a sua multiplicidade, este campo não possuía uma base de referência teórica. Somente a partir do século XIX, com a elaboração do conceito Ecologia, como conhecemos hoje, pelo biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919), desenvolveu-se esta base. Ecologia, segundo o autor, seria “o estudo da interdependência e da interação entre os organismos vivos (animais e plantas) e o seu meio ambiente (seres inorgânicos).” (BOFF, 2008, p.25).

De acordo com Pascal Ascot, antes dessa definição, o conceito passou por mais quatro tentativas devido aos diversos elementos originários da biologia e que foram alterados, revitalizados ou absorvidos por outros ramos dentro da biologia e depois fora dela. A primeira se refere a uma definição mais restrita, ligada à biologia, como ciência dos organismos; a segunda, a definição dada por Haeckel; a terceira refere-se “à tradição biogeográfica”; e a quarta, mais próxima da divulgada atualmente, liga-se à tradição darwinista. Dessas definições,

ressalta claramente que o conceito haeckeliano de “ecologia”, pelo menos em parte, constitui-se no quadro científico e ideológico da economia da natureza, dos equilíbrios naturais e da adaptação dos seres vivos às suas “condições de existência”. (ASCOT, 1990, p.28).

A ecologia moderna passou a se apresentar com base no conceito de Ecossistema:

Um sistema aberto composto por organismos vivos e o meio com o qual interagem, trocando material e energia – um ecossistema contém componentes bióticos, como plantas, animais, microorganismos, e componentes físicos ou abióticos, como água, solos e outros [...] Assim, os ecossistemas estão sempre estruturados no tempo e espaço. (CARVALHO, 2005, p.133).

Mas os estudos ecológicos ainda estavam restritos ao meio físico, considerados mais como uma “autoecologia”⁵, uma ecologia sem a participação do

⁵ Autoecologia é uma das subdivisões da ecologia, que estuda o organismo individual ou indivíduos de determinada espécie em relação ao ambiente. (GRISIS, 2007.p.32).

ser humano como componente desse sistema. A mudança ocorreu após a segunda guerra mundial, através de pesquisas sobre agrupamentos humanos e seu impacto nos sistemas naturais, realizados por biólogos, ecólogos e principalmente geógrafos. (CARVALHO, 2005.p.145).

A partir do ramo da biologia, a ecologia foi se adequando ao tema com o qual passava a estabelecer uma ligação, como a ecologia agrária (agroecologia); a animal (zooecologia); de paisagens (estudo de ecossistemas); a energética (ecoenergética ou ecologia trófica); microbiana (microbiologia ambiental) e a fitoecologia (ecologia vegetal). A ecologia passou a interagir com ciências consideradas básicas (zoologia, genética, evolução, etologia, microbiologia, geociências, botânica) que contribuíram para o estudo ecológico, por um lado, e por outro, pode ser aproveitada em ciências aplicadas (estatística, computação, biologia molecular, climatologia, químicas, direito ambiental, engenharias, economia, ciências sociais, ciências médicas), que necessitavam da sua especificidade.

Na ecologia voltada às outras áreas, temos a industrial (sistema industrial e econômico); de populações (dinâmica estrutura); humana (etnoecologia). (GRISIS, 2007.p.85):

São muitas as ecologias que se abrem, numa diversidade de ângulos a partir da formação profissional, do tipo de ambiente que se aborda-o urbano, o cósmico- da abordagem profunda ou superficial. (RIBEIRO, 2000, p.23).

De acordo com alguns autores como Leonardo Boff (2008), Mauricio Andrés Ribeiro (2000) e Fritjof Capra (1996), que trabalham esta temática também associada às outras questões como a espiritualidade, as práticas sustentáveis e a epistemologia do campo, a área da ecologia ao desenvolver-se durante o intercâmbio com outras áreas foi absorvendo outras terminologias, ao mesmo tempo em que transitava entre várias áreas do conhecimento, principalmente a partir da Ecologia Humana. Essa foi a primeira ecologia a iniciar a categorização fora do campo da biologia, ao abordar a relação do ser humano com o meio ambiente com base no desenvolvimento social e nas implicações que surgiram desta relação. A Ecologia Humana surgiu na década de 20 do séc. XX, sendo considerada precursora da ecologia profunda. Sua origem é disputada por algumas ciências da área de humanas, como a sociologia, antropologia, geografia e psicologia. Da ecologia humana surgiram outros títulos, de acordo com Francisco Carvalho, a partir de B. Campbell;

Discorrendo sobre o plano prático das perspectivas com que o estudo dos seres humanos é encarado em Ecologia Humana, aponta para o efeito duas correntes: cultural e social. A corrente cultural estuda como a cultura de um grupo humano se adapta aos recursos naturais do ambiente e à existência de outros grupos humanos. A corrente social, por seu turno, investiga os motivos que conduzem à estrutura social de um grupo humano a ser o resultado do ambiente global do grupo. (CARVALHO, 2007).

A partir da ecologia humana desenvolve-se uma abordagem mais holística, dando oportunidade para o surgimento de outras ecologias: a ambiental, que trata o meio ambiente; a ecologia social, que aborda a relação da sociedade com a natureza; a ecologia mental ou profunda, que discute o ser humano (mentalidade/totalidade) com a natureza; e a ecologia integral, que trata a relação da terra, do ser humano e da natureza, integrando todos os seres.

Da ecologia social, considerado “O caminho da sociedade” de acordo com Leonardo Boff, surge o trabalho de “estudar os sistemas sociais em interação com os ecossistemas”, para criar uma nova forma de interagir sem impactar negativamente no ambiente. (BOFF, 2008. p.43). A ambiental cuida diretamente dos impactos no ambiente e suas consequências para o meio físico, assim como formas de evitar e restaurar ecossistemas afetados. A Mental ou profunda trabalha em um nível mais aprofundado a relação do ser humano com a natureza, além das questões físicas e de produção de mercadorias, aborda a mentalidade e a consciência vigente que está presente no desenvolvimento desta relação, buscando a mudança de consciência e de atitude. A ecologia integral aborda a relação entre todos; o ser humano, a sociedade, a natureza e também os processos que são criados, procurando destacar suas peculiaridades, aspectos em comum e o resultado desta relação.

O conceito ecologia continuou a se desenvolver, sendo utilizado também para outras definições, expressões e até ações, como ecopolítica, ecotecnologia, ecoteologia, ética ecológica, ecologia urbana; e *ecologizar*, que seria a “ação de introduzir a dimensão ecológica nos vários campos da vida e da sociedade” (RIBEIRO, 2000.p.43).

Dentre estas vertentes ecológicas, a ecologia profunda é considerada a que se aproxima mais e atende às questões da crise atual, com possível alcance dos níveis de sustentabilidade (ambiental, cultural, social, econômica). “A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida.”(CAPRA, 1996.p.17). Essa

ecologia foi desenvolvida pelo filósofo norueguês Arne Naess, na década de 70, e distingue a ecologia *Rasa*, “centrada no ser humano” que o considera acima ou fora da natureza, da *Profunda*, que valoriza e considera todos os seres e está centrada nos valores ecocêntricos (da terra):

Dentro do contexto da ecologia profunda, a visão segundo a qual esses valores são inerentes a toda a natureza viva está alicerçada na experiência profunda, ecológica ou espiritual, de que a natureza e o eu são um só. Essa expansão do eu até a identificação com a natureza é a instrução básica da ecologia profunda. (CAPRA, 1996.p.20).

Em relação à terminologia também há diferenças entre os conceitos ecologia, meio ambiente e natureza. A título de informação abordaremos os conceitos de natureza e meio ambiente para esclarecimento do uso junto ao conceito de ecologia, mas sem a intenção de discorrer com profundidade sobre as várias concepções e origens destes conceitos, considerando que ambos detêm muita complexidade em suas definições e aplicações, desde quando se iniciou os estudos deste campo. Eles são considerados similares tanto na concepção quanto na utilização e são comumente interpretados de forma ambígua.

Com base em estudos realizados na área ambiental, mais precisamente da geografia e de órgãos governamentais, identificamos algumas definições. De acordo com a Lei da Política Nacional do Meio Ambiente nº 6.938 de 1981, em seu artigo 3º, define Meio Ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2018). Esse conjunto pode ser dividido em quatro segmentos: artificial (espaço urbano), natural (solo, água), cultural (obra do ser humano) e do trabalho (escritórios, construções civis).

Outra definição mais ampla do meio ambiente, o classifica em quatro tipos:

“Meio ambiente” no sentido de ecossistema é um conjunto de realidades ambientais, considerando a diversidade do lugar e a sua complexidade. O “meio ambiente” como lugar onde se vive é referente à vida cotidiana: casa, escola, e trabalho. O “meio ambiente” como biosfera surge para explicar a interdependência das realidades sócio-ambientais em todo mundo, a Terra é a matriz de toda vida. O termo “meio ambiente” também pode designar um território de uso humano e de demais espécies. Toda pesquisa e educação ambiental deve considerar todos os significados sobre o termo “meio ambiente”. (TV ECOLOGICA, 2018)

Esta definição remete a várias interpretações, mas mantém como base o meio ambiente para a questão ambiental geral. Em outros documentos,

considerados oficiais, como a conferência da ONU sobre Meio Ambiente em Estocolmo, em 1972, o termo foi considerado como:

O conjunto de componentes físicos, químicos, biológicos e sociais capazes de causar efeitos diretos ou indiretos, em um prazo curto ou longo, sobre os seres vivos e as atividades humanas. (EBC, 2018).

Na definição acima, o Meio Ambiente continua a ser considerado um conjunto que compreende uma variação de elementos. Assim, são muitos os debates que envolvem a definição entre Meio Ambiente e natureza, quase sempre referentes à qual condição ou elemento eles estão inseridos. Sobre a definição de Natureza, de acordo com Elisabeth Christmann Ramos, em sua dissertação sobre Educação ambiental, há registro de quatro tipos de concepção sobre o conceito Natureza: Finalista Greco-medieval, a Mecanicista Cartesiana, a Naturalista de Rousseau e a Dialética de Marx.⁶

A definição ou a conceituação do que seja natureza depende da percepção que temos dela, de nós próprios, e, portanto, da finalidade que daremos para ela, isto é, depende das formas e objetivos de nossa convivência social. [...] [Os conceitos de natureza] foram múltiplos nas várias sociedades que ao longo da história os homens constituíram. Em cada uma dessas sociedades, ou em cada um desses tempos, a natureza possuía um significado diferente segundo os valores e objetivos de cada agrupamento social (CARVALHO, 2003.p. 13).

A definição de natureza também passa por várias interpretações, ora vista como uma condição psicológica (a natureza humana), ora como algo fora do ser humano, que está ao entorno dele, como uma floresta, um ecossistema. De acordo com Ramos, a concepção sobre a natureza baseia-se na tese crítica de Adorno e Horkheimer, que considera a natureza um objeto de conhecimento e por tal deve passar por um processo de esclarecimento (*Aufklärung*). Eles consideram que o objetivo do ser humano consiste numa aprendizagem para exercer o controle sobre a natureza: “O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p.05).

Todas essas concepções discutem em algum nível a unidade/separação homem-natureza, que perdura na criação e no desenvolvimento de teorias e ações,

⁶ RAMOS(1996).

na discussão sobre a questão ambiental atual. Estes conceitos podem ser similares, mas são principalmente complementares dentro do contexto que estamos abordando, o ecológico, uma vez que da articulação deles com outros campos, a questão ambiental ganha mais amplitude e possibilidade de resultados.

Com os eventos econômicos, sociais e ambientais após a Segunda Guerra Mundial, os governos voltaram a atenção às questões ambientais com o objetivo de controlar os níveis de poluição e degradação ambiental. Desde a década de 70 do século XX, a temática ambiental ganhou certa proeminência entre as questões a serem debatidas em nível mundial. A sociedade global começou a se mobilizar para investigar e criar ações para resolver as consequências do tipo de desenvolvimento iniciado com a Revolução Industrial. Essa mudança se deu a partir de dois eventos: o primeiro, em 1949, realizado em Lake Success nos EUA, a Conferência Científica da ONU (Conservação e Utilização de Recursos), seguida da publicação do livro *Primavera Silenciosa* (Silent Spring), de Rachel Carson⁷; e a segunda, em 1968, na França, a Conferência sobre Biosfera. Essas antecederam ao Relatório *Limites do Crescimento*, do *Clube de Roma*, e da Conferência de Estocolmo (Suécia), em 1972 e da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (I CNUMAD), cujo tema principal foi poluição, iniciando o estudo sobre a degradação ambiental e o desenvolvimento sustentável.

No Brasil, o primeiro evento foi em 1992, vinte anos após o primeiro (1972), na Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro (ECORio 92), e depois em 2012, com a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a RIO+20.

Outras ações também foram realizadas desde a década de 70, como a produção de documentos para orientar e controlar ações sobre o meio ambiente global, o surgimento de movimentos organizados conhecidos como Movimentos Ecológicos, motivados pelo desenvolvimento de uma sensibilidade ecológica, e os movimentos de contracultura, que surgiam pela Europa e EUA. Três tipos de movimentos foram criados: o *naturalista*, no final da década de 60, que se baseava na visão e na glorificação da natureza, com o slogan “Nós temos apenas uma terra”; o *institucional*, que era um movimento de denúncia dos excessos do capitalismo

⁴ Em 1962 nos USA foi publicado o livro *Primavera Silenciosa* de Rachel Carson, que fala sobre os efeitos da má utilização de pesticidas e inseticidas (químicos sintéticos) o Dicloro-difenil-tricloretoano-DDT.

para buscar equilíbrio entre produção e recursos naturais. Motivado pelos debates em instituições oficiais, foi criado o Clube de Roma, cujo objetivo era criar uma “mentalidade ecológica para adaptação à lógica do sistema produtivo”; e o *político*, regulado pela ótica do sistema produtivo, com a intenção de “politizar” o processo de destruição do meio ambiente. (RAMOS, 1996, p.63)

No Brasil, também foram criados esses movimentos, mas com outras características, devido ao período desenvolvimentista do pós-guerra no governo de Juscelino Kubistchek, cujo lema era “*avançar 50 anos em cinco*”:

Na década de 60 e até o fim do regime militar, os movimentos ecológicos (restritos até então a grupos de pessoas que lutavam praticamente sozinhas pela “proteção da natureza”), não tiveram influência no debate político global sobre o futuro da sociedade brasileira. Particularmente a partir da crise do petróleo (1973) as preocupações do Brasil voltam-se para as questões relativas aos recursos naturais “não renováveis”. As medidas tecnoburocratas para resolver esta crise propiciaram o crescimento do movimento ecológico brasileiro. (RAMOS. 1996.p.73).

Esse período foi relevante para a continuidade dos movimentos ecológicos no Brasil, porque contribuíram para a identificação dos problemas ambientais no país. Dois movimentos ecológicos foram criados no Brasil: o grupo dos que estavam ligados às associações da sociedade civil e denunciavam a degradação ambiental e o grupo ligado às comunidades rurais alternativas, com influência do movimento de contracultura americano.

Assim, nesse processo iniciado na década de 70 em busca de soluções que atendessem a todas as camadas da sociedade contemporânea, foram criadas no ano 2000 ações e propostas com base nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)⁸, que são metas a serem implementadas em várias partes do mundo (2015), referentes a ações para governos locais e regionais, com o objetivo de conscientizar e sanar problemas ambientais.

Em 2015 foram lançados Os objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), “Transformando Nosso Mundo”, com objetivos (17) e metas (169) a serem cumpridos até o ano de 2030. Foram elaborados para contemplar cinco condições e elementos que devem atender a todo o planeta e aos seres que nele habitam,

⁸Os 8 objetivos de desenvolvimento do milênio(ODM): 1 - Acabar com a fome e a miséria;2 - Oferecer educação básica de qualidade para todos; 3 - Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; 4 - Reduzir a mortalidade infantil; 5 - Melhorar a saúde das gestantes; 6 - Combater a Aids, a malária e outras doenças; 7 - Garantir qualidade de vida e respeito ao meio ambiente; 8 - Estabelecer parcerias para o desenvolvimento.

conhecidos como os 5 Ps: Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parceria. Entrou em vigor em 01 de janeiro de 2016 com o objetivo de realizar a orientação de decisões até o ano de 2030:

Todos nós vamos trabalhar para implementar a Agenda dentro de nossos próprios países e em nível regional e global, tendo em conta as diferentes realidades nacionais, capacidades e níveis de desenvolvimento, e respeitando as políticas e prioridades nacionais. (ONU, 2015).

Os objetivos (ODS) foram caracterizados de forma clara e direta através de figuras que foram divulgadas mundialmente, sendo que algumas delas são de conhecimento de boa parte da população mundial e também de fácil compreensão. Abaixo as 17 figuras que representam os objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS):

Figura 1 – Caracterização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU).



Fonte: ONU, 2015.

E de acordo com os temas a serem tratados a seguir (ONU, 2015):

1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares
2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável
3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades
4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos
5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas
6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos
7. Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos
8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos

9. Construir infraestruturas robustas, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação
10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resistentes e sustentáveis
12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos
14. Conservar e usar sustentavelmente os oceanos, os mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável
15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade
16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis
17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

A proposta dessa agenda se baseia na cooperação e no multilateralismo para erradicar a pobreza e reduzir a desigualdade em todo o mundo. Após esse acordo (2015), muitas críticas têm sido feitas à ONU quanto a falta de transparência e dependência e também às formas como os governos têm aplicado ou não ações para desenvolver essas metas. A ação ou propostas têm partido mais de organizações não governamentais que “apontaram caminhos para consolidação de políticas multilaterais holísticas e universais estratégicas”, do que dos governos. No Brasil, com o governo Temer, os acordos realizados passaram a ser bilaterais e comerciais, sem ligação com a agenda 2030, dando pouca ou nenhuma atenção às propostas da agenda, apesar da persistência da ONU e de outros órgãos⁹.

Dentre as inúmeras propostas apresentadas dentro do contexto da ecologia, como novas metodologias e equipamentos, algumas estão inseridas em processos que se encontram em construção e que são de caráter informal. Na área de produção de alimentos, através da agricultura familiar, da agroecologia e da agrofloresta; ou através de metodologias educacionais como a Educação ambiental, a Permacultura, a Ecopedagogia, voltadas para tratar desde as questões mais básicas, como o preparo da terra para cultivo, o reaproveitamento de alimentos, até o último nível a ser considerado, e o desenvolvimento¹⁰ da sustentabilidade. Também foram criados locais para o desenvolvimento destas metodologias, como as comunidades sustentáveis e as ecovilas.

Todo este complexo de conceitos, metodologias e ações fazem parte de um novo paradigma, conhecido como ecológico. Ele contempla todos os processos que

⁹Fernandes (2018).

¹⁰Ver Objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS).

podem ser considerados dentro da conexão ecológica e representa a adoção da ecologia profunda que apresenta alguns caminhos para mudanças reais para alcançar a sustentabilidade pretendida. No próximo tópico abordaremos como nasceu este paradigma e o que ele se propõe na atual conjuntura mundial.

1.2 A emergência do Paradigma ecológico

Vamos destacar neste tópico os conceitos paradigma, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade e suas conexões, para compreendermos a questão da emergência do Paradigma ecológico.

Toda estrutura social se guia por um sistema orientador. Dentro deste sistema se encontram os paradigmas e outras formas de organização. Para compreendermos melhor a relevância deste conceito, abordaremos a história de paradigma até chegarmos ao paradigma ecológico.

Paradigma é um termo originário da palavra grega “*parádeigma*”, e tem sido usado desde a Antiguidade, cujo sentido pode ser de padrão, modelo ou exemplo. Também tem sido estudado e utilizado por vários estudiosos (Aristotéles, Stephen Toulmin, Georg Christoph Lichtenberg, Ludwig Wittgenstein) e aproveitado em várias ciências (filosofia, linguagem, educação). No período contemporâneo, a concepção de paradigma chega aos EUA vinda da Inglaterra, “através de discípulos de Wittgenstein”, na década de 50. (BAPTISTA, 2012. p. 124).

Mas o conceito de paradigma mais considerado atualmente surgiu com os estudos de Thomas Kuhn, cuja investigação das estruturas das revoluções científicas possibilitou a pesquisa mais detalhada da formação e mudanças de paradigmas. Para Kuhn, em 1962, paradigmas são “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. (KUHN, 2001, p.13).

Kuhn discute o conceito de paradigma apresentando dois sentidos: o sentido sociológico, considerado como “constelação de crenças, valores, técnicas, etc..., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada.” (KUHN, 2001, 218). O outro sentido, o filosófico, como parte desta “constelação”, é considerado como “as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou

exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal.” (KUHN, 2001, p. 218). Para esse autor, há dois tipos de ciência: a normal (baseada em realizações científicas passadas); e a extraordinária (baseada no surgimento de indícios de novas anomalias). O paradigma controla a comunidade de “praticantes da ciência” e não o “objeto de estudo”.

Essa definição tem sofrido acréscimos ao seu sentido devido à absorção de outros elementos e da conseqüente adequação às áreas em que foram empregados: educacional, filosófica e teológica. Nesta pesquisa, apresentaremos o paradigma mais conhecido que antecede ao contexto atual e que é claramente identificado como científico no desenvolvimento histórico e social da humanidade. Este paradigma tem base na concepção de Descartes e Newton que consiste na linearidade e no mecanicismo que tem regido o mundo, em favor da razão e na negação do que seja sagrado e subjetivo.

De acordo com Baptista (2012, p. 124), o conceito de paradigma utilizado atualmente consiste na “ideia de modelo, visão de mundo, valores ou sistema conceptual que vai se impondo, progressivamente, aos indivíduos e grupos, ou, mais precisamente, à comunidade de pesquisados.”

A mudança de paradigma, para Kuhn, se dá quando se identifica uma anomalia não prevista e que questiona a normalidade, interferindo no desenvolvimento do paradigma. Essa mudança pode ser também considerada um remanejamento ou nova ordenação teórica. Neste processo, ocorrem três tipos de reação: a integração do velho ao novo; a substituição; ou a eliminação ou o congelamento.

Para Leonardo Boff (1995), a mudança de paradigma precisa corresponder a uma lógica de incorporação dos elementos benéficos do paradigma anterior, para que ocorra seu aprimoramento ao interagir com novos elementos trazidos pelo paradigma substituto.

Para Capra:

O paradigma que está agora retrocedendo dominou a nossa cultura por várias centenas de anos, durante as quais modelou nossa moderna sociedade ocidental e influenciou significativamente o restante do mundo. Esse paradigma consiste em várias ideias e valores entrincheirados, entre os quais a visão do universo como um sistema mecânico composto de blocos de construção elementares, a visão do corpo humano como uma máquina, a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, a crença no progresso material ilimitado, a ser obtido por

intermédio de crescimento econômico e tecnológico, e — por fim, mas não menos importante — a crença em que uma sociedade na qual a mulher é, por toda a parte, classificada em posição inferior à do homem é uma sociedade que segue uma lei básica da natureza. (CAPRA, 1996, p.16).

A mudança do paradigma vigente (citado anteriormente) para o paradigma ecológico em formação acontece a partir da crise ecológica atual. Segundo M. L. Pellizoli, esse cenário foi se formando a partir da Segunda Guerra Mundial, possibilitando o nascimento da consciência ético-ambiental; com o surgimento de crises que cobrem diversos âmbitos: como a ameaça velada da guerra fria; da cultura dos anos 60-70; do modernismo; da civilização industrial; do capitalismo/socioambiental; das relações humanas (no trabalho, no mercado e na família). (PELLIZOLI, 2004, p. 93).

Com o aumento dos debates sobre a questão ambiental no mundo, várias ações começaram a ser realizadas para estabelecer medidas de controle e solução de problemas, assim como de estratégias de continuidade para o progresso industrial e tecnológico.

A principal mudança para o novo paradigma baseia-se na crise ecológica, considerada uma consequência do modo de vida baseado na busca pelo progresso e da aquisição de bens materiais, alcançado através de formas de exploração, mas também do aprimoramento das pessoas e da nova visão sobre a natureza.

Algumas prováveis causas sobre a crise ecológica, de acordo com Boff, são: o desequilíbrio da tecnologia vigente, o modelo de desenvolvimento em andamento, modelos (sociedade) liberal-capitalista e socialista; antropocentrismo como sentido de orientação e a ruptura da re-ligação do homem com Deus e a natureza. (BOFF, 1995, p.105). Para o autor, essa significa ser uma “crise do sistema de vida”, que engloba desde a destruição da flora e da fauna à criação de “neuroses urbanas”, suas conexões e consequências. (BOFF, 1995, p.116).

Para Ricardo Braun (2001, p. 28), a raiz da crise ecológica/ambiental, surge da crise econômica e social. Além de essa crise ser consequência, ela também se encontra na base do pensamento e da visão de mundo, que tem como referência o modelo de desenvolvimento fundado no séc. XVIII e suas evoluções, resultando no desequilíbrio econômico e sociocultural moderno.

São várias as causas da atual “insustentabilidade” desse modelo: considerar a terra como só uma fonte de recursos; ilusão antropocêntrica (o ser humano se coloca acima e fora da natureza); a busca por progresso ilimitado (desigualdade);

desperdício e valorização material; visão disfuncional da realidade (a compartimentação afetou toda estrutura social); processo de interesse próprio e disputa exacerbada (valorização individualista e de competição). (BOFF, 2012, p. 67).

O novo paradigma, o ecológico, ainda tem sido muito debatido, porque ele oferece outro panorama do desenvolvimento e das criações do ser humano na sua convivência com a natureza e o planeta. A ideia deste paradigma “concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas”. E tem como base a visão holística ou ecológica, que busca uma totalidade resultante da interdependência entre todos os seres e destes com o meio ambiente em que vivem para ampliação e aprofundamento do sentido de vida. (CAPRA, 1996, p.16). Para Baptista (2011, p.160), “O paradigma ecológico busca estabelecer as novas condições para a manutenção e o crescimento da vida, em todos os sentidos. Por isso abre-se e relaciona-se com todos os aspectos da vida.”.

O novo paradigma reflete sobre o paradigma anterior à luz da ecologia, de três formas: da correção e aperfeiçoamento do antropocentrismo; da revisão da subjetividade moderna; da elaboração do conhecimento através da forma convencional. (MURAD, 2016, p.27). As principais mudanças de um paradigma para outro fazem referência a três aspectos: a primeira, da visão de uma condição, que era “estático-determinista para a processual-contingencial da realidade”; a segunda, da concepção, de uma que foi “isolacionista para uma [...] integracional de todos os seres”; e a terceira, do entendimento de um conceito, “de uma consideração materialista para uma concepção idealista-objetiva do universo.” (BAPTISTA, 2011, p.155).

Ainda segundo Baptista (2011, p.161), Leonardo Boff acredita que o paradigma ecológico tem procurado se desenvolver com a ideia de alcançar todas as esferas da estrutura social, através das ecologias existentes (social, ambiental, mental e profunda). Destas, a social pode ampliar mais o sentido do paradigma ecológico, porque a crise tem a ver mais com o tipo de sociedade do que a forma com que se dá o desenvolvimento. De acordo com Boff (1995, p.59), são 10 as características do Paradigma Ecológico:

- 1) Totalidade/diversidade: todo o complexo cósmico (universo, terra, ser humano) é dinâmico e interligado;

- 2) Interdependência/re-ligação/autonomia relativa: pela interligação há dependência da solidariedade para a coexistência, mas com autonomia e integridade;
- 3) Relação/campos de força: todos compõem uma teia/rede de relações que se mantêm e se alimentam da importância e do papel de cada um neste sistema;
- 4) Complexidade/interioridade: a energia gera complexidade em todos os seres, demonstra o propósito do cosmo como organismo de alta inteligibilidade e organização que é responsável pela criação e condução de todo o processo;
- 5) Complementariedade/reciprocidade/caos: processo em que a totalidade de uma realidade são organizadas dentro da dinâmica do universo;
- 6) Seta do tempo/entropia: destaca a condição de três aspectos que se realizam quase ao mesmo tempo; a partir da existência, de uma existência anterior e de que estas existem simultaneamente; e da compreensão que se dá pela sua história e o tempo registrado;
- 7) Destino comum/pessoal: como todos os seres estão interligados, temos dentro do destino comum o pessoal;
- 8) Bem comum cósmico/bem comum particular: O bem comum engloba toda a comunidade planetária;
- 9) Criatividade/destrutividade: Sobre essa singularidade do ser humano e do poder de interferência na criação;
- 10) Atitude holístico-ecológica/ negação do antropocêntrico: relevância da abertura, inclusão visando à solidariedade entre seres que são criativos e se integram.

A emergência desse paradigma, de acordo com Pellizoli (2004, p.69), indica uma mudança necessária para solucionar a crise ecológica “com orientações mínimas e básicas, em vista da nossa qualidade de vida”, baseada em novos comprometimentos que sejam éticos, solidários e reais.

Todo esse contexto do paradigma ecológico está intrinsecamente ligado às questões de desenvolvimento das sociedades humanas. Dentre os tipos de sociedade que surgiram e ainda estão em progresso, aparecem também as variações de desenvolvimento, que estão quase sempre ligadas às condições encontradas e, posteriormente, produzidas nesse mesmo contexto, que causam

mudanças que são profundas e consequências que influem de forma duradoura no modo de vida e no ambiente em que esses tipos de desenvolvimento se encontram.

Com a globalização, última das variações de desenvolvimento, houve uma aceleração dos processos em praticamente todo o planeta, através da comunicação potencializada pela internet. Com o paradigma anterior, focalizado em base capitalista, inaugurada com o advento da revolução industrial, o desenvolvimento a partir da globalização obteve em pouco tempo níveis importantes, em se tratando do alcance de territórios e da quantidade de produtos negociados em todo mundo. Além dos efeitos de homogeneização de produtos, costumes, valores, afetando o desenvolvimento econômico e social, e por sua vez também o meio ambiente.

Desse processo de globalização e após reais consequências como guerras, doenças, inflação, o crescente problema da fome e da questão ambiental, se tornou necessário pensar um desenvolvimento que tratasse de todos e mantivesse o caminho do progresso econômico e que sustentasse toda estrutura da sociedade, tanto econômica como social e ambientalmente. Assim, idealizou-se o **desenvolvimento sustentável ou ecodesenvolvimento**, outro conceito que possui inúmeras interpretações e análises¹¹.

A busca pela sustentabilidade se insere neste contexto, através de diferentes caminhos, passíveis de críticas e julgamentos, e tem percorrido direções controversas. Ora se fala em *desenvolvimento sustentável*, ora em *sustentabilidade*. Ambas tratam do mesmo objetivo, das condições para sustentabilidade da sociedade. O *desenvolvimento sustentável* privilegia o mercado capitalista e seus processos de exploração, em detrimento do consumo e da exploração *responsável* dos meios naturais; a *sustentabilidade* de forma mais ampla deve contemplar as dimensões e condições necessárias para a aplicação da igualdade de condições. (JACOBI, 2003, p.195).

O ideal do “desenvolvimento sustentável” era implementar práticas de convivência adequada com o meio ambiente, a sociedade e manter o progresso industrial e tecnológico. Este ideal foi definido no Relatório Brundtland da ONU, em 1987, conhecido como “Nosso futuro comum” (1983-87), que se baseia na análise das condições de países considerados do primeiro e terceiro mundo, com

¹¹Para mais informações sobre as consequências do tipo de desenvolvimento ver José Eustaquio Diniz Alves, o artigo *A grande cisão: sucesso humano versus fracasso ecológico*.

referências ao grau de desenvolvimento, mas sem analisar “as causas reais da pobreza e da deterioração ambiental”. (BOFF, 1995, p.106).

Segundo Boff, esta expressão *desenvolvimento sustentável* disfarça o paradigma moderno, seja no capitalismo ou no socialismo, porque só corresponde a um crescimento material, lucrativo em que “a sustentabilidade é apenas retórica e ilusória”.(BOFF, 1995, p.107). O crescimento econômico é o objetivo do desenvolvimento para ambas as sociedades, a terra e as pessoas são consideradas recursos “naturais e humanos”. Esse desenvolvimento foi evoluindo através de mudanças ocorridas de década em década: a partir dos anos 60, o foco era entender o ser humano de forma integral; nos anos 70, com base em concepções de vida alternativa; nos anos 80, com o surgimento das ideias propostas pelo “Ecodesenvolvimento”; e nos 90, com a expansão de uma visão mais específica e real para o contexto mundial, o “desenvolvimento sustentável”. (1995, p. 201).

O Ecodesenvolvimento, ou desenvolvimento sustentável, configura-se no:

estabelecimento de um aproveitamento racional e ecologicamente sustentável da natureza em benefício das populações locais, levando-as a incorporar a preocupação com a conservação da biodiversidade aos seus próprios interesses, como um componente de estratégia de desenvolvimento. (SACHS, 2009, p.53).

Sendo considerado um desenvolvimento com argumento ecológico, mas ainda sob influência da “matriz moderna”, tenta amenizar e controlar os impactos negativos através da rejeição de técnicas muito poluentes, da “quimicalização” de alimentos e de pesticidas. (BOFF, 1995, p.200). O autor, Mauricio Andrés Ribeiro (2000, p. 43), apresenta nove princípios que ele considera básicos no ecodesenvolvimento:

- Aproveitamento dos recursos de cada região;
- O homem é um recurso valioso- Uso social dos recursos;
- Identificação, valorização e emprego de recursos naturais em solidariedade diacrônica com as gerações futuras;
- Redução da poluição: reciclagem dos rejeitos;
- Nos trópicos: aproveitamento da fotossíntese;
- Desenvolvimento de Ecotécnicos;
- Autoridade horizontal que aproveite complementaridade;
- Participação da população;
- Educação para a participação.

Esses princípios demonstram como esse desenvolvimento trabalha a articulação entre a ação do ser humano sobre os recursos naturais, através do envolvimento e da conscientização da população, mas ainda sob um viés pequeno, na lógica do capitalismo.

Ainda dentro da proposta da sociedade sustentável, outro autor, Afonso Murad apresenta três direções (MURAD, 2016, p. 32):

1) O “desenvolvimento sustentável dentro dos parâmetros gerais do sistema”: seria realizado implementando projetos nas áreas econômica, ambiental, social; referindo-se às “profit, planet, people”, temas antes levados por ambientalistas que passaram para empresários e governos. O desenvolvimento sustentável nas empresas focaliza a área econômica, privilegiando a meta “produção e lucro”. Na ambiental visa a mudança para um tipo sustentável de consumo de energia, baseado em materiais e recursos que sejam de origem natural, tratamento das condições de “emissões, efluentes e resíduos” despejados no meio ambiente, e na possibilidade de fazer produtos e serviços voltados ao cuidado com o meio ambiente; e no social, que possibilite condições de trabalho e práticas que sejam benéficos a todos. Segundo o autor, o desenvolvimento sustentável possui dentro das suas propostas, metas e alternativas que possam conciliar ambos os lados, a economia e o meio ambiente. Mas corre o risco de se tornar somente uma publicidade, uma vez que ainda se encontra firmemente atrelado aos princípios que regem o capitalismo, e por isso não tem liberdade de implementar propostas que não se adequam a esse sistema.

2) Alternativas viáveis: muitas alternativas estão sendo propostas levando em consideração a economia, a agricultura, a produção de energia, de resíduos e destinação. Como afirma a carta final da Cúpula dos Povos, de acordo com Afonso Murad,

As alternativas estão em nossos povos, nossa historia, nossos costumes, conhecimentos, praticas e sistemas produtivos, que devemos manter, revalorizar e ganhar escala, como projeto contra-hegemônico e transformador. (CUPULA DOS POVOS 2012).

3) Crítica ao sistema: considera a corrente que discute a mudança dada na economia capitalista, que prega o progresso e propõe “desglobalizar” os meios de

produção, valorizando as produções locais e regionais, a diversidade cultural. E, com isso, estimulando o empoderamento dos sujeitos da economia informal, entre outros aspectos.

Desse modo, de acordo com o conteúdo apresentado, podemos chegar ao entendimento de que os conceitos desenvolvimento e sustentabilidade são conflitantes e equivocados quando utilizados como um único conceito; e possuem várias interpretações, dependendo da instituição e dos estudiosos desse tema. Essas condições se devem à origem de ambos, sendo conflitantes porque pertencem a áreas diferentes: o desenvolvimento, em sua origem, remete à área econômica e busca evolução ligada a aquisições materiais. A sustentabilidade provém da área biológica e ecológica e constitui-se no equilíbrio e cooperação, voltada ao coletivo. São considerados equivocados quando não representam a real dimensão dos problemas, tratando de forma superficial questões que necessitam de uma análise e ação mais metódica e aprofundada.

Para a ONU, cuja atuação ocorre em nível mundial e que desenvolve programas que contemplam várias questões relevantes, o conceito desenvolvimento sustentável;

está estreitamente vinculado ao processo de globalização. Os problemas e desafios aos quais a promoção do desenvolvimento sustentável se referem são de alcance mundial – na verdade, estão relacionados com a sobrevivência do planeta como morada da sociedade humana. (ONU, 2005, p.30).

A sustentabilidade, ligada frequentemente ao desenvolvimento, obedece também de certa forma à dinâmica da globalização, utilizando suas ferramentas (mídias, sistemas de gestão e etc.) para dar continuidade ao processo que visa condições de sustentabilidade em várias esferas da estrutura social e reorganiza-se para tratar a dimensão principal que influi no desenvolvimento e no processo sustentável, o meio ambiente e as relações tecidas a partir dela. Assim, para a ONU, após anos de debates e ações voltadas às questões ambientais e suas consequências, a sustentabilidade adquiriu outra contextualização:

Sustentabilidade refere-se às maneiras de se pensar o mundo e as formas de prática pessoal e social que levam a:

- indivíduos com valores éticos, autônomos e realizados;
- comunidades construídas em torno a compromissos coletivos, tolerância e igualdade;
- sistemas sociais e instituições participativas, transparentes e justas;

•práticas ambientais que valorizam e sustentam a biodiversidade e os processos ecológicos de apoio à vida. (ONU, 2005, p.30)

De acordo com Leonardo Boff (2012, p.31), a palavra sustentabilidade é de origem latina, e possui dois sentidos: o positivo (conservar, manter, proteger, nutrir) e o negativo (segurar, suportar, impedir a queda). O termo nasceu do ramo da Silvicultura (manejo das florestas), atividade presente desde o período antigo à Idade Moderna, pois a madeira era a principal matéria-prima para muitas atividades, equipamentos e serviços. Ela foi muito utilizada na época das conquistas por Portugal e Espanha, nos séculos XIV e XV. Com a crescente preocupação com a exploração das florestas desde 1560, na Alemanha, na região da Saxônia, surgiu a palavra sustentabilidade (*nachaltigkeit*), que sintetizava essa preocupação com o destino das florestas.

Em 1713, o termo foi empregado como conceito estratégico pelo Capitão Hans Carl Von Carlowitz, em seu tratado *Nachaltigkeit wirtschaften* (Organizar de forma sustentável) para o cuidado do uso da madeira; e em 1795 foi lançado o livro sobre florestas de Carl Georg Ludwig Hartig, sob o título *Indicações para a avaliação e a descrição das florestas*. Desde esse período até a década de 70 do século XX, o termo foi utilizado na área da Silvicultura através de várias academias fundadas na Alemanha para estudo desse ramo.

No período contemporâneo, a partir de 1972, o conceito foi incorporado às discussões sobre o meio ambiente na primeira conferência mundial “Sobre o Homem e o Meio ambiente” e a criação do PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente; em 1984, com a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e em 1987, no Relatório Brutland, quando foi utilizada a expressão desenvolvimento sustentável.

Em 1992, no Rio de Janeiro, na Cúpula da Terra, vários documentos foram produzidos sobre Sustentabilidade, como a Carta da Terra; em 2002, em Johannesburgo, em outra Cúpula da Terra foi debatida a sustentabilidade e o desenvolvimento; e em 2012¹², em nova Cúpula da Terra, na RIO+20, sobre “Sustentabilidade, economia verde, governança global do ambiente” (BOFF, 2012, p.33-35). Em 2015, na sede da ONU, na Cúpula de Desenvolvimento Sustentável,

¹² Obs: as conferências a partir desta data (2012) não estão registradas neste livro de Leonardo Boff, porque o livro foi lançado em 2012.

foram definidos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) ¹³, que fazem parte da Agenda para o Desenvolvimento Sustentável, com prazo até 2030, conhecida como Agenda 2030.

Dentre as várias interpretações do conceito de sustentabilidade, optamos pelo de Leonardo Boff, porque apresenta uma visão mais completa do processo de sustentabilidade. Para o autor a:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução.” (BOFF, 2012, p.107).

Essa interpretação nos possibilitará a análise da sustentabilidade em várias dimensões e segmentos, dentro do programa Gaia Education. Para Leonardo Boff, o conceito de sustentabilidade possui dois entraves: a condição antropocêntrica, que orienta o ser humano, e a ausência de referências à “comunidade de vida”. E para se ter uma “compreensão holística” do que compõe o novo paradigma, ele apresenta a sustentabilidade como um sistema que deve considerar as condições que são imprescindíveis para a manutenção da vida de todo o complexo global, que incluem todos os seres vivos: a terra, o ser humano, o meio ambiente e também os processos: desenvolvimento evolutivo, “o atendimento das necessidades humanas”, e a sustentação da atual geração e das próximas. (2014, p.165).

Dentro desse complexo da sustentabilidade, Boff (2012, p.41-62) destaca vários modelos-padrão de desenvolvimento sustentável que têm sido aplicados em nosso atual contexto, como:

- Sustentabilidade retórica: seu desenvolvimento se baseia no lema “Para ser sustentável o desenvolvimento deve ser economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente correto”;
- Neoliberalismo: modelo que dá continuidade ao modelo de exploração e desigualdade;

¹³ “Transformando Nosso Mundo”, com objetivos (17) e metas(169) a serem cumpridos até o ano de 2030.

- Capitalismo natural: este também dá continuidade ao modelo anterior com a diferença de apresentar propostas de controle e uso do espaço;
- Economia verde: propõe harmonia entre ecologia e economia, mas mantendo uso de agrotóxicos e outras condições;
- Ecosocialismo: propostas de produção de acordo com os ciclos naturais e economia humanística;
- Ecodesenvolvimento ou bioeconomia: baseado nos estudos de Ignacy Sachs sobre diminuição da desigualdade social, cidadania, valorização das diferenças culturais e de valores éticos, “cuidado permanente do meio ambiente”;
- Economia solidaria e a micro-sustentabilidade viável: seu desenvolvimento tem enfoque no ser humano, no trabalho como criação, solidariedade, “autogestão democrática”, qualidade de vida e trabalho melhorados, local depois global. Realiza-se através de cooperativas, fundos rotativos, ecovilas, banco de sementes, comércio justo e solidário;
- “O bem-viver dos povos andinos”: propõe visão holística e integradora do ser humano com e na natureza, com o cosmo (sol, lua, estrelas); harmonia, consumismo suficiente e de acordo, clara dimensão espiritual, reutilização, reciclagem.

De acordo com Leonardo Boff, alguns destes modelos estão em desenvolvimento, outros não, mas todos possuem dificuldades. O autor aponta para três questões que ele considera serem problemáticas para o processo da sustentabilidade: a superpopulação humana (crescimento rápido da população mundial por ano); a produção de alimentos (limites da terra); e a governança global (conflitos de liderança e cooperação). Mas dentre os modelos-padrão apresentados, o que poderia alcançar a ideia da sustentabilidade ideal seria a “economia solidaria e a micro-sustentabilidade viável”, por ela oferecer uma integração do ser humano com os valores éticos, sociais e as dimensões espiritual e ambiental.

De acordo com outro autor Ignacy Sachs, a sustentabilidade possui dimensões e critérios. Suas dimensões são: a Social (e cultural); do meio ambiente (distribuição territorial), a econômica (influi no ambiente de acordo com o desenvolvimento econômico); a política (do sistema internacional). (SACHS, 2000, p.

71). E os critérios são: social, cultural, ecológico, ambiental, territorial, econômico, e ainda a política nacional e a política internacional. (SACHS, 2000, p. 85).

Pela característica de integração (ser humano + valores + dimensões) que a sustentabilidade propõe, algumas instituições elaboram propostas para o seu desenvolvimento, como as Nações Unidas, que considera a sustentabilidade como um processo. A ONU, dentro dessa área (Sustentabilidade), estabeleceu medidas de abordagem e tratamento das questões ambientais, juntamente com a área social, cultural e econômica, através de um programa de Educação para o Desenvolvimento Sustentável:

O programa Educação para o Desenvolvimento Sustentável trata fundamentalmente de valores tendo como tema central o respeito: respeito ao próximo, incluindo às gerações presentes e futuras, à diferença e à diversidade, ao meio ambiente e aos recursos existentes no planeta que habitamos. (ONU, 2005, p.18).

O programa faz parte da “Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável - 2005-2014 das Nações Unidas e tem como objectivo mobilizar os recursos educacionais do mundo para criar um futuro mais sustentável” (ONU, 2015).

O objetivo global da Década é integrar os valores inerentes ao desenvolvimento sustentável em todos os aspectos da aprendizagem com o intuito de fomentar mudanças de comportamento que permitam criar uma sociedade sustentável e mais justa para todos (ONU, 2005, p.16).

A partir desse programa foram elaboradas e desenvolvidas ações em várias frentes, com objetivo de solucionar problemas e manter a médio e longo prazo as condições adequadas e reais para a sociedade global e o planeta:

Sete estratégias interligadas são propostas para a Década: mobilização e prospectivas; consulta e responsabilização; parceria e redes; capacitação e treinamento; pesquisa e inovação; tecnologias de informática e comunicação; e avaliação. (ONU, 2005, p.20).

Essas estratégias podem ser identificadas em projetos que foram idealizados em parceria, tanto por instituições governamentais quanto por organizações não governamentais e outros tipos, como o Programa Gaia Education, que faz parte da “década da educação” e também é parceira em outros projetos.

Os cursos realizados sob a marca Gaia Education estão em consonância com as estratégias citadas, mas foram desenvolvidos a partir de outras bases.

No tópico seguinte, abordaremos como a sustentabilidade pode ser desenvolvida dentro do programa, em quais ambientes e atividades; como se insere nas propostas de educação para a sustentabilidade que fazem parte da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, implementada pela ONU, que propõe atingir desde o nível local ao internacional.

1.3 Sustentabilidades no Programa Gaia education e nas Ecovilas no Brasil – O caso Ecovila Terra Una.

O processo de desenvolvimento de uma metodologia que visa a sustentabilidade pode ser implementado através de alguns mecanismos, dentro da diversidade de áreas, seja ambiental, social ou cultural, dando ênfase a partir do ambiente de uma Ecovila e como outras metodologias consideradas complementares são empregadas. Como destacamos anteriormente, a sustentabilidade pode ser colocada em prática de diversas formas, de acordo com a dimensão a ser trabalhada. Com a variedade de objetivo, ações, equipamentos, pode - se desenvolver em vários ambientes e tempos.

No Brasil, e em outros países, muitos empreendimentos que visam a sustentabilidade são desenvolvidos através de práticas, muitas delas aplicadas em áreas ocupadas por comunidades intencionais ou comunidades sustentáveis, conhecidas como Ecovilas. De acordo com Braun, estas comunidades, conhecidas também como condomínios alternativos, “são formadas por grupos e pessoas que decidem morar juntas guiadas por princípios puramente ecológicos ou espirituais, culturais ou socioeconômicos.” (BRAUN, 2001, p.16).

As Ecovilas, segundo esse autor, podem ser consideradas como um modelo específico destas comunidades intencionais e sustentáveis. Elas utilizam as mesmas práticas cotidianas, voltadas ao estilo de vida natural com base espiritual. Com a expansão das Ecovilas, foi consolidada em 1995 a Rede Global de Ecovilas (GEN-Global Ecovillage Network), pelo Gaia Trust, uma associação de caridade fundada em 1987, na Dinamarca, financiada pela empresa Gaia Corp, que mantêm a GEN e o Gaia Education. Na *Conferência sobre Ecovilas e Comunidades Sustentáveis – Modelos para o Século XXI*, com o objetivo de “apoiar a transição para uma sociedade futura sustentável e mais espiritual através de doações e iniciativas proativas”. Essa rede é composta por seis redes regionais espalhadas por todo

mundo: GEN África, GEN Europa, América Latina (CASA), GENNA América do Norte, GENOA Oceania e Ásia, e a mais recente GEN Crescente Fértil no Oriente Médio. De acordo com a GEN:

Uma ecovila é uma comunidade intencional, tradicional ou urbana que é projetada conscientemente por meio de processos participativos de propriedade local em todas as quatro dimensões da sustentabilidade (social, cultural, ecologia e economia) para regenerar ambientes sociais e naturais. (GEN, 2018).

As Ecovilas podem ser encontradas em ambientes rurais ou urbanos e classificadas em:

- **tradicionalis** - aldeias e comunidades rurais existentes que decidem projetar seu próprio caminho para o futuro, usando processos participativos para combinar sabedoria tradicional sustentadora da vida e inovação positiva.
- **intencional** - criado por pessoas que se reúnem novamente com um propósito ou visão compartilhada. (GEN, 2018)

E podem ser identificadas por três práticas principais:

1. Estar enraizado em processos participativos locais
2. Integrando as dimensões social, cultural, econômica e ecológica em toda uma abordagem de sistemas para a sustentabilidade
3. Ativamente restaurando e regenerando seus ambientes sociais e naturais.(GEN, 2018).

As Ecovilas realizam um processo de desenvolvimento contínuo, são projetadas pelas próprias comunidades e concentram seu trabalho nas quatro dimensões da sustentabilidade: Social, Cultural, Ecológica e Econômica. Outros exemplos de projetos que podem ser considerados Ecovilas são: centros educacionais e de permacultura, escolas verdes, fazendas agroecológicas, empreendimentos que trabalham transição, sociais e comunitárias, grupos que atuam na rede. (GEN, 2018).

De acordo com a GEN, no mundo, estima-se que estão em funcionamento 10 mil comunidades e dentre elas as ecovilas, e no Brasil em torno de 99¹⁴ ecovilas e 130 comunidades. A primeira Ecovila registrada foi a Fundação Findhorn na Escócia, em 1962. Suas atividades são baseadas na educação para uma vida

¹⁴ Mapeamento de Ecovilas e Comunidades Alternativas do Brasil. Siqueira, Gabriel Dreads, 2010. Esta pesquisa está em processo de atualização.

comunitária com “ênfase no processo de sustentabilidade ecológica, cultural, econômica e espiritual.” (BRAUN, 2001, p.16).

Em 1996, o conceito de Ecovilas foi aceito e incorporado através do Programa de Desenvolvimento de Comunidades Sustentáveis (SCDP) e reconhecida em 1998, como uma das 100 melhores práticas de sustentabilidade pela ONU. As ecovilas têm colocado em execução alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): a ODS de número 11 busca “tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.”; a ODS de número 12 quer “assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis” e a ODS de número 13 propõe “tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e os seus impactos”. As propostas visando a ODS 11 terão como base o desenvolvimento de ferramentas para implementar cinco programas de Ecovilas:

- **Programa de Incubação da Ecovila:** criar novas comunidades intencionais e ecovilas;
- **Transição Ecovila/Programa de Desenvolvimento:** desenvolver assentamentos existentes em ecovilas nos níveis regional e nacional (veja o [Programa Pan-Africano de Desenvolvimento da Ecovila](#));
- **Programa Escolas Verdes para Comunidades Sustentáveis:** criar escolas verdes como centros de desenvolvimento sustentável para toda a comunidade;
- **Programa de Emergência:** reconstruir comunidades após desastres ou com refugiados (veja a [Nota de Conceitos Emergenciais](#));
- **Programa de Eco-Bairros Urbanos.**(GEN, 2018).

As ecovilas partilham de princípios em comum a partir também do desenvolvimento da permacultura¹⁵, que apresenta condições como o respeito pela natureza, o desenvolvimento de agricultura e alimentação orgânica, tecnologias alternativas, dinheiro alternativo, arquitetura ecológica, atenção à espiritualidade, integração social dentre outros. (BRAUN, 2001, p.43). Com a GEN, as ecovilas estabeleceram intercâmbios entre elas e a comunidade externa, desenvolvendo a interação e a dinâmica com o entorno, criando, assim, outras demandas e tecnologias sustentáveis.

Assim, com o crescimento das Ecovilas, a GEN através da GEESE (Global Ecovillage Educators for a Sustainable Earth) Educadores de Ecovilas para uma

¹⁵ Permacultura: “é um método holístico para planejar, atualizar e manter sistemas de escala humana(jardins, vilas, aldeias e comunidades) ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis.”(MBECOVILAS,2015).

Terra Sustentável, criou a metodologia de ensino *Gaia Education* em 1998, em Fjorvang, na Dinamarca, que foi desenvolvida a partir da experiência desse grupo de educadores em suas ecovilas. Essa metodologia se encontra em consonância com as referências da ONU para a educação para sustentabilidade:

Educação para o desenvolvimento sustentável focaliza, assim, os princípios e valores transmitidos por intermédio da educação e está voltado mais que as outras três iniciativas para o conteúdo e o propósito da educação, e, mais amplamente, para todos os tipos de ensino. Conceber e estruturar o movimento Educação para o Desenvolvimento Sustentável também questiona todas as formas de se fazer educação para que adotem práticas e abordagens que promovam os valores do desenvolvimento sustentável. Portanto, a Educação para o Desenvolvimento Sustentável deve, também, ser incorporada aos processos pedagógicos, à validação do saber e ao funcionamento de instituições educativas. (UNESCO, 2018, p.32).

Essa metodologia tem o objetivo de disponibilizar o conhecimento e as habilidades adquiridas no desenvolvimento das Ecovilas. Como a GEN, o Gaia Education também tem o apoio do Gaia Trust. Esse programa é internacional e atua há 13 anos com educação para a sustentabilidade, presente em todos os continentes, em 50 países, e conta com a parceria de 142 organizações e com o total de mais de 17.000 graduados. (GEESE, 2012).

Atualmente, o Gaia Education¹⁶ também faz parte do Programa de Ação Global da UNESCO, que compõe a Educação para Desenvolvimento Sustentável (EDS), motivado pela Década de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), com o objetivo de implementar os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

No Brasil, o programa Gaia Education é aplicado em 17 ambientes entre Ecovilas, Universidades, Ecobairro¹⁷, Comunidades e Institutos e está presente nas 5 regiões e em alguns estados: Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Amazonas, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Bahia desde 2006. (BÔLLA, 2014, p.99)

Esse programa oferece a *Educação em Design de Ecovilas - EDE* e o curso virtual e presencial *Gaia Education Design - GEDS para a Sustentabilidade*. O conteúdo desses cursos apresenta experiências nas quatro dimensões em que

¹⁶“Em 2014, a Gaia Education desenvolveu o novo fluxo de atividades Aprendizagem Baseada em Projetos, apoiando a implementação liderada pela comunidade dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.”

¹⁷Bairros que implementam atividades realizadas em ecovilas, com o objetivo de se tornarem sustentáveis dentro da área urbana.

é organizado: social, econômica, ecológica e a visão de mundo, e podem ser adaptados para escolas, empresas, cidades e ecovilas.

Quando o programa é aplicado em ecovilas, também se consideram junto ao curso as práticas comuns a cada uma; e, com este conteúdo e as práticas inerentes a cada módulo, promove consistente contato com a comunidade do entorno, contribuindo para a manutenção do estilo de vida vigente nas regiões em que se localizam, fortalecendo organizações comunitárias, a educação e a cultura; assim, como a economia local, com o uso de produtos feitos por fornecedores locais.

Em Minas Gerais, o programa está presente na Ecovila Terra Una, em Liberdade; na Ecovila *Viver Simples*, em Itamonte; e em Belo Horizonte, em instituições parceiras (Escola da Serra, Novo Mundo de Yacarántã: comunidade de aprendizagem agroflorestal). Nesse estudo, o programa analisado será a partir da Ecovila Terra Una. Essa ecovila está situada em 48 hectares no município de Liberdade/MG, dentro da APA da Serra da Mantiqueira. A Terra Una promove o curso Gaia Education Design para a Sustentabilidade desde 2006. O curso é realizado durante todo o ano em formato de módulos (10 dias cada), de método imersivo que promove a convivência com os moradores da ecovila, onde se realizam várias atividades inerentes ao curso e à vida desse ambiente.

Além do programa, outras atividades são realizadas como a residência artística e musical, o ponto de cultura, encontros biorregionais da Mantiqueira, voluntariado e outros projetos de curta duração (palestras, cursos) entre outras atividades. A Ecovila também se encontra aberta para visitas do público externo com o objetivo de divulgar a estrutura do local:

Terra UNA também é uma ONG que trabalha para promover e apoiar ações transdisciplinares que visam à sustentabilidade ecológica, o redesenho social e o desenvolvimento integral do ser humano. Para tal, atua em MG, RJ e SP, em zonas urbanas e rurais, realizando eventos e projetos nas áreas socioambiental, econômica, artístico-cultural, terapêutica e educacional. (TERRA UNA, 2014).

O espaço em que se situa a Ecovila faz parte da região de Mata Atlântica, área rural que proporciona experiência mais direta com um tipo de convivência que busca integrar o sujeito de forma mais natural e sem prejuízos ao ambiente, através de práticas de tratamento de água, agroecológico (agroflorestal) e atividades que promovem a interação entre pessoas de variadas regiões, profissões e crenças.

As ecovilas tornam-se incentivadoras de mudanças significativas, sendo essa uma das características que as definem, seja rural, suburbana ou urbana, especialmente a integração das atividades humanas sem danos ao mundo natural. A estrutura de uma ecovila se pauta em valores:

Reconhecer e relacionar com os outros, o compartilhamento de recursos comuns e fornecendo ajuda mútua, enfatizar as práticas de saúde holísticas e preventivas, proporcionar um trabalho significativo e sustento a todos os membros, integração de grupos marginais, promover a educação sem fim, incentivar a unidade através do respeito pelas diferenças e promover a expressão cultural". (TERRA UNA,2014).

Essa Ecovila nasceu da união de um grupo de amigos que se reuniam para passar algum tempo junto à natureza. Após um tempo iniciaram projetos neste local com objetivo de realizar atividades que contribuíssem para a valorização do ambiente e seu entorno. A Terra Una iniciou-se como uma associação, com membros efetivos, colaboradores, aspirantes e amigos. Os membros efetivos e fundadores adquiriram o terreno e alguns deles construíram suas moradias próximas às dependências da Ecovila. O nome Terra Una, forma um acróstico:

Trabalhar
Espiritualmente
Realizando e
Reverenciando o
Amor, a
União, a
Natureza e a
Arte

Na área central da Ecovila se encontra a casa principal amarela, local do preparo de alimentos e refeições, e acima dela se encontram os dormitórios e banheiros, área de camping, área de serviço (espaço para lavar e secar roupas), grande salão (cursos) e sauna. No entorno dessa área, está a casa para hospedar os participantes do Programa Gaia e da Residência artística e Musical. Há também duas cachoeiras e outras áreas onde são praticados cultivos de várias espécies para aprendizagem de técnicas de agroecologia, viveiro de mudas e hortas. Os módulos do programa são realizados no grande salão e também ao ar livre, principalmente as aulas do módulo ecológico.

As dimensões têm alguns pontos que são intercalados e intercambiáveis, e cada módulo apresenta um elemento de outro módulo, para que dessa forma possa se estabelecer uma conexão. Assim, o participante que quiser iniciar o curso pode

fazê-lo por qualquer módulo e em qualquer período, não sendo obrigatório concluí-lo durante o ano em que foi iniciado. Essa dinâmica mantém o aluno ligado aos temas propostos pelo curso. (GAIA EDUCATION, 2018).

O Programa é realizado de formas diferentes, dependendo do ambiente, e na Ecovila Terra Una os cursos seguem a metodologia de imersão. O participante fica dentro da área da ecovila durante os dias do módulo aplicado, vivenciando o cotidiano desse ambiente. Outra forma é o curso que ocorre na capital do Estado do Rio, numa instituição parceira. Nesse caso, o participante frequenta as atividades em determinado horário e dia e é ofertado um período de estágio na ecovila.

O curso é aplicado por facilitadores, certificados pelo Gaia Education, através de cursos de Formação. Além dos facilitadores, que normalmente são moradores e fundadores da Ecovila, também são convidados palestrantes, de acordo com a temática, e que já tenham desenvolvido alguma experiência na área da sustentabilidade.

Toda a estrutura administrativa, arquitetônica e educacional de Terra Una baseia-se em tecnologias sociais sustentáveis, como o banheiro seco (serragem), compostagem, utilização de gás para aquecimento da água, separação da água utilizada na cozinha (água cinza), utilização de produtos naturais tanto para moradores quanto para os participantes do curso, utilização da bioconstrução para futuras construções na área da ecovila, prática agroflorestal e agroecológica. Também são desenvolvidas ações como tomada de decisão e fóruns que tratam de temas como comunicação não-violenta, dentre outros. A proposta pedagógica deste programa é diferenciada:

Nossa proposta pedagógica é centrada na Ecoalfabetização, abordagem criada pelo físico austríaco Fritjof Capra, que traz a visão do pensamento sistêmico aplicado à educação. Também nos inspiramos nas concepções de Humberto Maturana. Nos tratamos como comunidade de aprendizagem pois entendemos que todos estamos aprendendo nesse processo. Queremos formas de estar no mundo mais divertido e saudável, de modo a criar comunidades sustentáveis. (TERRAUNA, 2018).

O Programa se baseia na Pedagogia de Aprendizagem Vivencial, “É todo um estilo de aprendizagem do corpo – ao mesmo tempo em que se vive também se aprende.” EDE (2012). Também na permacultura, outra metodologia que contém muitos elementos para uma mudança sustentável, e com a qual os moradores da ecovila e facilitadores do programa Gaia compartilham com os participantes e

vizinhos próximos, e da cidade de Liberdade, aplicando as técnicas sustentáveis apropriadas, trocando e adaptando outras utilizadas pela comunidade local. As condições proporcionadas por esses ambientes, no entorno dessas comunidades locais, possibilitam um campo favorável para o desenvolvimento da educação sustentável.

Portanto, a educação para o desenvolvimento sustentável deve estar enraizada no nível local – com o objetivo de se dirigir à realidade das pessoas comuns – e deve fornecer ao contexto global os meios de se lidar com estes fenômenos. Novamente, os quatro elementos relacionados com o desenvolvimento sustentável – sociedade, meio ambiente, economia e cultura – estão em destaque nos planos local e global e entre todos os outros planos intermediários. (ONU, p.78).

No Programa Gaia education a educação para a sustentabilidade se realiza através de uma dinâmica presente na estrutura do curso em dois momentos: o primeiro se desenvolve por meio das quatro dimensões e dos temas tratados que são referentes às consequências de problemas de origem ambiental, econômica ou social, identificados em âmbito geral e que refletem na nossa estrutura social. Assim, também, como questões mais específicas que derivam destas que surgiram no contato com o ambiente em que o curso é realizado, seja numa ecovila (área rural ou urbana) ou outra instituição (escola e/ou universidade) que envolvem vários segmentos, como o comércio justo; a bioconstrução, a valorização das tradições locais, entre outros. No segundo momento se desenvolve de acordo com a dinâmica das pessoas que residem no local e no entorno, junto aos participantes dos cursos e de outras atividades que são pessoas provenientes de várias regiões do país e trazem uma diversidade de costumes e valores. Realiza-se, assim, durante os módulos, uma permanente reordenação de conhecimento e de aprendizagem em torno do conteúdo do programa, contribuindo para um processo criativo e sustentável.

Dentro da discussão sobre Educação para a Sustentabilidade do Programa Gaia Education, que estamos abordando, daremos destaque no próximo capítulo ao Curso Eco design e a perspectiva do paradigma ecológico, às metodologias que são utilizadas e outras que perpassam o conteúdo do Programa como a permacultura e a ecopedagogia.

CAPÍTULO 2

2. O CURSO ECO DESIGN E A PERSPECTIVA DO PARADIGMA ECOLÓGICO

O novo horizonte gerado pela ecologia e pelo paradigma ecológico propiciou mudanças em todos os setores. Isso atingiu a educação e a oferta de cursos nessa perspectiva. Neste capítulo será abordada a segunda parte da pesquisa que terá como foco a educação e o Curso Eco design, na perspectiva do paradigma ecológico.

Na primeira parte, *A Educação na Contemporaneidade: desafios e mudanças*, através de um panorama da educação, vamos apresentar o seu desenvolvimento no Brasil, apontando alguns aspectos que demonstram sua condição atual, possibilidades de mudança e desafios importantes.

A seguir, se discutirá, na segunda parte, *A educação na perspectiva do paradigma ecológico*, abordando quais os tipos de metodologia educacional, voltados para a questão ambiental, optamos por pesquisar no Programa Gaia Education. Destacam-se a origem e a evolução dessas metodologias educacionais: Educação ambiental, Ecopedagogia; e também a Permacultura, identificadas com a proposta do paradigma ecológico.

Na terceira e última parte, *O curso Eco Design e o paradigma ecológico*, vamos destacar a metodologia do Programa, sua estrutura, conteúdo, capacitação dos facilitadores e material didático, que são aspectos que fazem parte do projeto do curso Eco design em sustentabilidade e demonstram sua ligação com os princípios identificados no paradigma ecológico.

2.1 A educação na contemporaneidade: desafios e mudanças

A educação é considerada a primeira via por onde a consciência ecológica se desenvolve. Neste tópico daremos destaque a algumas condições em que se encontra a educação brasileira, a partir de um panorama sobre a história da educação no Brasil, seguida de uma introdução sobre a educação direcionada à questão ambiental. O objetivo é demonstrar como a educação foi construída no país e os desafios que tem enfrentado. O debate sobre os aspectos apresentados neste

tópico não tem a pretensão de definir ou concluir uma análise sobre a formação educacional brasileira, mas apresentar alguns elementos para situar o horizonte educacional do país. A abordagem sintetizada do tema educação tem como finalidade situar o contexto para que possamos destacar a necessidade e o desenvolvimento da educação para a sustentabilidade, condição que afeta todo o mundo, em diferentes proporções, mas com muitos aspectos em comum.

Para esse enfoque, utilizaremos os autores Maria Lúcia de Arruda Aranha, Demerval Saviani e Cipriano Carlos Luckesi, dentre outros. Busca-se apresentar a trajetória da educação sem a intenção de estabelecer um debate acerca da constituição da educação, assunto muito complexo e que demanda outras abordagens. O desenvolvimento desse panorama será realizado através da apresentação das tendências pedagógicas brasileiras para que possamos contextualizar melhor o desenvolvimento da educação para a sustentabilidade.

Tendências pedagógicas são, de acordo com os autores Saviani (2013), e Luckesi (1991), teorias filosóficas (o sentido) e políticas (para ação) que orientam as práticas educacionais em variados contextos históricos na educação mundial e brasileira, direcionando a atuação dos professores, das escolas e contribuindo para a formulação dos conteúdos e “pressupostos de aprendizagem”. Essas tendências de cunho filosófico e político interpretam a educação por três conceitos distintos: a “educação como redenção, educação como reprodução, educação como meio de transformação da sociedade”. (LUCKESI, 1991, p.37).

A tendência *redentora* preza pela integração harmônica do indivíduo à sociedade, em prol da coesão social e manutenção dos “laços sociais”; a *reprodutora*, afirma a condição da educação como parte da sociedade e como tal deve reproduzi-la; e a *transformadora*, tem como objetivo promover a educação ao indivíduo através dos condicionantes da própria sociedade e a sua transformação por meio da mediação. (LUCKESI, 1991, p.38-48).

Dessas tendências foram desenvolvidas a *Pedagogia Liberal* e a *Pedagogia progressista*. A Pedagogia liberal é compreendida como tradicional, renovada (progressista, não-direcionista), e tecnicista:

A doutrina liberal apareceu como justificativa do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada

sociedade de classes. A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade. (LUCKESI, 1991, p.54).

Já a Pedagogia progressista é composta da libertadora, da libertária e da crítico-social dos conteúdos ou histórico-social.

O termo "progressista", emprestado de Snyders, é usado aqui para designar as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação. Evidentemente a pedagogia progressista, não tem como institucionalizar-se numa sociedade capitalista; daí ser ela um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais. (LUCKESI, 1991, p.63).

Essas tendências permearam a história da educação brasileira desde o princípio do seu desenvolvimento. De acordo com Saviani (2013), considerando todo o período de desenvolvimento e interação destas tendências, a tendência liberal iniciou-se em 1549 até 1985 e a tendência progressista de 1960 a 2001. Outros autores consideram as datas sem essa extensão, mas a maioria está em concordância com Saviani. O desenvolvimento dessas duas Pedagogias, no decorrer da história da educação brasileira, ocorreu uma após a outra ou paralelamente, continuando com mais predominância ou não em determinados períodos, conforme veremos a seguir.

Para termos um entendimento melhor, optamos pela divisão da constituição da história da educação através das fases das tendências pedagógicas.

2.1.1 Pedagogia Liberal e Pedagogia Progressiva na Educação Brasileira

As tendências pedagógicas que cobrem a primeira fase da constituição da educação brasileira são as Liberais tradicionais e a Renovada (progressista e a não-direcionista), que se iniciaram em 1549 e se estenderam até 1969.

Para Saviani (2005), a tendência liberal renovada se divide em duas vertentes: leiga ("natureza humana"), e a religiosa ("Tomismo e neotomismo"). Mas vamos considerar a nomenclatura mais utilizada, pedagogia liberal renovada progressista e a não-direcionista, conhecidas como ramos da Escola Nova. Segundo Luckesi (1991, p.54) "o termo liberal não tem o sentido de 'avançado', 'democrático',

‘aberto’, como costuma ser usado”, tem a ver com o tipo de sociedade desenvolvida pelo capitalismo.

Historicamente, a educação liberal iniciou-se com a pedagogia tradicional e, por razões de recomposição da hegemonia da burguesia, evoluiu para a pedagogia renovada (também denominada escola nova ou ativa), o que não significou a substituição de uma pela outra, pois ambas conviveram e convivem na prática escolar. (LUCKESI, 1991, p.55).

A primeira fase da educação brasileira comporta vários eventos que se iniciaram a partir das três iniciativas educacionais que correspondem às datas: em 1549, primeiro com os Jesuítas, que permaneceram no Brasil até 1759; 1772, com a reforma do ensino do Marques de Pombal; e em 1808, com a chegada da família real, dando continuidade à educação com base estrutural de uma sociedade rural-agrícola.

Essa tendência continuou com a reforma educacional em 1890, por Benjamin Constant no Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos. E depois com a Constituição de 1891, que reafirma a “descentralização do ensino”, mas continua “o sistema dual de ensino”. (ARANHA, 1996, p.99-197).

De acordo com Saviani considera-se este período da pedagogia liberal tradicional, devido ao fato de ser concebida sob influência dos ideais da Revolução Francesa, do movimento liberal no ocidente e depois pelo capitalismo, no séc. XIX. Era baseado no *Ratio Studiorum* (metodologia de ensino baseado na escolástica), de caráter universalista (adotado por todos os jesuítas) e elitista (só para filhos de colonos). (SAVIANI, 2013).

Após essa fase tradicional, a partir de 1932, inicia-se a tendência Liberal renovada progressista. Segundo Saviani, a tendência Liberal renovada desenvolveu durante todo o período citado, várias fases na consolidação da Escola Nova. “A escola renovada propõe um ensino que valoriza a autoeducação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo” (LIBANEO, 1992, p.02).

De acordo com outro autor (ARRUDA, 1988), a Escola Nova já estava em desenvolvimento como movimento em países como Inglaterra e França desde o século XIX. (1988, p. 286).

No Brasil ele chega nas primeiras décadas do século XX, quando se registram poucas mudanças na educação brasileira. Somente após a Primeira Guerra Mundial

(1914-1918) surgem os movimentos a favor da escola pública para todos, que se consolidaram no movimento chamado “Escola Nova”¹⁸, e cuja expressão “Otimismo pedagógico” representa esse movimento, fazendo frente ao ensino tradicional (elitista, acadêmico e católico), na fase da tendência liberal renovada progressiva. Esse movimento foi liderado por notórios estudiosos da época, como Anísio Teixeira (1900-1971), Fernando Azevedo (1894-1974) e Lourenço Filho (1897-1970) dentre outros¹⁹. Em 1932 foi publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em prol de uma educação que fosse pública, obrigatória, leiga e gratuita para todos, sem distinção de classe e de alcance nacional, sendo de responsabilidade do Estado. (ARANHA, 1996, p.198). Essa tendência, de acordo com Libâneo, promove o processo de aprendizagem que

depende da força de estimulação do problema e das disposições internas e interesses do aluno. Assim, aprender se torna uma atividade de descoberta, é uma autoaprendizagem, sendo o ambiente apenas o meio estimulador. É retido o que se incorpora à atividade do aluno pela descoberta pessoal; o que é incorporado passa a compor a estrutura cognitiva para ser empregado em novas situações (LIBÂNEO, 1992, p.05).

O Movimento da escola nova teve continuidade com a tendência pedagógica liberal renovada não-direcionista, que se desenvolveu a partir de 1932 até 1969;

A ideia de "aprender fazendo" está sempre presente. Valorizam-se as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social, o método de solução de problemas. Embora os métodos variem, as escolas ativas ou novas (Dewey, Montessori, Decroly, Cousinet e outros) partem sempre de atividades adequadas à natureza do aluno e às etapas do seu desenvolvimento. (LUCKESI, 1991, p.58).

Nesta tendência liberal renovada se estabelece a convivência entre a pedagogia tradicional e a nova; através de muitos debates entre católicos e os escolanovistas que, segundo Aranha, surge na década de 20 e recomeça na década de 50, promovendo, nesse período, o surgimento de vários fatos como a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924, que ganha destaque com “a realização das Conferências Nacionais de Educação a partir de 1927, e atinge plena visibilidade com o lançamento do ‘Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova’ em 1932” (SAVIANI, 2005, p.10). E também as reformas pedagógicas nos estados do Ceará (1923), na Bahia (1925), em Minas Gerais (1927), no Distrito Federal (1928), e em Pernambuco (1928). A criação do Ministério da Educação e Saúde, em 1930, com a nomeação de Francisco Campos para esse ministério no governo de Getúlio

¹⁸ Para saber mais ver ARANHA (1996), GADOTTI(2004).

¹⁹ Com base em teorias de John Dewey, William Kilpatrick e William James. (ARANHA, 1996)

Vargas (1931- 1932); das Universidades de São Paulo (USP), em 1934, e do Distrito Federal (RJ), em 1935. Houve ainda o reconhecimento da Faculdade de Filosofia São Bento (SP), em 1936, e a formação dos primeiros professores para o ensino secundário, em 1937. (ARANHA, 1996, p.200). Entre essas décadas (20 e 50), a de 30 foi uma fase de consolidação da escola nova:

Ao longo dos anos 30 do século XX o movimento renovador foi irradiando sua influência por meio da ocupação dos principais postos da burocracia educacional e pela criação de órgãos de divulgação, buscando deliberadamente hegemonizar o campo educacional. [...] Mas os renovadores tiveram que disputar o controle do espaço pedagógico, palmo a palmo, com os educadores católicos. (SAVIANI, 2005, p.08).

No final da década de 30, e em toda a década de 40, durante o governo de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945, foram realizadas reformas no ensino, chamadas de Leis Orgânicas do Ensino; em 1942, com a Lei do Ensino Industrial é criado o SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, e o Ensino secundário; em 1943, há a criação do Ensino Comercial; em 1946, do ensino primário, do ensino normal e do ensino agrícola, além da criação do SENAC-Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. (ARANHA, 1996, p.202). Nesse período acima, continua a influência da Pedagogia Liberal Renovada, de 1947 a 1961, quando “a predominância da pedagogia nova já pode ser detectada na comissão constituída em 1947 para elaborar o projeto das leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional.” (SAVIANI, 2005, p.10).

Ainda na década de 50, a concepção da escola nova chega às escolas católicas, identificada durante as Semanas Pedagógicas nos anos de 1955 e 1956, através de palestras e cursos intensivos, sinalizando a futura mudança de concepção das escolas católicas para “uma espécie de ‘escola nova católica” (SAVIANI, 2005, p.11).

Entre esse período que vai de 1945 a 1964, ocorre o período da redemocratização com base na Constituição de 1946, os governos são eleitos pelo povo e há a promessa de progresso, através da “internacionalização da economia”, período fértil para o campo cultural (Bossa Nova, Cinema Novo, Copa de 58) e da renovação universitária, representada pela fundação da UNB - Universidade de Brasília, em 1961, por Darcy Ribeiro. Também é o período em que ocorre o debate acirrado sobre o anteprojeto da LDB - Lei de Diretrizes e Bases. Neste debate, foram

várias as propostas de mudança: a crítica dos escolanovistas à descentralização do ensino; a “liberdade de ensino” e mais tarde a defesa do ensino privado pelo deputado Carlos Lacerda; e a oposição dos católicos à laicidade do ensino. (ARANHA, 1996, p.206-207). Segundo Saviani,

A tramitação desse projeto da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional conduz, no final da década de 1950, ao conflito escola particular-escola pública quando os católicos retomam, na defesa da escola particular, os mesmos argumentos do início da década de 30. (SAVIANI, 2005, p.15).

Em 1959, é lançada a Campanha em defesa da Escola Pública e o manifesto dos educadores, assinado por vários estudiosos, dentre eles Fernando de Azevedo e Florestan Fernandes. Nesse período, de acordo com Aranha, também surgiram vários movimentos pedagógicos: a criação do ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros (1955), da CEPAL- Comissão Econômica para a América Latina; do MEB - Movimento de Educação de Base (1961); e pelo interesse na educação popular, cujo representante mais conhecido foi o pedagogo Paulo Freire, através do MCP – Movimento de Cultura Popular de Recife (1960), e do CPC- Centro Popular de Cultura (1962-64). (ARANHA, 1996, p.208-210).

No período até 1969, dando continuidade a tendência da pedagogia renovada não-direcionista, a movimentação popular é intensa com novos movimentos, como os citados acima, que tratam da cultura e da educação popular e que possibilitaram, junto às concepções da tendência renovadora, e estando vinculada à “renovação da pedagogia católica”, a criação de uma “escola nova” popular. (SAVIANI, 2005, p.12). De acordo com esse autor, na década de 60 a tendência renovadora foi se enfraquecendo²⁰, e outra tendência já se delineava, como orientação do governo militar para a próxima década.

Na década de 70, consolida-se a última tendência da pedagogia liberal, a tecnicista, que já havia sido mencionada em 1959 durante os debates da primeira LDB, como possível vinculação da educação ao desenvolvimento econômico do país: “Em termos teóricos buscou-se imprimir uma nova orientação pedagógica inspirada na ‘teoria do capital humano’”, que demonstra o ‘Valor econômico da educação’” (SAVIANI, 2005, p.19).

²⁰Fechamento do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e seus centros regionais.

Sob a orientação desta tendência, no período da ditadura militar, o governo realizou a reforma no ensino através dos acordos com a USAID – United States Agency for International Development, com o objetivo de associar o modelo econômico proposto pelos EUA para a América Latina, baseada em três pilares:

1. Educação e desenvolvimento (formação de mão-de-obra especializada);
2. Educação e segurança (formação de cidadania consciente);
3. Educação e comunidade (relação entre escola “mestres” e “empresários”).

Além dessas mudanças na área educacional, também houve mudanças referentes à representação estudantil e aos professores. Os movimentos foram totalmente suprimidos pelas leis que eliminaram ou controlaram qualquer manifestação política. A União Nacional dos Estudantes foi extinta e as escolas de segundo grau foram controladas, e os professores trabalharam sob censura e risco de delação, sendo que muitos foram aposentados ou exilados. (ARANHA, 1996, p.212).

De acordo com Saviani,

A pedagogia tecnicista advoga a reordenação do processo educativo de maneira que o torne objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretende-se a objetivação do trabalho pedagógico” (SAVIANI, 2013, p. 379).

Essa pedagogia capacitaria o trabalhador de forma mais específica e eficiente, para que a realização do trabalho fosse o seu objetivo central, considerando uma produção em quantidade e visando a maior obtenção de lucro, sem levar em conta a preferência ou vocação do indivíduo para exercer tal atividade.

Para Luckesi, a pedagogia tecnicista,

Foi introduzida mais efetivamente no final dos anos 60 com o objetivo de adequar o tema educacional à orientação político econômica do regime militar: inserir a escola nos modelos de racionalização do sistema de produção capitalista. É quando a orientação escolanovista cede lugar à tendência tecnicista, pelo menos no nível de política oficial; os marcos de implantação do modelo tecnicista são as leis 5.540/68 e 5.692/71, que reorganizam o ensino superior e ensino de 1º e 2º graus. (LUCKESI, 1991, p.63).

Assim, os governos do período da ditadura realizaram reformas no ensino universitário e de primeiro e segundo grau; criaram as universidades a partir da junção de faculdades; unificaram o sistema de vestibular; instituíram o sistema de

créditos (inscrição por disciplina), entre outras mudanças. Cria-se a “escola única profissionalizante”, estabelece-se mudança curricular com a inclusão de novas disciplinas (educação moral e cívica, estudos sociais) e a exclusão de outras (filosofia) ou junção de matérias (história geografia, estudos sociais), e a desqualificação da formação da escola normal para a habilitação “magistério” (ARANHA, 1996, p.213-215).

Durante o período da transição democrática, ocorreram muitas manifestações e conferências para a reestruturação do ensino e do magistério, com o apoio de diversos grupos que também foram se fortalecendo, como a OAB - Ordem dos Advogados do Brasil, a CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e a ABI – Associação brasileira de Imprensa. (ARANHA, 1996, p.218). Ainda dentro desse período, prevalece a tendência tecnicista, que permanece consolidada de 1980 a 2001;

A tendência liberal tecnicista subordina a educação à sociedade, tendo como função a preparação de ‘recursos humanos’(mão-de-obra para a indústria). A sociedade industrial e tecnológica estabelece (cientificamente) as metas econômicas, sociais e políticas, a educação treina (também cientificamente) nos alunos os comportamentos de ajustamento a essas metas. (LUCKESI, 1991, p. 55).

Também continua a se manter após esse período, nos anos 90, de acordo com o modelo de desenvolvimento econômico vigente no país. Saviani chama a continuação dessa tendência tecnicista como “neoprodutivismo” ou “neotecnicismo”. Se mantendo através da lógica do mercado, que busca por mais produtividade com lucro alto e “exclusão deliberada de trabalhadores”.(SAVIANI, 2009.p.05). Após o período de predominância da última tendência liberal, que ainda irá permanecer, de acordo com Luckesi,

A educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais, nas suas formas ora conservadora, ora renovada. Evidentemente tais tendências se manifestam, concretamente, as práticas escolares e no ideário pedagógico de muitos professores, ainda que estes não se dêem conta dessa influência. (LUCKESI, 1991, p.54).

Inicia-se a Tendência Progressiva que se desenvolve a partir de 1960 a 2001. Segundo Saviani a tendência progressiva é um termo que

É usado aqui para designar as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades

sociopolíticas da educação. Evidentemente a pedagogia progressista, não tem como institucionalizar-se numa sociedade capitalista; daí ser ela um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais. (LUCKESI, 1991, p.63).

Essa tendência iniciou sua influência nos anos 60, com a primeira pedagogia, denominada de *Libertadora*, cuja imagem tem o educador Paulo Freire como seu maior representante. “A educação Libertadora, ao contrário, questiona concretamente a realidade das relações com a natureza e com os outros homens, visando a uma transformação – daí ser uma educação crítica.” (LUCKESI, 1991, p.64).

E a segunda pedagogia, a *Libertária*, dos “defensores da autogestão pedagógica”, que significando, “na sua modalidade mais conhecida entre nós, a ‘pedagogia institucional’, pretende ser uma forma de resistência contra a burocracia como instrumentos da ação dominadora do estado, [...] que tudo controla, retirando a autonomia.” (LUCKESI, 1991, p.67).

E por fim, a última pedagogia da tendência progressiva, a *Crítica-social dos conteúdos* ou “*histórico-social*”, que propõe a superação “das pedagogias tradicional e renovadora”. (LUCKESI, 1991, p.64). Essa pedagogia destaca que,

A educação é ‘uma atividade mediadora no seio da prática social global’, ou seja, uma das mediações pela qual o aluno, pela intervenção do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicialmente confusa e fragmentada (sincrética) a uma visão sintética, mais organizada e unificada. (LUCKESI, 1991, p.69).

As pedagogias libertadoras e libertárias têm alguns pontos em comum, como o “antiautoritarismo, a valorização da experiência vivida como base da relação educativa e a ideia de autogestão pedagógica.” Se desenvolvem através da aprendizagem realizada em grupos e valorizam o ensino como prática social, optando por “modalidades de ensino da educação ‘não-formal’” (LUCKESI, 1991, p 64). Na pedagogia Crítica-social dos conteúdos ou “histórico-social”, a prática social está inserida tanto na origem quanto no resultado da prática educativa. (SAVIANI, 2005, p.26). Na opinião de Saviani, nessa tendência (progressiva),

A educação passa a ser vista como instrumento de conscientização. A expressão “educação popular” assume, então, o sentido de uma educação do povo, pelo povo e para o povo, pretendendo-se superar o sentido anterior, criticado como sendo uma educação das elites, dos grupos dirigentes e dominantes, para o povo, visando a controlá-lo, manipulá-lo, ajustá-lo a ordem existente. (SAVIANI, 2013, p. 317).

As tendências liberal, tecnicista e progressista continuaram no período dos anos 70, quando muitos estudos foram realizados sobre a situação educacional brasileira, por aqueles que retornaram do exílio. Através de muitos teóricos, de acordo com suas tendências (escolanovistas, tradicionais, histórico-críticos) contribuíram para repensar a pedagogia no Brasil e implementar outras práticas, direcionadas à educação pública (universitário e secundarista), popular e a oferta de escolarização na América do Sul. Também foram reestruturadas as escolas normais para serem CEFAM – Centro Especifico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, como em Minas Gerais e depois São Paulo. Outro empreendimento foi o PROFIC - Programa de Formação Integral da Criança – em São Paulo, e no Rio de Janeiro, na gestão de Darcy Ribeiro²¹, houve a criação do CIESP - Centro Integrado de Educação Pública (ARANHA, 1996, p.222).

De acordo com Saviani, a educação após o período da tendência progressiva histórico-crítica cedeu às tendências de pedagogias denominadas com o prefixo “Neo”, neoescolanovismo, neoconstrutivismo, neotecnicismo, dos anos 80 até a atualidade. Ocasinou uma pedagogia que ele chamou de pedagogia da exclusão, consequência das mudanças econômicas de base do “fordismo para o toyotismo”, da indústria pesada e a estabilidade no emprego para a “tecnologia leve, de base microeletrônica flexível”, que se baseia na disputa diária de posição no emprego. A razão de ser da educação resumiu-se à qualificação para o mercado de trabalho:

Manteve-se, pois, a crença na contribuição da educação para o processo econômico-produtivo, marca distintiva da teoria do capital humano, mas seu significado foi substantivamente alterado [...] A educação passa a ser entendida como um investimento em capital humano individual que habilita as pessoas para a competição pelos empregos disponíveis. (SAVIANI, 2009, p.04).

Essas tendências também continuaram influenciando no período da reestruturação da constituição de 1988, quando foram acordados alguns pontos para a reestruturação do ensino como a gratuidade, a obrigatoriedade e a extensão até o ensino médio; atendimento às crianças (zero a seis anos) em creches e pré-escolas; o acesso ao ensino como “direito público subjetivo”;²² planos de carreiras para profissionais do ensino e “autonomia universitária”; aplicação e distribuição dos

²¹Darcy Ribeiro foi secretário da educação no governo de Leonel Brizola.

²² Sob responsabilidade da autoridade competente, os casos de não-oferecimento ou oferta irregular pelo poder público. (p.223).

recursos públicos para atender o ensino (suas necessidades) obrigatório, e também às escolas comunitárias (confessionais, filantrópicas), mediante comprovação de serem sem fins lucrativos; aplicação do plano nacional de educação, com objetivo de articular e desenvolver o ensino para erradicação do analfabetismo; a disseminação do atendimento escolar; o aprimoramento da qualidade de ensino; a capacitação para o trabalho; e o fomento das áreas de humanas, científicas e tecnológicas do país. Estes pontos contribuíram para o desenvolvimento da nova LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (ARANHA, 1996, p.224). Pode-se dizer que

Segundo a Constituição Federal (CF) de 1988, a educação no Brasil é um direito de todos e dever do Estado e da família (Art. 205), sendo a oferta pública organizada através do “regime de colaboração” entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios (Art. 211) e o ensino livre à iniciativa privada (Art. 209). O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é um direito público subjetivo sendo o Poder Público responsabilizado pelo não oferecimento ou oferta irregular (Art. 208, VII, § 1º). (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 2014, p.7)

As tendências pedagógicas apresentadas são consideradas as principais, acompanharam o desenvolvimento social e econômico do país e ainda são utilizadas, de forma única ou em conjunto com outras, pelos professores e instituições educacionais no Brasil; e ainda são também continuamente analisadas, debatidas e inseridas de acordo com o contexto social e político que se apresenta. Sendo as mais utilizadas a pedagogia tradicional, a nova e a libertadora, e destas surgiram outras concepções. (LUCKESI, 1991, p.83). Como sugere Moacir Gadotti, que faz uma análise do pensamento pedagógico brasileiro, “Todo pensamento pedagógico é tributário de sua época e é ingênuo lê-lo desvinculado de um movimento histórico-social e de um projeto político e social.” (GADOTTI, 2004, p.29).

Assim, concluindo o cenário da educação no Brasil no século XX, a educação passou por vários eventos que influíram profundamente em sua estrutura, já deficiente e estagnada, sob o contexto “agrário-exportador”, modelo orientador da sociedade brasileira por longo período. Os fatores mais complicadores que contribuíram para a permanência de um ensino defasado foram o desenvolvimento da burguesia industrial urbana (influência norte-americana), sem considerar as necessidades do contexto daquela época, causando a intensificação da desigualdade social e econômica; a continuidade de reformas educacionais

incipientes; a ditadura militar; e o processo conturbado de redemocratização, que precisou lidar com os prejuízos em geral do período ditatorial, mais os problemas já existentes no desenvolvimento da educação no Brasil.(ARANHA, 1996, p.224). Para outros autores²³, nesse contexto, ainda estão em desenvolvimento elementos que remetem aos princípios e objetivos da educação tradicional, sendo contrapostas pelas tendências renovadoras e progressistas num sistema de ensino continuamente reformulado e reelaborado.

Por outro lado, pode se identificar pontos positivos, no desenvolvimento de muitos segmentos da sociedade em geral, que se uniram e buscaram alternativas para melhorar e desenvolver também uma educação para todos e de qualidade, considerando as características da sociedade brasileira e do contexto mundial, através da formação de organizações não governamentais e outras ações, como os programas de organismos internacionais como a ONU.

O século XX foi marcado pela globalização, pelo avanço tecnológico, pelo caráter dúbio da informação: a rapidez e volume de informações, por um lado, e a homogeneização e descaracterização de costumes e valores específicos de cada cultura, mais a produção em massa de “informação sem crítica”, por outro lado. (ARANHA, 1996, p.235). Todo esse processo desenvolvido a partir do século XX resultou numa crise que continua a se desenrolar progressivamente em escala mundial, se refletindo em todas as direções. Essa crise, muito debatida em contexto mundial, como foi apresentado no capítulo anterior, é sobre a mudança do paradigma da modernidade para outro paradigma, emergente e, como destaca a autora, a educação também esteve sujeita a essa nova ordenação estrutural, que apresenta grande preeminência das “formas emergentes de informação”. (ARANHA, 1996, p.238). É a partir deste aspecto, considerado o quarto poder²⁴ e toda sua estrutura, que a educação precisa absorver e fazer uso adequado de ferramentas que se encontram à disposição, sem renunciar ao objetivo do ensino neste novo milênio.

²³ SAVIANI (2009), LIBÂNEO (1991), LUCKESI (1991), GADOTTI (2004).

²⁴CARVALHO NETTO (2013).

2.1.1.1 Os desafios da educação brasileira

Os principais desafios da educação neste novo século são relativos a quatro pontos: a primeira é a comunicação, o “impacto da imagem e da mídia”, a necessidade de promover a capacitação de “leitura crítica das imagens e das informações transmitidas pela mídia”, à utilização de novos recursos da comunicação a favor da melhoria da escola e da função do professor. A segunda é o tipo de educação: pela continuidade dos estudos através de uma “autoformação controlada”. A terceira são os estudos culturais, como importantes referências para a compreensão mais totalizante, holística, sem prejudicar a especificidade da escolha por determinada habilidade ou intenção. E a quarta, a interdisciplinaridade, como uma abordagem necessária para a valorização, interação e integração entre as várias áreas do saber. (ARANHA, 1996, p. 239-240).

Segundo Saviani (2000, p. 7), os principais desafios ainda são provenientes do século XIX: “Trata-se da tarefa de organizar e instalar um sistema de ensino capaz de universalizar o ensino fundamental e, por esse caminho, erradicar o analfabetismo”. E, de acordo com ele, a política nacional de educação aderindo ao modelo americano (neotecnista) pode causar a universalização do ensino fundamental sem vencer o analfabetismo, continuando o déficit na área educacional, e refletindo nas demais áreas. (SAVIANI, 2009). “O que precisa ser feito é equipar adequadamente as escolas e instituir uma carreira digna para o corpo docente como fizeram os países que, a partir do final do século XIX, implantaram os seus sistemas nacionais de ensino.” (SAVIANI, 2000, p. 8).

No contexto atual, as questões colocadas acima e outras continuam a representar desafios, vantagens e desvantagens, e apresentam mais elementos que se juntaram à perspectiva apresentada pelos autores, demonstrando as várias nuances que foram surgindo antes e depois do advento da globalização, na metade do século XX. A passagem do milênio, no que se refere a comunicação, fez com que esta continue a crescer e a intensificar sua influência através das redes sociais, que podem ser acessadas por meio de vários equipamentos (Celular, Ipad, notebook, relógio, tv). Seu desenvolvimento se deve também à facilidade de adquirir os equipamentos e a acessibilidade aos serviços. Todo esse processo, muitas vezes, é realizado sem nenhum critério para distinguir, quantificar ou filtrar o acesso e o produto que essas mídias produzem e promovem. Essas condições aumentaram

o poder de sua influência nas tomadas de decisão em praticamente toda a estrutura social e econômica, refletindo na área educacional, cultural e também espiritual. (BRASILESCOLA, 2018).

Para ilustrar essa questão, com base no estudo do sociólogo Octavio Ianni (1926-2004), sobre o impacto da globalização na sociedade, pode-se dizer: “E o signo por excelência da modernização parece ser a comunicação, a proliferação e generalização dos meios impressos e eletrônicos de comunicação, articulados em teias multimídia alcançando todo o mundo.” (IANNI, 2001, p.119)

De forma geral, na economia e na área social, essa mudança trouxe, além de grandes inovações, lucro e possibilidades, mas também trouxe o custo e as consequências dessa adequação à nova realidade mundial. Essas conexões promoveram a formação de novas funções no mercado de trabalho, de produção e também de consumo, que causaram mais alterações nesse contexto de desigualdades da realidade brasileira.

Na cultura, houve um grande influxo de elementos estrangeiros que influíram profundamente nos valores e práticas na cultura popular, causando certa descaracterização de manifestações tradicionais e a absorção de práticas de outros países, promovendo muitas atrações que são superficiais, uma vez que não encontram correspondência com a cultura nativa, alterando sensivelmente a percepção sobre a cultura brasileira. Toda essa corrente também influenciou a prática da religiosidade e da espiritualidade, com ofertas de ações que prometem benefícios materiais e espirituais; novas formas de espiritualidade; surgimento de novos grupos e outras formas de entender a conexão espiritual e o papel das religiões, possibilitando, por outro lado, a abertura ao diálogo e pluralismo interreligioso.

De acordo com Octavio Ianni, o processo de Globalização e do Globalismo sobre a sociedade atual, causa mudanças impactantes no seu desenvolvimento, em toda sua estrutura:

Logo que se reconhece que a sociedade global é uma realidade em processo, que a globalização atinge as coisas, as gentes e as ideias, bem como as sociedades e as nações, as culturas e as civilizações, desde esse momento está posto o problema do contraponto globalização e diversidade, assim como diversidade e desigualdade, ou integração e antagonismo. (IANNI, 1994, p.156).

Essa nova realidade que compreende a cultura da globalização, que Ianni destaca, é diversificada e alcança vários âmbitos: o econômico, social, cultural, ambiental. Atingem todas as sociedades e suas estruturas; na cultura, no trabalho, na comunicação, na tecnologia, na saúde, educação e também nas “religiões e línguas”. (IANNI, 1994, p.155).

Dentre as áreas impactadas por esse processo, a educação mundial absorveu muitos elementos, tanto no acréscimo em conteúdos quanto nas metodologias empregadas e na base estrutural. Na educação brasileira não foi diferente, após o período de democratização qualquer conteúdo pôde ser acessado pela internet e utilizado livremente, causando um excesso de informações. Não havendo tempo hábil para análise e sendo utilizadas sem critério, criando muita informação de caráter dúbio, influenciando de forma indireta no desenvolvimento dos currículos escolares e no ensino das crianças e adolescentes, desde a educação infantil à graduação. Esse fato, somado às novas propostas metodológicas nacionais e internacionais, e a variedade de políticas públicas empreendidas durante os governos demonstra um quadro educacional ainda em desenvolvimento, e com questões problemáticas de complicada solução final. (ARANHA, 1996, p.239).

Quanto à “autoformação controlada” também apresenta novas situações, como a criação de novos cursos e sua forma de realização (presencial e online), em períodos variados e, dependendo da instituição, acrescidos de outros cursos. Essas condições nos levam à terceira questão, sobre os estudos culturais, que nesse desenvolvimento ganha muito espaço, mas perde um pouco a especificidade dada à intensidade e à quantidade de informações veiculadas pela rede. E a quarta, sobre a interdisciplinaridade, que nessa primeira década do milênio tem produzido muitos resultados positivos, demonstrando cada vez mais que a integração é um dos caminhos para a evolução da educação. (ARANHA, 1996, p.240).

Fora desses aspectos abordados, também surgiram questões que são atuais, mas de origem antiga, como as questões da laicização ou confessionalidade do ensino religioso e do acesso à educação superior, bem como as péssimas condições de trabalho que atingem os professores em praticamente todos os níveis de escolaridade: precariedade de material, de salário, ambiente inapropriado, capacitação deficiente, violência dentro e fora do local de trabalho, e a mercantilização do profissional e do trabalho, entre outros. Algumas dessas

questões fazem parte da estrutura social de praticamente toda sociedade humana. A educação brasileira possui questões problemáticas em dois níveis: em seu próprio meio e em comum com outros países, ou seja, além das questões herdadas após o período colonizador, e outras que surgiram devido às inúmeras influências de eventos mundiais, também as questões especificamente de caráter mundial.

A educação, no âmbito mundial, tem se integrado através de programas propostos pela UNESCO, como forma de criar soluções para problemas que são comuns entre muitos países. O Brasil nos últimos governos tem participado dessas propostas desde o ano de 1996, e no encontro em Dakar no Senegal, em 2000. De acordo com o relatório do MEC de 2000 a 2014, além das questões na área da educação inerentes a cada país, 164 países concordaram no cumprimento das metas do Programa Educação Para Todos, que são:

1. Cuidados e Educação na Primeira Infância;
2. Educação Primária Universal;
3. Habilidades de Jovens e Adultos;
4. Alfabetização de Adultos;
5. Paridade e Igualdade de Gênero;
6. Qualidade da Educação. (Relatório EDUCAÇÃO PARA TODOS NO BRASIL, 2014, p.05).

No Brasil, muitas propostas foram feitas para cobrir algumas questões prioritárias no ensino, tanto para alcançar toda a população quanto para aplicar conteúdo de acordo com a necessidade do público, como as modalidades de ensino voltadas às necessidades especiais: a Educação Especial, a Profissional, a Distância, de Jovens e Adultos, a Escolar Indígena, a Quilombola e a do Campo; também as inclusões dos temas transversais que vêm possibilitar flexibilidade e abertura para trabalhar em parceria com as áreas convencionais (história geografia, matemática e outras). (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 1997, p.25).

Dentre os temas escolhidos para serem tratados como transversais, o meio ambiente foi selecionado de acordo com sua importância e crescente necessidade:

Ao longo da história, o homem transformou-se pela modificação do meio ambiente, criou cultura, estabeleceu relações econômicas, modos de comunicação com a natureza e com os outros. Mas é preciso refletir sobre como devem ser essas relações socioeconômicas e ambientais, para se

tomar decisões adequadas a cada passo, na direção das metas desejadas por todos: o crescimento cultural, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental. (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 1997, p.27).

A abordagem deste tema em integração às outras disciplinas vem preencher a lacuna para desenvolver a consciência e estabelecer uma prática adequada ao meio ambiente. Como veremos a seguir, na próxima abordagem sobre esse tema.

2.1.2 Educação e Meio Ambiente

Na educação, o tema meio ambiente foi introduzido de forma mais consolidada através dos temas transversais, presentes nos parâmetros curriculares nacionais, como: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual. Para definição desses temas foram utilizados certos critérios (urgência social, abrangência nacional, possibilidade de ensino e aprendizagem no ensino fundamental, favorecer a compreensão da realidade e a participação social) que segundo Ramos:

A atual lei constitucional brasileira, bem como as estaduais, prescreve o ensino da educação ambiental em todos os níveis escolares fundamentados nos princípios elaborados na Conferência de Tbilisi/1997. Nos últimos anos, essa perspectiva é retomada e referendada nos Parâmetros Curriculares Nacionais com a proposta do meio ambiente como tema transversal, e passou a ser um projeto nacional contido nas palavras de ordem - “educar para o meio” e “a partir do meio” - expressas no documento Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC (RAMOS, 1998, P. 206).

O tema meio ambiente, além de compor o conteúdo em disciplinas que compõe o currículo comum na educação formal, também faz parte de uma educação diferenciada, a educação ambiental, que abordaremos adiante.

Sobre os desafios da educação apresentados, deve-se analisá-los na perspectiva de uma educação voltada para lidar com um futuro diferente, com base em outros aspectos que precisam ser tratados para que se encontrem as soluções viáveis e sustentáveis. Como destaca Gadotti, alguns desses caminhos podem ser considerados como a planetariedade (a terra); sustentabilidade (cultura); virtualidade (rede); globalização (processo); transdisciplinaridade (método) e a interdisciplinaridade (interação) que são aspectos relevantes para a inserção de uma educação compatível com o paradigma ecológico. (GADOTTI, 2000, p.40).

Esses aspectos podem ser interpretados como novos temas e ferramentas para lidar com a realidade, como por exemplo, a sustentabilidade. Gadotti pergunta se os conteúdos escolares podem ser “realmente sustentáveis” e quais seriam as funções de todos e para o nosso atual contexto. (GADOTTI, 2000, p.42)

Algo está ocorrendo com os nossos sistemas educacionais. A educação tal qual foi se desenvolvendo, é mais parte do problema do desenvolvimento sustentável do que parte da solução. A educação reproduz os princípios e valores da economia insustentável. É preciso romper o paradigma, o esquema de procedimentos competitivos na educação. O modelo dominante de desenvolvimento é regido por uma racionalidade instrumental que foi copiada pelo sistema educativo. A EDS precisa aproveitar-se das contradições existentes no interior dos sistemas educativos e fazer avançar a educação sustentável. Não basta introduzir nesses sistemas o tema da sustentabilidade sem refundar as disciplinas sob outra racionalidade, uma racionalidade comunicativa e emancipadora e sem mudar as práticas vividas nesses espaços. (GADOTTI, 2000, p.88)

Esse autor sugere a reorientação da educação pelo “princípio da sustentabilidade” que significa “retomar nossa educação” no desenvolvimento do Paradigma Ecológico, de uma nova forma de ensino que trabalhe todos os aspectos que compõem nossa realidade sob o prisma de uma vida sustentável. A educação para a sustentabilidade propõe essa mudança através de várias metodologias que são educacionais e também de outras áreas, dentre elas abordaremos a seguir a educação ambiental, a ecopedagogia e a permacultura, que compõem parte da estrutura do programa Gaia Education. Essas metodologias, apesar de terem sido desenvolvidas no contexto do paradigma anterior, também têm encontrado conformidade com o paradigma ecológico. A educação ambiental desde sua criação vem apresentando conceitos e formas de tratar o meio ambiente com base em ações sociais e políticas. A permacultura trata pelo viés mais técnico e direto com o contato com os ciclos naturais da Terra e os resultados dessa convivência; e a Ecopedagogia, a mais nova entre elas, converge seus conceitos para ações que procuram englobar as propostas das metodologias anteriores para o desenvolvimento, além da questão ambiental, como condição a ser salva, mantida ou tratada, para uma convivência harmônica com outros seres e sua própria casa, a Terra.

2.2 A educação na perspectiva do paradigma ecológico

Como vimos, a educação é a primeira via para estabelecermos qualquer conhecimento em qualquer período da vida. A educação, na perspectiva do novo paradigma, precisa estar alicerçada por uma consciência ecológica em desenvolvimento, como afirma Capra, devemos estar “ecologicamente alfabetizado”:

Entender os princípios de organização das comunidades ecológicas (ecossistemas) e usar esses princípios para criar comunidades humanas sustentáveis. “Precisamos revitalizar nossas comunidades – inclusive nossas comunidades educativas, comerciais e políticas – de modo que os princípios da ecologia se manifestem nelas como princípios de educação, de administração e de política.” (CAPRA, 1996, p.231).

A educação do terceiro milênio ainda está se desenvolvendo de acordo com seu contexto, cuja dinâmica segue o plano (crescimento e velocidade) da comunicação, e de onde surgem outras questões a todo o momento. Desde a década de 70, quando o mundo começou a se preocupar com o meio ambiente, muitas ações foram realizadas e elaboradas para sanar e prevenir os problemas causados ao meio ambiente, desde as mais práticas até as mais teóricas, muitas ainda presas ao sistema de desenvolvimento capitalista. Por isso, a educação para o futuro requer uma mudança profunda na forma como os seres humanos veem o ambiente em que habitam, seja por inteiro ou meio. Porque de acordo com Edgar Morin:

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (MORIN, 2001, p.45)

Algumas metodologias comungam dos princípios do Paradigma Ecológico e se enquadram como exemplo de uma educação para o futuro, como a Educação Ambiental, a Permacultura e a Ecopedagogia, que vamos abordar nesta pesquisa. Elas são referenciadas em alguns programas em prol do meio ambiente, como nas propostas da ONU e do Programa Gaia Education. Para Gadotti:

A preocupação não está apenas na preservação da natureza (ecologia natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (ecologia social), mas num novo modelo de civilização sustentável

do ponto de vista ecológico (ecologia integral), que implica uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. (GADOTTI, 2008, p.66).

Por esse motivo, é relevante abordarmos estas metodologias para compreendermos como se desenvolve o Curso Eco Design em Sustentabilidade.

2.2.1 Educação ambiental

Dentre as modalidades de ensino temos a Educação Ambiental, pioneira na questão do entendimento do meio ambiente como parte da estrutura de vida real. A Educação ambiental foi elaborada nos anos 70, mas já havia registros de estudos sobre o tema na década de 60, no início das preocupações com o Meio Ambiente no mundo. Essa educação teve a princípio o objetivo de conscientizar e propor ações para lidar com a poluição e as consequências dela no meio ambiente. (PRONAE, 2005, p.21).

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente:

Entende-se por **educação ambiental** os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2018).

O Marco Internacional da Educação Ambiental foi a “Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento”, em 1971, em Estocolmo, Suécia, e depois em 1977, em Tbilisi, Georgia, a “Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental”.

No âmbito internacional, as experiências da Educação Ambiental priorizaram ações de defesa da natureza, através da sensibilização, pela inclusão do tema nas disciplinas de ciências, geografia e também educação artística.

Portanto, a educação ambiental visava também ao reordenamento do meio ambiente, à valorização da cidadania e à consolidação da democracia, abrangendo as dimensões social, política e econômica. (RUSCHEINSKY, 2002, p.11).

No Brasil, nos anos 70, não havia espaço para esse debate sob o período da ditadura. Nos anos 80, com a redemocratização, os debates ganham espaço com os movimentos coletivos e com a sociedade civil, associações comunitárias e grupos de

defesa. Em 1981 foi estabelecida a lei 6.938 da Política Nacional do Meio Ambiente e o Sistema Nacional do Meio Ambiente, que possibilitou debates sobre espaços e inserção da Educação Ambiental nos currículos escolares. Com o Programa Nacional de Educação Ambiental (2005), as ações propostas.

Destinam-se a assegurar, no âmbito educativo, a interação e a integração equilibradas das múltiplas dimensões da sustentabilidade ambiental – ecológica, social, ética, cultural, econômica, espacial e política – ao desenvolvimento do país, buscando o envolvimento e a participação social na proteção, recuperação e melhoria das condições ambientais e de qualidade de vida. (PRONEA, 1988, p.33)

Nos anos 90 a Educação Ambiental é estabelecida como tema transversal nos PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais, mas é reintroduzida no final dessa década e início do século XXI de outra forma, como “parte diversificada e flexibilizada do currículo escolar”. (SAITO, 2002, p.49).

Antes da primeira conferência internacional em Tbilisi, o tema já havia sido abordado em 1972, na Suécia, na Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, em Belgrado (1975), como uma educação voltada à conservação. Em Tbilisi (1977) foi considerada uma educação alternativa e abordada pela primeira vez como Educação Ambiental. (GADOTTI, 2000, p.78). Em 1987, em Moscou, foi associada à gestão ambiental e o tema “Gênero e Meio Ambiente” foi muito enfatizado, tornando-se parte também da agenda educacional. Em 1992, na Eco Rio92, com a aprovação do “tratado de Educação Ambiental para as sociedades sustentáveis e a responsabilidade global”, teve destaque o desenvolvimento sustentável e suas três dimensões interdependentes: a ecologia, a economia e a sociedade. (GADOTTI, 2000, p.80). Em 1997, na Grécia, foi associado à Educação ambiental o tema EDS - Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Em 2002, a Educação Ambiental passou a ser considerada uma estratégia governamental para questões ambientais, após o evento Rio92, que ligou a sua temática às três dimensões do desenvolvimento sustentável.

De acordo com Carlos Hiroo Saito, foram identificados quatro desafios na Política Nacional de Meio Ambiente para a educação ambiental: a primeira seria “a busca de uma sociedade democrática e socialmente justa”, a defesa da ideia da interligação do meio ambiente e da sociedade, uma vez que ambas dependem tanto

de uma sociedade ambientalmente equilibrada como justa socialmente para sobreviverem. (SAITO, 2002, p.50).

A segunda, para o “desvelamento das condições de opressões social”, a necessidade de trabalhar a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais de forma conectada para desenvolver a educação ambiental compatível socialmente. (SAITO, 2002, p.51). A terceira, a “prática de uma ação transformadora intencional”, que consiste na ação articulada com o ideal de sociedade democrática e justa, para que sua ação seja transformadora, possibilite a emancipação e o empoderamento. (p.54). A quarta aponta a “necessidade de contínua busca de conhecimento”, que demonstra a importância de acompanhar a dinâmica do processo do conhecimento da realidade e as readaptações necessárias para melhor entendimento da estrutura social e ambiental. (p.56). Esses desafios, segundo o autor, se articulam e se complementam para possibilitar o desenvolvimento real e ativo da educação ambiental.

No princípio, a educação ambiental consistia na preocupação com a preservação da natureza, depois com o tratamento da biodiversidade, em seguida com a estrutura de um “estilo de vida das pessoas”, que impacta de forma individual ou coletiva no meio ambiente. (GADOTTI, 2008, p.81). E atualmente, na questão da aprendizagem, desde o entendimento do conceito de meio ambiente em rede, e de parcerias para elaborar novas propostas e ações. (GADOTTI, 2008, p.85).

A educação ambiental acontece no horizonte do paradigma ecológico, como uma ferramenta para o desenvolvimento da educação para a sustentabilidade, inserida nos programas de desenvolvimento sustentável:

A EDS deve dar continuidade à educação ambiental que inaugurou uma nova visão do mundo, da relação do homem com o meio ambiente, concebido não como um objeto de estudo apenas, mas como um ser vivo e em evolução que divide, com os seres humanos, o mesmo destino. Por isso, o saber ambiental é ético-político. Não implica apenas possibilitar à humanidade os princípios ecológicos da defesa da natureza, como também implica um novo conceito de mundo, de realidade, intimamente ligada ao ser humano. (GADOTTI, 2008, p.97).

A educação para a sustentabilidade hoje está totalmente ligada aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) que congregam todos os âmbitos de maior necessidade e que precisam ser tratados em conjunto e por metodologias também

que se complementam em parceria, como a educação ambiental e a ecopedagogia que possuem influência dos princípios da permacultura.

2.2.2 A Permacultura

Permacultura é um conceito elaborado por dois cientistas naturalistas australianos, Bill Molisson e David Holmgren, na década de 70 do séc. XX. E, desde esse período, o conceito foi se ampliando. Em princípio consiste num sistema de agricultura permanente e que seja ecologicamente sustentável. Para Braun, significa “cultura permanente que aproveita as facilidades e os produtos da natureza sem causar-lhe dano”. (BRAUN, 2008, p.121). Outra definição considera a permacultura “Um método holístico para planejar, atualizar e manter sistemas de escala humana (jardins, vilas, aldeias e comunidades) ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis.” (MBECOVILAS, 2015).

Segundo Holmgren, um de seus criadores, a definição mais atual de Permacultura seria “paisagens conscientemente desenhadas que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais. (HOLMGREN, 2015, p.02).

Esse conceito foi desenvolvido a partir dos estudos de Molisson, quando residiu numa área florestal (sua região natal) durante dois anos, observando os sistemas naturais. Após esse período, em 1968, começou a ministrar aulas na universidade da Tasmânia, na Austrália, e em 1974, junto com David Holmgren, que fora seu aluno, desenvolveu “uma estrutura de trabalho para um sistema agrícola sustentável, baseado na policultura de árvores perenes, arbustos, ervas, vegetais, fungos e tubérculos, para o qual criamos a palavra Permacultura”, que significa cultura permanente (MOLISSON, 1998, p.05). Segundo o autor, o objetivo da Permacultura:

É a criação de sistemas que sejam ecologicamente corretos e economicamente viáveis; que supram suas próprias necessidades, não explorem ou poluam e que, assim, sejam sustentáveis a longo prazo [...] A permacultura é baseada na observação de sistemas naturais, na sabedoria contida em sistemas produtivos tradicionais e no conhecimento moderno, científico e tecnológico. (MOLISSON, 1998, p.13).

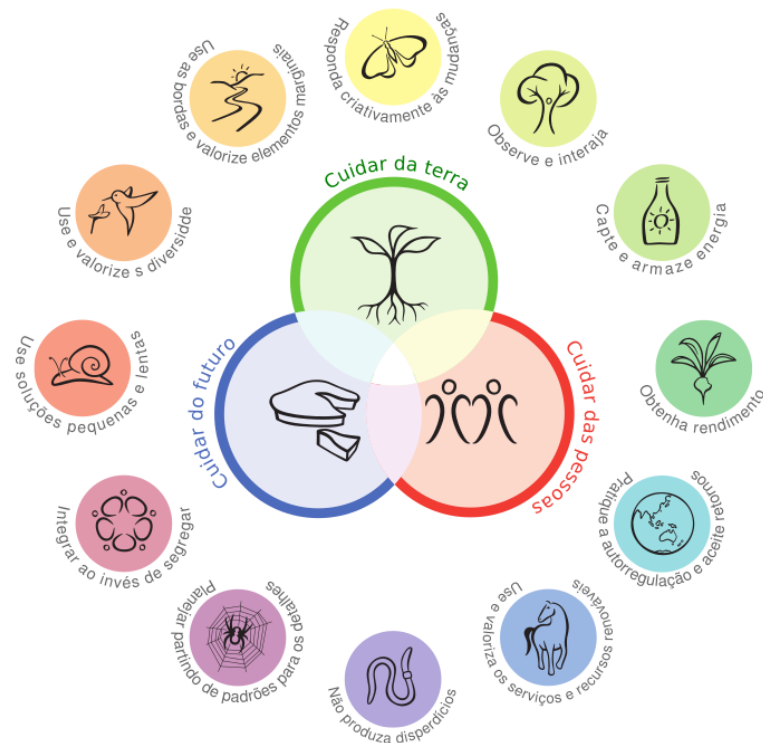
Houve, após o início desse trabalho, uma mudança conceitual, antes voltado para um sistema de agricultura ecológica, e que passa a adotar outros elementos como: composição paisagística e estrutura arquitetônica; reciclagem, coleta e armazenagem de água da chuva; técnicas de compostagem em banheiros; “reciclagem de nutrientes em solos filtrantes”; design de produtos que sejam “funcionais e ecologicamente sustentáveis”; e também passa a se constituir como rede de pessoas e grupos. (BRAUN, 2008, p.121).

De acordo com Molisson, a permacultura no princípio não foi bem vista devido à integração com outras áreas, causando certo desconforto para os especialistas. Mas esse sistema baseia-se na cooperação com todos, que ele chama de componente, que são: sociais (apoio legal, pessoas, cultura, comércio e finanças); abstratos (tempo, dados, ética); energéticos (tecnologia, conexões, estruturas, fontes); do local (água, terra, paisagem, clima, plantas); e o design, que estabelece “a integração harmoniosa entre a paisagem e as pessoas”. (MOLISSON, 1998, p.14).

O sistema permacultural se orienta pelos princípios divididos em éticos e de design; os princípios éticos se baseiam em fundamentos simples, originários de culturas nativas de vários locais, pela sua ligação com a terra e pela ancestralidade, além das influências das “tradições filosóficas e espirituais das civilizações cultas” (HOLMGREN, 2015, P.08). Os princípios éticos são compostos de três e fazem parte de outros, considerados “gerais ou máximas”, que são: “cuidado com a terra (solos, florestas e água); cuidado com as pessoas (cuidar de si mesmo, parentes e comunidade); e partilha justa (estabelecer limites para o consumo e reprodução, e redistribuir o excedente).” (HOLMGREN, 2015, p.08).

Os princípios de design se baseiam na ecologia (ecologia de sistemas) e também na geografia e na etnobiologia, e estão organizados num conjunto de doze princípios. Os princípios estão ilustrados na figura abaixo, os éticos estão no centro do círculo e o de design do lado de fora, sendo o primeiro princípio “Observe e interaja”, continuando a sequência em ordem crescente:

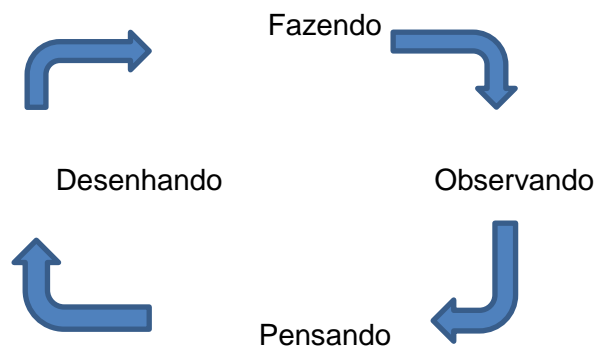
Figura 2 – Princípios éticos e de design da Permacultura.



Fonte: Engenheiros sem fronteiras - ESF.sao paulo.org

De acordo com Braun, com base em Andy Landorf²⁵, a permacultura pode ser entendida através de “quatro princípios básicos”: a) “a observação da natureza”; b) “a interpretação dessa observação”; c) “a adaptação das técnicas e o desenho de esquemas permaculturais permanentes”; e d) o de realizar “o que foi pensado”. (BRAUN,2008,p.121). Exemplificando esse processo pelo desenho abaixo:

Figura 3 – Quatro princípios básicos da permacultura de Andy Landorf.



Fonte. Elaborado por Ricardo Braun, 2008, p.121

²⁵ Academia de Permacultura da Grã-Bretanha.

Como afirma Braun, baseado nos “Grandes mestres da permacultura” na agricultura é preciso que se

Tome conta da terra e observe a natureza, olhe como ela funciona, e isto trará as informações necessárias. Nosso grande livro é a Natureza, e dela sairão os desenhos e formas de obter seus produtos naturalmente. (BRAUN, 2008, p.121)

Assim como houve uma ampliação no conceito de permacultura, também houve no seu campo, com a criação de várias áreas paralelas como a gestão participativa, a eco-restauração, a utilização de materiais reciclados para várias finalidades. Segundo Braun, há muitas técnicas que são consideradas exemplos de permacultura informal, práticas desenvolvidas há muito tempo em comunidades tradicionais em todo o mundo. Fato que demonstra a flexibilidade e integração do sistema permacultural, características de uma metodologia holística, que busca o uso, produção e aproveitamentos desenvolvido em harmonia com o meio ambiente, sem causar danos ou esgotamento.

Em 1992, a permacultura veio para o Brasil através do primeiro curso desse sistema, no Rio Grande do Sul, por Bill Mollison, que formou vários permacultores e esses criaram muitas instituições voltadas à permacultura: “Ecocentro IPEC - Pirenópolis GO; IPB - Salvador BA; IPEMA - Ubatuba SP; IPERS - Porto Alegre RS; IPETERRAS - Irecê BA; IPOEMA - Brasília DF; OPA - Salvador BA; IPC - Fortaleza CE; Ecovila S. Miguel-Moeda MG”. (PERMACULTURA, 2018).

A permacultura tem sido amplamente utilizada como base em várias propostas, como em programas educacionais ou voltados para a agricultura, e também se estabelecem de acordo com o ambiente. Seus princípios são utilizados na formação de ecovilas e em outros empreendimentos. No Brasil, temos registros de várias atividades através de mídias diversas, como Livrarias (Tapioca e Via Sapiens), Loja Verde e TV Permacultura.

Também é utilizada em comunidades, sítios e casas em diversas regiões pelo país, como no estado de Santa Catarina: São Ajubaí, Casa Colméia, Casa da Montanha, Curupira, Ecopalha, Raízes, Setelombas e Vagalume; no Rio Grande do Sul: a Arca Verde-RS; no Distrito Federal: Asa Branca-DF; em São Paulo: Gralha Azul, Morada Ecológica, Morada da Floresta, São Francisco e Vida de Clara Luz; no Paraná: Chácara Boa Vista; no Rio de Janeiro: Tibá; no Ceará: Vila Nova do

Alagamar; na Bahia: Kilombo Tenondé, Mangará e Marizá; em Minas Gerais: Morada Natural, Sete Eco's e Terra Una. Também foram formadas redes e grupos: Autonomia, Coletivo Permacultores e Permacultura na escola, em Santa Catarina; GEPEC, no Distrito Federal; Rede Permanece, no Ceará; e na UESC, em Ilhéus, Bahia. (PERMACULTURA, 2018).

Esse sistema também possui flexibilidade de absorver outras técnicas, uma vez que se baseia nas experiências adquiridas na convivência com o meio ambiente diversificado (montanha, deserto, campo, floresta e outros).

2.2.3 A ecopedagogia

Outra metodologia que está inserida no paradigma ecológico é a Ecopedagogia. De acordo com Gadotti, a ecopedagogia pode ser entendida como um movimento pedagógico, uma abordagem curricular e também um movimento social e político, porque ela tem como um dos objetivos formar cidadãos capacitados a buscar condições de qualidade de vida sustentável, unindo “compromisso ecológico” com ética-política: “Chamamos de vida sustentável o estilo de vida que harmoniza a ecologia humana e a ambiental mediante tecnologias apropriadas, economias de cooperação e o empenho individual.” (GADOTTI, 2008, p.74).

Um dos marcos do movimento pela Ecopedagogia iniciou-se a partir do primeiro encontro internacional da “Carta da Terra na perspectiva da Educação” em São Paulo, de 23 a 26 de agosto de 1999, sob a organização do Instituto Paulo Freire e apoio do “Conselho da Terra e da UNESCO”, seguido do “Fórum Internacional sobre Ecopedagogia”, em Portugal, em 2000, na universidade do Porto, resultando na elaboração dos princípios orientadores do movimento reunidos na Carta da Ecopedagogia. (GADOTTI, 2008, p.70).

A ecopedagogia consiste numa pedagogia centrada na “promoção do sentido das coisas a partir da vida cotidiana”, foi criada por Francisco Gutierrez nos anos 90, com base no “sentido da vida cotidiana” e teve origem nos estudos sobre “educação problematizadora” de Paulo Freire. (GADOTTI, 2008, p.80).

Para Gadotti, a ecopedagogia é um “projeto alternativo global”, porque engloba todas as pessoas e ambientes. Esse tipo de pedagogia não é escolar porque não está direcionada somente aos estudantes, mas a todos, e está

concentrada na mudança estrutural, econômica, social e cultural para o desenvolvimento de um “novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico”. (GADOTTI, 2000, p.67). Por isso, também é uma pedagogia multicultural, porque valoriza a diversidade cultural em todas as suas nuances e defende a participação de todos.

Ela só tem sentido como projeto alternativo global onde a preocupação não está apenas na preservação da natureza (Ecologia Natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (Ecologia Social), mas num novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (Ecologia Integral), que implica uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. Ela está ligada, portando, a um projeto utópico: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje. (GADOTTI, 2000, p.94).

Como a Ecopedagogia é uma pedagogia que parte da aprendizagem do cotidiano, de acordo com Francisco Gutierrez, para apreendê-la devemos partir do entendimento de princípios ou chaves pedagógicas que são consideradas caminhos, processos, que nos possibilitam desenvolver a pedagogia que consiste em “abrir caminhos novos, dinâmicos, inéditos, irrepetíveis, sentidos espirituais” (GUTIERREZ, 1999, p.64-66). Esses caminhos foram organizados em oito etapas (1999 p.65-78):

- 1) *“Faz- se caminho ao andar”*: vivenciar;
- 2) *Caminhar com sentido*: orientação interna;
- 3) *Caminhar em atitude de aprendizagem*: estar em busca e receptivo;
- 4) *Caminhar em diálogo com o ambiente*: importância da interlocução;
- 5) *No caminhar, a intuição é prioritária*: sentimento (intuição, sentido) como motivação para construção pessoal;
- 6) *O caminhar como processo educativo*: precisa produzir resultados com sentido;
- 7) *Caminhar re-criando o mundo*: importância da livre expressão;
- 8) *Caminhar avaliando o processo*: para quem aprende deve ter sentido.

São realizados em sete espaços de aprendizagem que estão vinculados aos temas que devem ser trabalhados para a sustentabilidade (GUTIERREZ, 1999, p.103-132):

- 1) *Gracias a la vida*: promoção a partir da vida cotidiana;
- 2) *Contragenese*: ética;
- 3) *Poesia em Zapote*: equilíbrio dinâmico;
- 4) O “*Cantinho da ternura*”: convergência harmônica;
- 5) “*Estava certa de que você não poderia ir a outro lugar senão aqui*”: o agir racional deve partir da intuição;
- 6) “*Estamos conectados com a totalidade do cosmo*”: a dimensão holística e o cotidiano;
- 7) “*Meu Deus, está viva*” (E.Mitchell): a consciência planetária e o cotidiano.

Dentre essas chaves, o caminhar em atitude de aprendizagem, de diálogo com o ambiente e como processo educativo; e dos espaços de aprendizagem propostos, o sexto espaço – “estamos conectados com a totalidade do cosmo”, que aborda a dimensão holística, demonstra que a ecopedagogia está se desenvolvendo com o objetivo de contribuir para uma educação voltada à sustentabilidade do ser humano e do saber, construído em harmonia com o ambiente global em que vive.

A ecopedagogia e a educação ambiental não são metodologias que se opõem, mas se complementam como movimento e metodologia. De acordo com Gadotti, a ecopedagogia possibilita à educação ambiental a realização de suas propostas de forma mais ampla. (GADOTTI, 2008, p.66). A ecopedagogia é considerada um movimento que abarca uma variedade de aspectos, como “gêneros, espécies, reinos, educação formal, informal e não formal.” (GADOTTI, 2000, p.70).

Dentre os princípios pedagógicos que fazem parte da ecopedagogia para se buscar uma vida sustentável para cultura de paz, baseados também em Edgar Morin, temos:

- Educar para pensar globalmente (sobre pensar a realidade);
- Educar os sentimentos (para saber viver com sentido);
- Ensinar a identidade terrena (identidade comum);

- Formar para a consciência planetária (somos todos interdependentes);
- Formar para a compreensão (comunicação e solidariedade);
- Educar para a simplicidade voluntária e para a quietude (novos valores para construir mundo melhor). (GADOTTI, 2000, P.75-76).

Ainda de acordo com Gadotti, a ecopedagogia tem forte inspiração nas obras de Paulo Freire, através de seu método de aprendizagem do cotidiano, que tem foco principalmente nos conceitos: conscientização, pensamento, consciência, autonomia, educação problematizadora, diálogo, dentre outros, como ferramenta de ensino. Os princípios da Ecopedagogia têm, portanto, ligação com os princípios considerados de pedagogia freireana (GADOTTI, 2000, p.174):

1. Partir das necessidades dos alunos (curiosidade).
2. Relação dialógica professor-aluno.
3. Educação como produção e não como transmissão e acumulação de conhecimentos.
4. Educação para a liberdade (Escola Cidadã e pedagogia da autonomia).

Esses princípios são também utilizados na literatura referente ao desenvolvimento sustentável. A obra de Paulo Freire tem alcance internacional e continua a exercer forte influência nos estudos sobre educação em vários países e universidades estrangeiras. Paulo Freire foi o único autor brasileiro citado no Programa Gaia Education, no tópico sobre o tipo de pedagogia desenvolvida no curso Eco design em Sustentabilidade²⁶, com o seu livro Education for Critical Consciouness (1973) e Pedagogia do Oprimido (1970).

Seus estudos sobre a práxis foram utilizados para compor o material sobre a aprendizagem vivencial do Programa Gaia education. Como citado anteriormente, essa pedagogia se baseia “em princípios de participação como os desenvolvidos por Paulo Freire”, se concentra no corpo como elemento principal para a aprendizagem em ação, “ao mesmo tempo em que se vive se aprende”.(GAIA1,2012,p.99):

A ideia principal é que nós ajamos e então refletimos sobre o que fazemos para que possamos extrair as lições aprendidas e fazê-lo melhor ou melhor no futuro ou aplicá-lo a outras situações. A ideia não é nova[...]Essa abordagem se baseia em uma maneira universal pela qual os seres humanos aprendem. (GAIA3, 2018).

²⁶ Apostila Educação para o Design de Ecovilas.

A educação, na perspectiva do paradigma ecológico, significa uma educação também em constante desenvolvimento, uma vez que ambos estão construindo sua estrutura, quantificando os principais fundamentos nos quais pode se basear para trabalhar uma mudança real e de acordo com as necessidades que emergem. No próximo tópico vamos abordar como o Programa Gaia Education desenvolve esta metodologia com base na pedagogia de aprendizagem vivencial, apresentando a estrutura e os conteúdos utilizados.

2.3 O curso Eco Design e o paradigma ecológico

Neste tópico trataremos do Curso Eco Design em Sustentabilidade, sua formação e objetivos e sua relação com o paradigma ecológico.

Como destacamos no capítulo anterior (tópico 1.3), o Programa Gaia Education propõe uma educação voltada para a sustentabilidade com base nas experiências de vivência, nas ecovilas e em outros empreendimentos, que visam a sustentabilidade, a vida em harmonia com o planeta, em várias perspectivas, desde os anos 80, utilizando de várias metodologias, em consonância com a proposta do paradigma ecológico. Para os educadores de Ecovilas (GEESE),

A aprendizagem tem que voltar às suas raízes, baseadas na comunidade de pessoas, e deixar de existir em instituições isoladas. Assim, tanto o contexto, como os métodos e o desenvolvimento pessoal se darão ao mesmo tempo em todas as idades. Este é um sistema de aprendizagem viva, que evolui e que abrange considerações globais, ao mesmo tempo em que as questões locais. Este sistema é preparado para lançar sementes para as sete próximas gerações. (GAIA1, 2012, p.99).

A educação para a sustentabilidade, hoje preconizada pela ONU, se insere também na categoria de educação não formal, sendo divulgada e multiplicada por pessoas de diversas faixas etárias, de profissão e nacionalidade. Não é exigido pré-requisito específico para sua capacitação, somente a identificação e vontade de realizar alguma ação em prol do meio ambiente, do planeta:

O documento da EDS sustenta que não existe um modelo universal de EDS. Daí a importância de traduzir esse conceito para as diferentes realidades e de pedagogias, como a de Paulo Freire, que parte da leitura do

mundo, do respeito ao contexto de cada um, que oferece uma metodologia dialógica e emancipadora. (GAIA EDUCATION, 2018).

A primeira experiência de comunidade com base no sistema permacultural foi em duas das mais antigas ecovilas no mundo: Findhorn, na Escócia, e Crystal Waters, na Austrália. Essas ecovilas colocaram em prática várias propostas e, após anos, com o aumento de ecovilas pelo mundo, a rede GEN propôs o desenvolvimento de uma educação sustentável, de acordo com o modo de vida e os resultados desse estilo de vida, para capacitação e divulgação em outras áreas:

Os educadores do movimento de ecovilas há anos vêm discutindo a criação de um programa educacional abrangente para a sustentabilidade, que integraria os conceitos de agricultura orgânica, permacultura, energia renovável, tratamento de águas residuais, facilitação de reuniões, atividades ecológicas, construção, resolução de conflitos e muito mais, em um programa que pode ser ensinado em ecovilas e ilustrado com trabalho de campo no local. A primeira grande reunião foi convocada pela Gaia Trust em Fjordvang, em 1998, com os principais educadores de ecovilas de todo o mundo convidados. (GAIA EDUCATION, 2018).

2.3.1 Estrutura do curso EDE- Ecovillage Design Education

Para se ter uma visão geral da Estrutura do Curso é importante apresentar o Projeto Pedagógico, seu conteúdo e metodologia.

2.3.1.1 Projeto Pedagógico

O curso Ecovillage Design Education - EDE foi organizado em quatro dimensões (visão de mundo, social, ecológica e econômica) e baseado nas práticas propostas pela permacultura e outras identificadas no ambiente nativo, sendo assim reajustado de acordo com o ambiente em que se desenvolve, desde 1998:

O primeiro marco no desenvolvimento da Gaia Education foi o lançamento do currículo inovador, Ecovillage Design Education, durante a conferência do décimo aniversário da Rede Global de Ecovilas, na Ecovila da Findhorn, em outubro de 2005. (GAIA EDUCATION, 2018).

Esses cursos são considerados de educação não formal e não possuem um Projeto Político Pedagógico (PPP) institucionalizado, que de acordo com Ilma Passos Alencastro Veiga consiste num projeto que

Busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária (VEIGA, 1998, p.1).

O Projeto Político Pedagógico, de acordo com a autora, se baseia nos “princípios de igualdade, qualidade, liberdade, gestão democrática e valorização do magistério”. (VEIGA, 1998, p.6). Como o Programa Gaia Education é realizado em diversos ambientes e culturas, sua estrutura não se pauta por um referencial institucionalizado pela educação formal, mas através de alguns elementos que compõem sua estrutura e são desenvolvidos com base neles, conforme os princípios abaixo, que regem seu desenvolvimento permanente:

Missão

A Gaia Education é uma provedora líder de educação em sustentabilidade que promove comunidades prósperas dentro dos limites planetários.

Visão

Trabalhamos em prol de um futuro resiliente dentro dos limites planetários, onde ninguém é deixado para trás. Um mundo de comida segura e nutritiva; de água potável; do acesso universal à educação para a sustentabilidade; de bem-estar físico, mental e social. Um mundo que usa energia e materiais com maior eficiência, distribui a riqueza de forma justa e se esforça para eliminar o conceito de desperdício. Um mundo de respeito universal pelos direitos humanos e pela dignidade humana; justiça e igualdade; de respeito por raça e etnia; e de igualdade de oportunidades, permitindo a plena realização do potencial humano, promovendo a prosperidade compartilhada.

Impacto

As comunidades de todo o mundo melhoraram seus sistemas sociais e naturais usando a estrutura Gaia Education 4-D Whole Systems, para que prosperem dentro dos limites planetários, regenerem o ambiente natural e permitam que todo o potencial humano floresça.

Os pontos utilizados para essa estrutura estão organizados através das dimensões a serem trabalhadas que fazem parte da construção do currículo; os critérios de avaliação; dos critérios para organizarem os cursos; dos requisitos para certificá-los; da capacitação dos facilitadores desses cursos; dos benefícios da associação de instituições com o programa. Dessa forma correspondem aos pontos considerados por Veiga, que são: “as finalidades da escola, a estrutura organizacional, o currículo, o tempo escolar, o processo de decisão, as relações de trabalho, a avaliação” (1998, p.06). Dessa forma, os dados apresentados compõem

todo o projeto político pedagógico do Programa, por isso pode-se dizer, utilizando-se a definição de Veiga, que ele tem um PPP.

O Programa se baseia em metodologias que desenvolvem propostas e práticas voltadas a uma vivência harmônica com o ambiente, equilibrada, autônoma e interdependente. As referências dos conteúdos utilizados são diversas e destacam o trabalho de muitos pesquisadores e autoridades relativo às questões das dimensões da sustentabilidade e como trabalhar para efetivar o equilíbrio com o planeta:

O currículo EDE oferece uma ampla gama de aplicações práticas e materiais inovadores, ideias e ferramentas que foram desenvolvidas e testadas em ecovilas, comunidades e ambientes de transição urbana em todo o mundo. (GAIA EDUCATION, 2018).

2.3.1.2 Conteúdo e metodologia

A metodologia do Programa Gaia Education se estrutura através de vários instrumentos (internet, apostilas, livros, redes parceiras) ²⁷ referentes à capacitação dos facilitadores dos cursos, alunos, das comunidades, de ecovilas (rural, urbana), ecobairros, empresas, universidades e outros locais. O conteúdo principal está distribuído através de apostilas dos cursos:

- EDE Curriculum-v5-Português (apostila) - Educação para o Design de Ecovilas (apostila para participantes dos cursos);
- Trainers Handbook (Manual de formadores da educação Gaia- ToT);
- Education Teachers Guide (Guia dos professores);
- Negotiating Tensions-SDGs (Negociando Tensões entre o Global e o Local)²⁸;
- Youth Activities Guide (Guia de atividades para Jovens).²⁹

²⁷ Alguns destes materiais encontram-se no site do programa. (www.gaiameducation.org)

²⁸ Adaptação do documento de reflexão sobre os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU: considerado um apelo à ação na Escócia.

²⁹ "Suplemento para facilitadores e participantes que trabalham com jovens em cursos de educação em design de ecovilas".

Outros materiais também são referência, como livros: “As quatro chaves” (quatro livros, um para cada dimensão); “Ecovilas ao redor do mundo” (panorama do início das ecovilas, com fotos); e o “Manual de Multiplicadores de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (Sustainable Development Goals – SDG) e seus cartões.

O conteúdo da apostila para a EDE é desenvolvido abordando cada dimensão em separado. Cada dimensão apresenta até cinco módulos. Antes de iniciar os módulos se destaca qual o resultado que se espera daquela aprendizagem. Em cada módulo se apresenta um objetivo de aprendizagem, conteúdo específico, indicação de materiais (vídeos, livros, artigos) e exemplos de atividades para a aprendizagem.

As dimensões trabalhadas no Programa são quatro. A *Social* trabalha os temas: Construir Comunidade e Abraçar a Diversidade; Ferramentas de Comunicação (Conflito, Facilitação e Tomada de Decisões); Liderança e Empoderamento; Arte, Ritual e Transformação Social; Educação, Redes Sociais e Ativismo. Já a *Econômica* aborda os temas: Da economia global para a sustentabilidade; Sustento Justo; Economias Locais; Moedas e Bancos Comunitários; Temas legais e financeiros.

A dimensão *Ecológica* trata da: Construção Ecológica e Retroajustes; Alimentos Locais e Ciclo dos Nutrientes; Água, Energia e Infraestrutura; Restaurar a Natureza, Regeneração Urbana e Reconstruir após desastres, Design Integrado. Finalmente, a *Visão de Mundo* desenvolve: a Visão de Mundo Holística, Reconectar-se com a Natureza, A transformação da consciência, Saúde Pessoal e Planetária, Espiritualidade Socialmente engajada.

Os temas propostos no Programa se baseiam em valores que foram harmonizados aos quatro pilares (social, econômico, ecológico, cosmovisão) da sustentabilidade (GAIA, 2018) e esses valores são:

- Respeito pela Diversidade: promoção da biodiversidade;
- Regeneração e Sustentabilidade: promoção da regeneração ecológica, econômica, social e cultural;
- Desenvolvimento liderado pela comunidade: promoção e apoio do empoderamento da comunidade;

- Inovação transformacional: “pesquisa internacional e da prática de desenvolvimento regenerativo”;
- Direitos humanos e justiça social: defesa dos direitos humanos para todos e em todos os momentos, valorização da autodeterminação e da liberdade social, igualdade de acesso “à prosperidade e oportunidade”;
- Igualdade e Equidade: avanço da igualdade “cultural, étnica, sexual, religiosa e espiritual e de voz e oportunidade”;
- Integridade e Transparência: processo transparente, altos padrões éticos, parcerias que prezam pelos mesmos padrões.

Como dito anteriormente, o Programa se realiza através de módulos onde são apresentados os temas de cada dimensão e, a partir destas dimensões, busca-se algumas condições. Na **sustentabilidade social**, considera-se a valorização da diversidade e a construção da comunidade; tomar decisões que sejam “inclusivas, responsivas e transparentes”; habilitar a participação na liderança e governança; acesso e igualdade garantidos à “educação holística e aos cuidados de saúde”; implementar habilidades para o tratamento de conflitos, comunicação construída para o desenvolvimento da paz; criações de instituições que sejam eficazes, responsáveis e justas.

Na **sustentabilidade cultural**, valoriza-se a conexão com o propósito de vida; possibilitar a nutrição da atenção e do nosso próprio crescimento; respeito às tradições culturais; ser ativa na proteção da comunidade e da natureza; celebrar através da arte a diversidade da vida; acolher estilos de vida que não causem alto impacto na natureza através da reconexão com ela. Na **sustentabilidade ecológica**, considera-se a limpeza e reabastecimento de fontes de água; fazer uso 100% de energias que sejam renováveis; empregar a agricultura orgânica; divulgar e fazer uso de tecnologias voltadas à construção ecológica; utilizar como recurso importante os resíduos.

E na **sustentabilidade econômica**, avalia-se renovar “os conceitos de riqueza, trabalho e progresso”; empregar a justiça na apropriação de terras e recursos; empreender socialmente para designar soluções que sejam sustentáveis; trabalhar pela capacitação das economias locais e seu fortalecimento; fazer

investimentos no comércio justo e “sistemas éticos de troca”; através da justiça econômica promover o bem-estar para toda comunidade.

No **design de sistema inteiro**, identificar em todas as áreas, pontos fortes, fracos e de alavancagem; envolver todos em projetos futuros; encontrar para cada solução a escala certa; valorizar tanto a sabedoria tradicional quanto a inovação que seja positiva; através da aprendizagem pela natureza, exercitar os “sistemas inteiros”; para manutenção de apoio mútuo, construir redes. (GAIA EDUCATION, 2018).

O conteúdo trabalhado nos materiais de capacitação do Programa é proveniente da aprendizagem com base na permacultura, referentes à agricultura, bioconstrução, tipos de reciclagens, desenvolvidos nas primeiras experiências nas comunidades sustentáveis, depois em ecovilas. São conhecimentos desenvolvidos em práticas sustentáveis, de acordo com o ambiente em que estavam inseridos, em áreas da pecuária, agricultura ou pesca (artesanal) (BRAUN, 2008, p.134). Os outros conteúdos, voltados às áreas social, cultural, econômica, educacional e espiritual provêm de várias influências de estudiosos ocidentais e orientais, e de outras culturas (nativas, antigas). E também de conteúdos que foram aplicados, como a Educação ambiental, a Ecopedagogia, a Agrofloresta, e de outras metodologias como Dragon Dreaming³⁰ e conceitos como CNV-comunicação não violenta, governança participativa, cooperação, empatia, criatividade, partilha, consenso, cidades em transição, empreendedorismo social, justiça restaurativa, pegada ecológica, mudança de paradigma, biosistemas, alfabetização ecológica, cultura de paz, espiritualidade ecumênica, dentre outros. (GAIA1, 2012).

De acordo com o GESE, optou-se pela criação de um currículo único para todos, mas que seja flexível para a inclusão de outras características próprias a cada cultura e ambiente em que é inserido. Sobre o currículo Gaia:

É comprovada a viabilidade e justificativa de se ter um currículo único para todo o mundo. As comunidades sustentáveis de todas as culturas e

³⁰ “O Dragon Dreaming é um processo de design sistêmico, uma filosofia e um arcabouço metodológico para a realização de projetos, organizações e plataformas colaborativas e sustentáveis, baseados em três princípios: **crecimento pessoal** - compromisso com sua própria cura e fortalecimento; **construção da comunidade** - fortalecendo as comunidades das quais você faz parte; **serviço para a Terra** - aumentando o bem-estar e florescimento de toda a vida.” (DRAGONDREAMING, 2019)

localizações geográficas compartilham uma mesma visão de mundo, visão e valores. O modo como o currículo é ensinado poderá variar, é claro, dependendo da configuração cultural do local onde o curso é oferecido, por exemplo, uma comunidade rural, um cenário urbano, uma aldeia indígena, um curso universitário, etc.. (GAIA1, 2012, p.09).

Por isso, esse currículo pode ser considerado holístico, integrativo e holográfico, de acordo com os autores, devido a sua intenção de representar a totalidade, de trabalhar a integração de todo conteúdo e de ser desenvolvido a partir de qualquer ponto, sem se desfazer da finalidade a que se propõe. (GAIA1, 2012, p.07).

O conteúdo dos manuais de capacitação para facilitadores apresenta características do desenvolvimento das comunidades sustentáveis nas quatro dimensões (Social, Ecológica, Visão de mundo e Econômica). O curso foi desenvolvido com base em três pilares. (GAIA3, 2018):

- 1) Objetivos de desenvolvimento sustentável: Negociação de tensões entre o global e o local; “Integração vertical dos ODS”; “Áreas de Prioridades do Programa de Ação Global da UNESCO”; Tradução dos “Acordos climáticos globais em ações e mudanças de comportamento e estilo de vida.”
- 2) Facilitar jornadas de aprendizagem participativa: experimentação de métodos e ferramentas de facilitação para a aprendizagem.
- 3) Aprofundar o trabalho de ponta: saber trabalhar as diferenças com diferentes “modos de operação, estrutura de poder, culturas, ambientes físicos e visões de mundo”.

O conteúdo tem base nos métodos de diferentes estudiosos: nas práticas de Paulo Freire, na prática de Mao Tse Tung, e no “ciclo de aprendizagem experiencial”, de David Kolb. De acordo com o manual GAIA Trainers Handbook, o ciclo deste tipo de aprendizagem experiencial apresenta cinco aspectos:

- 1) Criar ou desenhar uma experiência que os participantes tiveram;
- 2) Refletir sobre os sentimentos sobre a experiência;
- 3) Observar a situação específica no exercício;
- 4) Desenhar as lições aprendidas sobre a experiência;
- 5) Contemplar como aplicar a experiência”. (GAIA3, 2018).

Esses aspectos são trabalhados durante toda a formação dos cursos, como parte relevante no desenvolvimento dos conteúdos, para que sejam apreendidos, aplicados e produzam resultados esperados. Pretende-se que o tipo de aprendizagem motivada seja divergente, porque ela faz emergir a criatividade como ponto favorável para criar soluções diferenciadas e holísticas.

Após a capacitação, os facilitadores poderão preparar, além do conteúdo fixo, os outros temas que serão inseridos de acordo com o ambiente em que residem e com a proposta, seja ela ecológica, social, ou espiritual, que pretendem desenvolver.

Para realizar o Programa Gaia Education, os facilitadores precisam fazer uma certificação, que segue alguns critérios, de acordo com as “Diretrizes para certificação” (GAIA3, 2018):

- Um mínimo de 125 horas de contato (por exemplo, 20 dias por curso; 6,25 horas / dia).
- Uma forte intenção de cobrir todos os 20 módulos dentro de cada uma das quatro dimensões da sustentabilidade
- Um mínimo de 15 horas dedicadas à aplicação de métodos e processos de design em cenários da vida real
- Uma equipe qualificada de educadores com conhecimento e experiência suficientes e pelo menos um que tenha concluído um programa certificado pela Gaia Education
- Um local apropriado, idealmente demonstrando a aplicação integrada do design para assentamentos sustentáveis
- Um compromisso para concluir e enviar avaliações e relatórios de curso
- Um compromisso de seguir as diretrizes internacionais de branding
- Um compromisso de contribuir para atividades de Educação para o Desenvolvimento Sustentável em sua região. (GAIA3, 2018).

Os benefícios de certificar um curso sinalizam que os responsáveis pretendem ter qualidade e seguir a essência do currículo, desenvolvendo atividades, métodos e resultados semelhantes “definidos pelo conselho do Gaia Education” (GAIA3, 2018). A certificação possibilita os benefícios referentes à “manutenção de um padrão consistente de design e ensino do curso”, acrescenta “valor institucional e visibilidade internacional aos cursos”, e proporciona “acesso a um fórum de educadores e designers experientes que desenvolvem e atualizam o currículo desde 1998.” (GAIA3, 2018).

ESD é uma educação holística e transformacional que aborda conteúdos e resultados de aprendizagem, pedagogia e ambiente de aprendizagem. Assim, a EDS não apenas integra no currículo conteúdos como mudança climática, pobreza e consumo sustentável. Ele também cria ambientes de

ensino e aprendizagem interativos, centrados no aluno. O que a EDS exige é uma mudança do ensino para o aprendizado. Ele pede uma pedagogia transformadora, orientada para a ação, que apóie a aprendizagem auto-dirigida, a participação e a colaboração, a orientação a problemas, a inter e a transdisciplinaridade e a vinculação da aprendizagem formal e informal.(UNESCO, 2017,p.7).

O Programa Gaia Education tem estabelecido várias parcerias (institucionais, acadêmicas, de associados, de publicação com instituições que desenvolvem projetos e ações que visam a alguns ou os muitos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU (GAIA EDUCATION, 2018). Dessa forma, a Educação para a Sustentabilidade vem sendo construída em vários âmbitos, tanto de forma oficial quanto não oficial, através da implementação de programas, da vivência, da capacitação e do aprimoramento de técnicas que já são desenvolvidas em pequenos contextos, sendo ampliadas aos poucos para outras localidades e países. Almejam atingir os espaços que precisam ser trabalhados para que o os princípios difundidos pelo paradigma ecológico estejam finalmente consolidados e possam alcançar mais pessoas, locais e instituições para a produção de resultados concretos e sustentáveis.

Assim, dentro das propostas do paradigma ecológico, vamos conhecer como as dimensões da sustentabilidade são trabalhadas no Programa Gaia Education e se este programa trata da espiritualidade, em que condições e que tipo de espiritualidade através de seus cursos. Esta será a questão do próximo e último capítulo da nossa pesquisa.

CAPÍTULO 3

3. A ESPIRITUALIDADE NO CURSO ECO DESIGN EM SUSTENTABILIDADE

Muito tem sido escrito e falado da nossa relação com a natureza. Aprendemos desde cedo que a natureza ou o meio ambiente consiste no local onde habitamos e convivemos com outras pessoas e todos os seres, como a fauna e flora, e que devemos cuidar, manter e usufruir diligentemente dessa riqueza. Mas nem sempre pensamos na conexão que desenvolvemos com ela, na essência dessa ligação. Seria uma questão de valorização só material, de costume ou de valor? Ou haveria outra hipótese, não refletida durante o nosso cotidiano tão dinâmico?

A atual percepção da crise de proporções globais que tem afetado nossa vida, nosso planeta, o futuro das espécies e gerações, passamos a indagar principalmente sobre essa relação com o ambiente total. Essa indagação vai além dos aspectos físicos e materiais; ela alcança outra esfera, a da espiritualidade, que pode representar a via de conexão mais profunda com a natureza e dar o sentido de vida que buscamos ao nos confrontarmos com a questão de uma vida sustentável em todos os sentidos.

Neste capítulo, abordaremos conceitos que são relevantes para compreender o Curso Eco Design em Sustentabilidade, de modo especial, sobre a espiritualidade e sua conexão com a sustentabilidade no paradigma ecológico.

O primeiro tópico “Espiritualidade: principais concepções” irá tratar da origem do termo espiritualidade e as concepções elaboradas em variados contextos para que possamos compreender o que ela significa. Por isso, considera-se importante trabalhar o conceito de religião, as origens da espiritualidade e também um fenômeno recente que é a espiritualidade não religiosa. Como um tópico mais histórico e conceitual ele terá uma extensão maior.

Em seguida, o tópico “Sustentabilidade e espiritualidade no paradigma ecológico” abordará a conexão entre os dois conceitos na perspectiva do paradigma ecológico, como elemento para compreender o desenvolvimento da sustentabilidade sob o viés de uma espiritualidade diferente.

O terceiro tópico, “A articulação entre educação, sustentabilidade e espiritualidade no curso Eco design em Sustentabilidade”, concluindo a pesquisa, analisará como esses elementos são relevantes quando conectados no curso Eco

Design, nos módulos em que são desenvolvidos, e também, a partir do paradigma ecológico, necessários para o desenvolvimento de uma vida de qualidade e sustentável.

3.1 Espiritualidade: principais concepções

O tema espiritualidade, como todos os temas abordados até o momento, também é complexo e se encontra em constante debate. A abordagem que pretendemos dar a este tema tem o objetivo de compreender o seu significado e suas modalidades, para que possamos estabelecer se há a identificação e se houver, qual e como a espiritualidade está presente no Programa Gaia Education.

Vamos apresentar algumas concepções que mostram tanto a espiritualidade religiosa quanto a não-religiosa e outros tipos com a intenção de situar esse fenômeno voltado à educação para a sustentabilidade. Para este desenvolvimento vamos destacar as concepções de vários autores que tratam do conceito e suas aplicações, como Leonardo Boff, Faustino Teixeira, Afonso Murad, Maria Corbí, Maria Clara Lucchetti Bingemer, Carlos Eduardo Brandão Calvani, Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Agostinho Nogueira Baptista e Roberlei Panasiewcs, dentre outros, como André Droogers e Marcelo Camurça, que compõem as áreas da teologia, sociologia e antropologia.

Para iniciarmos essa reflexão, vamos apresentar as diferenças entre religião e espiritualidade, de forma a possibilitar o entendimento da origem da espiritualidade e de suas vertentes. Destacamos as concepções de religião, religiosidade e espiritualidade, de acordo com Clarissa de Franco, em seu estudo sobre Psicologia e espiritualidade;

- Religião: rituais, doutrinas, cultos, orações, crença/fé.
- Religiosidade: vivencia e experiências religiosas, inquietação ou senso religioso, campo ou fenômeno religioso, desenvolvimento religiosos, adesão e comprometimento religiosos, crença/fé.
- Espiritualidade: busca pessoal de sentido, autorrealização, autonomia em relação às instituições, autenticidade, espontaneidade, criatividade, liberdade, mal-estar em relação à materialidade do mundo, crença/fé. (FRANCO, p.401-402.)

Pretendemos ainda discutir sobre algumas concepções deste tema, considerando a diversidade de espiritualidades e suas diferenças, em que contextos se desenvolvem, e também que tradições religiosas fazem parte dele.

3.1.1 Algumas considerações sobre Religião

A religião é considerada parte fundamental na estrutura das sociedades ocidentais, seja ela cristã, islâmica ou judaica; e também das sociedades orientais (budista, hindu e outras) que se encontra inserida no desenvolvimento do ser humano, desde o seu nascimento, considerado como um dos primeiros padrões de orientação da humanidade, sendo um arcabouço de muita complexidade, pois possui inúmeros aspectos no seu desenvolvimento: símbolos, crenças, ritos, doutrinas, morais, experiências religiosas, dentre outros. Desde a sua origem, que num sentido amplo remonta à época do Paleolítico até a sua predominância em várias fases da história da humanidade, a religião tem servido de pilar espiritual, social e político, embora tendo sofrido mudanças significativas no decorrer do tempo, acompanhando o desenvolvimento humano, conforme mostram muitos autores clássicos e contemporâneos como Emile Durkheim (1989), Clifford Geertz (1989), Maria Corbí (2010), Leonardo Boff (1995), dentre outros.

As concepções sobre religião que apresentaremos estão entre as mais citadas entre os estudos, de acordo com Silas Guerriero (2014), o que não significa ser a palavra final sobre este tema tão diverso, mas elas possuem alguma equivalência com outras definições. A primeira definição considerada clássica, de elaboração do sociólogo Emile Durkheim (1989, p. 79), considera que a religião é “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”.

Outra concepção, mais contemporânea, caracteriza outra condição: a não referência a uma instituição, de autoria do antropólogo Clifford Geertz, que diz:

Uma religião é: um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p.67).

Essas definições nos dão uma pequena idéia do quanto é complexo estabelecer um significado sobre tal realidade, considerando que há ainda múltiplas variáveis que interferem na sua elaboração e na sua compreensão: o contexto, os princípios vigentes de determinadas culturas ou a falta deles, e a relação que as religiões têm com outras esferas e tipos de sociedade (rural, urbana, originária, capitalista, socialista), além também de corresponderem às variações de opção teórica de cada autor, entre outros aspectos.

Como afirma Silas Guerreiro “A compreensão do que é religião pode variar enormemente dependendo da perspectiva em que nos encontramos.” (2014, p.914), principalmente para nós brasileiros, que consideramos a amplitude de práticas de diferentes tradições religiosas.

Para Maria Clara Luccheti Bingemer, citando Frei Betto, a religião dentro do seu atual contexto de crise consiste em um “catálogo de regras, crenças e proibições [...] predomina a voz exterior, da autoridade religiosa [...]”. E como é uma instituição, prevalece a “[...] disputa de poder, hierarquia, excomunhões e acusações de heresia.” (BINGEMER, 2016, p.76).

Já Leonardo Boff, dentre as concepções de religião que foram elaboradas em suas obras, considera a conexão que há com outros temas relevantes (ecologia, sustentabilidade, mística) e diz que a religião:

Nasce [...] como o conjunto das expressões da fé, seja no âmbito da compreensão (credos e doutrinas), seja no campo das práticas (a ética), seja nas expressões simbólicas e rituais (liturgia), seja nas dimensões estética (arte sacra, igrejas, monumentos, músicas, etc.). (BOFF, 1995, p.293).

Outro autor significativo, crítico da religião atual, Maria Corbí, pensa que a religião “é, então, a forma de viver a experiência da dimensão absoluta da realidade sob o domínio e o controle dos programas coletivos das sociedades pré-industriais que são, todas elas, estáticas” (2010 p.166). Essa autora faz uma análise da religião e também da espiritualidade, propondo outras formas de interpretação e de práticas para nova realidade, diferente da forma original em que a religião foi gestada: “A religião era um projeto de vida individual e coletivo.”, um conjunto de sistemas para “interpretar o mundo, a humanidade e a vida [...] de avaliação e de organização familiar e social [...]” (2010, p.201-202).

Como constata os estudos sobre o tema, a religião, através de suas instituições, passou por vários contextos, resistindo às influências externas, mantendo vários de seus princípios fundamentais, durante grandes eventos mundiais como a revolução industrial, as guerras e a globalização. De acordo com Guerriero, “A religião se transformou, encontrou adaptações e realizou reconfigurações para permanecer na sociedade atual” (2014, p.928). Com o processo iniciado pela globalização e as constantes inovações em todas as esferas, surgindo a cada década, novas configurações da religião tradicional também foram elaboradas de acordo com o modo de vida do indivíduo, de grupos e comunidades, incluindo também as espiritualidades. Segundo discute Carlos Rodrigues Brandão.

Para além da religião, o tempo cultural em que vivemos e para onde nos dirigimos, inclui cada vez mais um número maior de estilos de espiritualidades, de outros sistemas de sentido, de combinações pessoais e coletivas de saberes e valores que não apenas permitem, mas obrigam a própria pessoa-religiosa a interações de sentido, a integrações de escolhas, a indeterminações de seu próprio destino como um indivíduo e uma identidade. (BRANDÃO, 2004, p.285).

Estas espiritualidades, elencadas por autores como Guerriero, Bingermer e Calvani, são como novas formas de expressão da religião, de vivências religiosas, de misticismo, e foram interpretadas com base na teologia cristã, que de acordo com Carlos Eduardo Brandão Calvani, “imprimiu um forte componente dualista, produzindo ao longo da história uma série de termos correlatos que se atrelaram ao conceito, sem os quais parece não ser possível falar em ‘espiritualidade’” (2014, p.660). Segundo Calvani, o conceito espiritualidade é recente e ainda está sendo formado, indo além das conhecidas “categorias religiosas” utilizadas das conexões do termo com a mística, por exemplo, que abordaremos mais adiante.

3.1.2 Origem da Espiritualidade

A definição de Espiritualidade, de acordo com Carmuça, Calvani, e outros, como André Droogers (1983), apresenta mais desafios do que o sistema no qual se originou a religião. Para ele, a “Espiritualidade é um tal fenômeno. Ela representa uma certa experiência, uma atitude, e por isso não é fácil formular a essência dela.” (DROOGERS, 1983, p.112). A tarefa de conceituá-la não tem sido fácil dentro das

ciências humanas, da teologia e das Ciências da Religião. Essas áreas se ocupam em determinadas épocas a analisar e/ou interpretar as espiritualidades de acordo com as condições em que surgem na sociedade. São identificados aspectos na Teologia, quanto a sua origem, nas Ciências da Religião, como objeto de estudo vinculado a fenômenos religiosos, na Sociologia, como parte da estrutura social, e na antropologia, como dimensão humana fundamental.

De acordo com Marcelo Camurça, a “noção” de espiritualidade começou a se destacar nos anos 90, em todo o mundo, devido ser

Fruto de diversos fenômenos, como o processo de crise e desinstitucionalização religiosa que atingiu as ditas igrejas históricas, gerando o conseqüente surgimento de movimentos carismáticos e pentecostais no seu seio, de um lado, e do outro o advento de movimentos alternativos, como o New Age, neo-esoterismos. (CAMURÇA, 2016, p.02).

Antes desse período, a espiritualidade era estudada como parte da religião, inserida no estudo sobre as religiões tradicionais, referindo-se à experiência com o Espírito Santo, no caso do Cristianismo. Segundo Calvani, a partir das reformas no século XVI, tanto a teologia cristã quanto a protestante realizaram debates sobre a “doutrina do Espírito Santo”, período em que o termo espiritualidade passou a ser referência às experiências provindas dele:

[...] seja através da liturgia ou de práticas de oração, ascese, êxtases individuais ou coletivos, em pequenos grupos. Tais experiências, uma vez relatadas, narradas, escritas ou musicalizadas e atribuídas à inspiração do Espírito Santo, ajudaram a construir o conceito de “espiritualidade”. (CALVANI, 2014, p.664).

Sobre o Espírito Santo como base de origem da espiritualidade, dois autores apresentam uma perspectiva sobre sua importância: Leonardo Boff e André Droogers. Boff esclarece que o primeiro sentido da palavra Espírito, é “todo ser que respira” e a espiritualidade, como proveniente dele, se refere à “totalidade do ser humano enquanto energia, sentido e vitalidade”. (BOFF, 2008, p.183). Esse autor explica a espiritualidade a partir do espírito, destacando os três caminhos distintos que resultam na sua totalidade: o primeiro caminho é quando a espiritualidade está vinculada “à experiência do espírito”, que consiste na vivência e na valorização da vida em todo seu conjunto, espiritual e física, interior e exteriormente. O segundo

caminho é a conexão da espiritualidade com a religião que se dá através da fé, do entendimento e da interpretação do conhecimento transmitido pela religião, revertendo para uma existência real e completa no sentido do encontro interior com Deus. E, no terceiro caminho, a espiritualidade é compreendida como “expressão do espírito do tempo”, se desenvolve a partir de uma vivência orientada por uma série de conhecimentos, aprendizados e da própria significação que o indivíduo dá de sua experiência de vida. (BOFF, 1995, p. 289-294).

André Droogers também analisa a importância do Espírito Santo junto a outros aspectos que ele considera essenciais como parte da espiritualidade: “o papel do Espírito Santo, a autocompreensão do homem, e o caráter relacional da espiritualidade”. (1983, p.121). O primeiro aspecto, o “papel do Espírito Santo”, consiste na importância do Espírito Santo como base, guia e criador da “comunhão” do homem com Deus. O segundo aspecto, “a autocompreensão do homem”, estabelece-se como expressão da espiritualidade vivenciada pelo homem, com base na fé e no poder da criação pelo Espírito Santo. O terceiro aspecto, “caráter relacional da espiritualidade”, considera a implicação do relacionamento do ser humano, por intermédio do Espírito Santo, com Deus e com o próximo (DROOGERS, 1983, p.123).

Nessas duas posições, podemos perceber que o Espírito Santo ou Deus em seu Espírito, como ideia principal, está presente em todo o processo que constitui a espiritualidade, desde o seu desenvolvimento e também está em outra condição: na possibilidade de abertura para uma espiritualidade considerada fora do âmbito da religião cristã e até numa espiritualidade não-religiosa.

Outro conceito que pode ser acrescentado à compreensão da constituição da espiritualidade é a mística. De acordo com Boff, mística “é adjetivo de mistério”, que indica “a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade, e que possui um caráter definitivamente indecifrável.” (BOFF, 2008, p. 191). Mistério é um conceito que está relacionado diretamente à constituição da religião, mas ultrapassa esse campo através da mística, que consiste, segundo o Pe. Henrique Claudio de Lima Vaz:

“uma forma superior de experiência, de natureza religiosa, ou religioso-filosofica (Plotino), que se desenvolve normalmente num plano transracional [...] por outro lado, mobiliza as mais poderosas energias psíquicas do indivíduo.” (VAZ, 2000, p. 9).

Ainda de acordo com Lima Vaz, a mística conduz o ser humano a alcançar elevadas formas de “conhecimento e amor” durante a vida. Mas no atual contexto, o termo místico sofreu algumas alterações, sendo também indicativo de outros sentidos, por exemplo, como “mística política”, “mística do esporte”, dentre outros, utilizado para nomear a conduta do ser humano dentro do seu espaço no mundo. (VAZ, 2000, p.10).

Para Faustino Teixeira, a mística pode ser interpretada de diversas formas, de acordo com a posição na qual se encontra o indivíduo na realidade: “a mística é a ‘experiência integral da vida’ ou da realidade”. Ele considera a espiritualidade e a mística como caminhos que são complementares: “A mística pode ser entendida como ‘a experiência suprema da realidade’ e a espiritualidade como o caminho para alcançar esta experiência”. (TEIXEIRA, 2012, p. 2).

Segundo Boff, também a mística e a espiritualidade partem de um espaço que promove o sentido de comunhão e a percepção da totalidade, em busca de um sentido maior de vida. (BOFF, 2008, p. 52): “Espiritualidade e mística pertencem à vida em sua integralidade e sacralidade. Daí nascem o dinamismo da resistência e a permanente vontade de libertação” (BOFF, 2008, p.190).

Dessa forma, os dois conceitos com os quais a espiritualidade se constitui e também se conecta, o Espírito (origem), em grande parte da história e majoritariamente interpretado pelo cristianismo, mas que também se refere ao “Espírito de Deus” das diversas tradições religiosas e ao “espírito” humano e a mística (conteúdo, objetivo, experiência, sentido) configuram a base para o desenvolvimento das espiritualidades religiosas e também das não religiosas.

3.1.3 Espiritualidades Religiosas e Não religiosas

As espiritualidades são diversas e cada uma apresenta suas peculiaridades e também seus problemas, segundo Leonardo Boff. Com o contínuo processo de globalização marcado por mudanças e transformações, outras espiritualidades emergem de acordo com o contexto e a realidade da estrutura social e econômica da sociedade. As concepções da espiritualidade surgiram, primeiro, como religiosas, mas outras espiritualidades fora do âmbito da religião, foram elaboradas e são denominadas não-religiosas. Vamos abordar primeiro as espiritualidades

religiosas que surgiram no âmbito das tradições das religiões tradicionais e em seguida as espiritualidades não religiosas.

Como vimos anteriormente, a origem da espiritualidade se deu nas tradições religiosas tradicionais que Boff chama de espiritualidade convencional, ou seja, religiosa, e que remete “a modelos de vida e interpretações do mundo (cosmologias) que não correspondem mais à sensibilidade atual.” (BOFF, 1995, p. 288). Destaca-se a figura do ser humano, como centro de toda vida, e não consideram outras questões atuais relevantes como o campo da ecologia tem tornado evidente. De acordo com o autor, a espiritualidade adequada para o nosso momento deve ser aquela que pode se tornar uma “experiência global de re-ligação de todas as buscas, dos encontros, das experiências de sentido, como aquele fio que reúne todas as pérolas para formar um colar.” (BOFF, 1995, p. 288). Para Boff, a espiritualidade se refere a viver de acordo com a “dinâmica profunda da vida”, que se desenvolve a partir da integração de dois lados, o exterior (do ser humano com o outro) e o interior (consigo próprio).

Segundo Faustino Teixeira, a espiritualidade também significa uma integração profunda da vida que:

traduz um modo de ser, uma atitude essencial que acompanha o ser humano em cada passo de seu cotidiano. Ela expressa uma energia que é comum a todos, independente de crença religiosa, visibilizando a dimensão de profundidade da própria condição humana. (TEIXEIRA, 2012, p.).

Esse modo de ser é a mola propulsora para que o ser humano vá de encontro às ações que vão possibilitar sua integração com a totalidade (Deus, consigo próprio, o seu próximo e o planeta). Um caminhar para a “experiência do real”. (TEIXEIRA, 2012, p.62)

André Droogers (1993) propõe em seu estudo sobre a espiritualidade uma definição que imagina servir (provisoriamente) para todas as religiões. A espiritualidade seria

O processo de produção simbólica pelo qual a pessoa e o grupo religioso se comprometem numa relação existencial com uma realidade sagrada e, como consequência disso, com outras pessoas e outros grupos de pessoas. Espiritualidade é a vivência de um relacionamento inspirado pela religião. (DROOGERS, 1983, p.128).

Segundo Droggers, dentro do âmbito da teologia cristã, a espiritualidade ganhou novos significados e foram readaptadas às novas condições; também a espiritualidade pode sofrer a influência da dinâmica da “moda”, sendo no decorrer do tempo assimilada ou transformada, “agindo e reagindo em concordância com o contexto histórico. Existe uma maré da espiritualidade em que uma ênfase unilateral é corrigida”. Ele observa que o surgimento de uma nova espiritualidade sempre acontece em torno das instituições das religiões “institucionalizadas.” (DROGGERS, 1983, p. 125). Este movimento também pode ser atestado pela inserção do conceito espiritualidade em outras áreas, como da saúde (enfermagem, psicologia), da educação e outros, que veremos adiante.

Leonardo Boff (1995) discute também sobre outra espiritualidade, dentro da perspectiva teológica cristã, que ele chama de ecologicamente sustentável, a “Eco-espiritualidade: Sentir, Amar e Pensar como Terra”, cujo eixo é a simplicidade na atitude e ação para possibilitar a sustentabilidade que proporciona a qualidade de vida. Nesta mesma linha, Carlos Hernandez Diaz Franky e Alirio Cáceres Aguirre (2016), apontam que:

Pensar sobre a espiritualidade ecológica acarreta uma nova colocação das categorias teológicas fundamentais, com destaque para a relacionalidade de Deus com sua criação. Portanto, a imagem de um Deus que é comunidade, que se comporta como um ecossistema de amor e estabelece uma koinonia³¹ com os seres criados, torna-se muito significativa. (MURAD, 2016, p.110).

De acordo com Franky e Aguirre, junto a essa espiritualidade a mística contribui para a legitimação da sustentabilidade, porque proporciona uma atitude de valorização da criação, do tratamento consciente da questão ecológica e suas ramificações em prol da coletividade (FRANKY; AGUIRRE, 2016, p.112).

Na Encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco aborda a Espiritualidade ecológica, destacando a observância do evangelho para que se possa criar condições e ações para o cuidado com o planeta e a humanidade.

Desejo propor aos cristãos algumas linhas de espiritualidade ecológica que nascem das convicções da nossa fé, pois aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver. Não se trata tanto de propor ideias, como sobretudo falar das motivações que

³¹ É uma expressão muito usada na igreja entre os cristãos, que quer dizer: participação, companheirismo, comunicação, ter em comum, compartilhar.

derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo. (FRANCISCO, 2015, p.164).

Mas além do âmbito religioso, a espiritualidade se expandiu para outras esferas e passou a ser conhecida como **espiritualidade não religiosa**, devido a sua não associação às tradições religiosas e às instituições que as representam. Como observa Alex Villas Boas Oliveira Mariano,

Deste modo a “espiritualidade não religiosa” diria respeito, na verdade, à espiritualidade sem vínculo institucional, ou ainda, como espiritualidade sem igreja, ou apesar da igreja, quer seja por não adesão ou por ruptura/transito institucional. (VILLAS BOAS, 2014, p.780).

Segundo Villas Boas, esta espiritualidade também é chamada de espiritualidades dos “sem religião”, fenômeno que ele observa que tem se ampliado também no Brasil, e possui algumas referências em desenvolvimento. O autor aponta a classificação de cinco tipos de adeptos dessa espiritualidade: os *sincréticos*, que transitam entre várias religiões sem estabelecer vínculos; aqueles em *trânsito religioso*, que estão sem religião e frequentam muitas opções, até se decidirem; os *céticos*, que apresentam desinteresse pelas instituições religiosas devido à mobilidade religiosa experimental; os *agnósticos*, crêem apenas em um Deus e dispensam símbolos e doutrinas religiosas; e os *ateus*, que não crêem em Deus e nem na religião. (VILLAS BOAS, 2014, p.780).

Calvani também analisa a espiritualidade não-religiosa através da proposta de desassociação dos conceitos de “experiência religiosa, mística ou espiritualidade’ de vínculos oficiais com as instituições religiosas”. A espiritualidade surgida desse processo pode ser considerada “parainstitucional”, porque se encontra à margem das instituições religiosas e não possui “conteúdos teológicos formais” para orientação (CALVANI, 2014, p.671). Segundo Calvani, o processo que desencadeou esse tipo de espiritualidade se deve à crise das instituições em praticamente todas as áreas, que se encontram fragilizadas e pressionadas por questões econômicas e sociais atuais.

Outros dois autores também estudam a espiritualidade não-religiosa: Maria Corbí que a chama de *Espiritualidade Leiga*, e André Comte-Sponville, que parte de *Uma espiritualidade sem Deus*. Para Corbí, a espiritualidade não consiste em “um

sistema de crenças” e nem um “conjunto de formas”, preza pela liberdade de criação, de pensar e agir e pela valorização de suas profundas experiências. (CORBÍ, 2007, p.169). Para ele a espiritualidade

verdadeira é um vazio completo de formas e de todo tipo de construção e de determinação, porque é só espírito para a construção, é só um arrebatamento sutil de amor e de interesse que vivificará todas as nossas construções culturais. (CORBÍ, 2007, p. 202).

Corbí acredita que a espiritualidade é um processo, uma verdadeira busca interior que possibilita a nós mesmos encontrarmos nosso modo de orientação, de sentido e criarmos soluções em nossa vida. Através do conceito de “conhecimento silencioso”³², como processo que leva à sutílização, que por sua vez leva à “verdade espiritual, que é a verdade a partir do silêncio, [...]”, significando a “reconciliação com tudo, aceitação e liberdade.”, têm-se as condições para que a espiritualidade seja desenvolvida em qualquer sociedade. (CORBÍ, 2007, p.268-269).

Diferentemente, para Comte-Sponville (2007, p. 131) a espiritualidade seria tornar o Espírito (tudo o que ele significa) uma experiência de vida realizável.

O Espírito não é a causa da natureza. É seu resultado mais interessante, mais espetacular, mais promissor – pois só há interesse, espetáculo e promessa para ele. A espiritualidade decorre daí, e ela não é outra coisa senão a vida, como se lê nas escrituras, ‘em espírito e em verdade’.

Essa definição de espírito não tem conexão com o “Espírito Santo” da teologia cristã, mas tem com a concepção de força, de um poder, não no sentido de domínio e controle, mas de realização de e para alguma finalidade. (SPONVILLE, 2007, p.128).

Segundo esse autor, independente da sua adoção ou não, religiosa ou não, todo ser humano é “confrontado” com a questão da eternidade, do absoluto e também consigo mesmo, indicando essa condição a possibilidade de existirem várias espiritualidades não religiosas. Sponville utiliza três conceitos para explicar a

³² “è uma noção chave para compreender as tradições religiosas do passado em sua diversidade e em sua unidade, para interpretar a mística de todas as tradições: ele é também fundamental para lidar com o legado religioso do passado em determinada situação cultural, inevitável e sem andar para trás, sem mitos, nem símbolos, nem crenças, nem religiões nem sacralidades que programem as comunidades.”p.251.

espiritualidade ateuista: o naturalismo (natureza antes do espírito), o imanentismo e o materialismo. (SPONVILLE, 2007, p. 132).

Outras espiritualidades surgiram com base na inserção em variados campos do saber e de trabalho, nas áreas de gestão, saúde, educação, e da ecologia, dentre outros. Segundo Leonardo Boff, com o processo intenso dos meios de comunicação em nível mundial, houve amplo intercâmbio social, cultural e econômico que possibilitou o conhecimento e a criação de diversas espiritualidades e os seus processos e conflitos. (BOFF, 1995, p.297).

Em cada área que ocorre a inserção do conceito espiritualidade, se realiza a assimilação de novos conceitos. De acordo com Calvani, tem se identificado o surgimento de novas espiritualidades, não-religiosas, dentro da área empresarial. Esse seguimento tem utilizado a experiência religiosa como produto a ser ofertado em troca de melhores resultados na produtividade das empresas. Denominada de “Espiritualidade organizacional”, é direcionada a executivos e gestores que apresentam algum déficit no trabalho, fora dos motivos conhecidos (salário, stress, dentre outros).

A “espiritualidade organizacional” parte do pressuposto de que o fortalecimento dos vínculos emocionais e afetivos de um funcionário com a instituição na qual trabalha, aumenta a dedicação, compromisso, lealdade e, conseqüentemente, a produção. Ou seja, há uma relação muito íntima entre espiritualidade e produtividade. (CALVANI, 2014, p.673).

Nessa modalidade, são oferecidos atendimento psicológico, eventos (palestras, congressos, workshops), espaços para meditação, capelas ecumênicas.

Na área da saúde, Fernanda Pinheiro Cavalcante tem um estudo com base na espiritualidade inserida nas práticas integrativas e complementares (de origem oriental). De acordo com a autora, a espiritualidade nessa área trabalha “como elemento constituinte do ser”, junto às outras dimensões (física, sensorial, emocional, mental) objetivando à saúde integral do indivíduo. (CAVALCANTI, 2018, p. 105).

Os conceitos de ecologia, paradigma ecológico, sustentabilidade e educação, que foram abordados anteriormente (capítulo 1 e 2), podemos dizer que estão de certa forma situados no contexto de uma espiritualidade ecologicamente sustentável ou da ecoespiritualidade. Será que também o diálogo inter-religioso também estaria?

Este conceito tem uma profunda ligação com o desenvolvimento de qualquer tipo de espiritualidade, porque interage com muitos aspectos e âmbitos que são essenciais num contexto de diversidade religiosa, cultural e social.

O **diálogo inter-religioso** pode ser considerado condição, dimensão, fenômeno, expressão e também um desafio. Sendo desenvolvido no contexto do pluralismo religioso atual, de acordo com Pierre Sanchis, o diálogo inter-religioso é “reconhecimento, tácito ou explícito, da legitimidade da diversidade ou pluralidade religiosa e ‘não religiosa’ no sentido do censo na sociedade e na cultura” e se caracteriza por quatro aspectos: a existência de várias religiões (no mesmo espaço); a multiplicidade de agrupamentos; se realiza fora das instituições; e há pluralidade dentro dos agrupamentos. (SANCHIS, 1995, p. 93).

Podem ser distinguidos dois aspectos importantes para o diálogo inter-religioso: o pluralismo de fato (pluralidade e diversidade das tradições existentes) e pluralidade de princípio (valorização de todas as tradições religiosas). O Pluralismo de princípio reflete a riqueza desse desígnio de Deus para além da limitação de uma tradição religiosa. Esta concepção, segundo Roberlei Panasiewicz, permite outras interpretações sobre o mistério de Deus que contemplam também as particularidades de tradições religiosas diversas.

A variedade cultural retrata a beleza do humano como ser de criatividade, e as diferentes religiões testemunham essa dimensão criativa na maneira de captar o mistério divino que perpassa ao mesmo tempo em que transcende o universo humano. Deus revela-se a todas as tradições culturais e, nelas, a todas as tradições religiosas. (PANASIEWCZ, 2007, p.119).

De acordo com Faustino Teixeira, o diálogo inter-religioso é um “conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento”. E para se legitimar, precisa estar imbuído dos fundamentos do pluralismo de princípio, que aborda a valorização de outras tradições religiosas, consideradas como “desígnio misterioso de Deus”. (TEIXEIRA, 2010, p.3).

Os eixos que compõe e possibilitam um diálogo digno e efetivos são: a consciência da humildade, que consiste na atenção, respeito e acolhimento e valorização do outro; a abertura ao valor da alteridade, o reconhecimento e o respeito da alteridade do interlocutor; a fidelidade à própria tradição, na fidelidade a

si mesmo e no engajamento da fé; a busca comum da verdade, na abertura para entender, receber e valorizar as tradições religiosas dos outros e também que a verdade presente nestas tradições seja tratada com “espírito de acolhida e abertura”; e a ecumene da compaixão, o acolhimento da responsabilidade pela dignidade da humanidade e sua criação. (TEIXEIRA, 2003, p. 6)

O desenvolvimento do diálogo inter-religioso pressupõe a espiritualidade como condição essencial para que se possa compreender e considerar a alteridade e valorizar as diferenças do outro.

O diálogo requer “cortesia espiritual” e abertura do coração. Requer igualmente uma espécie de conversão ao universo do outro. Isto não é uma tarefa fácil, mas um processo que pressupõe um indispensável estado espiritual de desapego e hospitalidade. (TEIXEIRA, 2003, p.4).

De acordo com Teixeira, o diálogo possui um tipo peculiar de ação, porque “traduz um espírito de abertura, hospitalidade e cuidado” que se realiza entre várias religiões e de formas variadas, através da promoção de um tipo de comunicação e de relacionamento entre as diferenças, possibilitando a criação de espaços de hospitalidade para o desenvolvimento destas ações. São três as formas em que o diálogo inter-religioso se desenvolve: *como cooperação religiosa em favor da paz* (obras, ações e colaboração); *como intercâmbios teológicos*: “confrontar, aprofundar e enriquecer os respectivos patrimônios religiosos”; e *como experiência religiosa* (oração e contemplação). A experiência religiosa “é, sobretudo, um ato religioso, um ato espiritual, pois pressupõe uma atitude de confiança e entrega a um mistério sempre maior.” (TEIXEIRA, 2003, p.7.). E segundo Baptista (2003, p. 56),

O diálogo como “intercâmbio de dons” deve produzir também uma práxis dialogal. E tal práxis se torna mais do que urgente a cada dia, principalmente, diante de tantas mudanças, problemas, conflitos e desafios que o mundo está vivendo. Mas deve ser uma práxis fundada noutro paradigma, que possa atingir e incluir a tudo e todos, também as religiões, e produzir um verdadeiro diálogo inter-religioso.

Todo esse processo do diálogo inter-religioso se desenvolve através da mística e da práxis dialogal, de acordo com Baptista: “A mística perpassa toda a dinâmica de quem dialoga e se abre ao outro. É o encontro da experiência singular com a máxima alteridade.” (BAPTISTA, 2003, p.57). Como a mística proporciona um

horizonte para a espiritualidade³³ para o diálogo inter-religioso, ela torna possível o exercício para as condições de uma espiritualidade integral. Porque se espera que o diálogo aconteça numa condição fraterna, de comunhão também nas diferenças e promova a interação entre todos.

A dialogação espiritual e mística propiciam a dialogação fraterna, o real encontro dos diferentes, a busca da unidade na pluralidade infinita de seres e formas, da imensa biodiversidade que cerca a todos e também fundamenta e provoca a práxis libertadora. (BAPTISTA, 2011, p.243).

A práxis desse diálogo “É a maneira como o ser humano expressa seu ser, se constrói”, e por intermédio dessa ação pode ser realizado o movimento necessário para a conexão entre a diversidade de ideias, as tradições religiosas e as espiritualidades não religiosas. E esse processo, sendo realizado na perspectiva do paradigma ecológico, encontra mais amplitude e alcança outros âmbitos. Ainda segundo Baptista, com base no paradigma ecológico de Leonardo Boff, abordado nesta pesquisa, há o desenvolvimento da articulação sob a orientação de uma “mística ecológica” entre os seres humanos, os ambientes e as estruturas social, econômica e política em vigor:

A práxis do diálogo inter-religioso, na perspectiva do paradigma ecológico, nascida da mística e alimentada pelo encontro fraterno, deve passar necessariamente por uma nova ética. Não só o empobrecimento hoje gera o choque da indignação. [...] E o desequilíbrio ecológico, no seu sentido mais amplo, atinge primeiro aqueles que mais são vitimados pelo sistema antropocêntrico, andrógino, utilitarista, espoliador e excludente: os pobres e miseráveis, as mulheres, os negros, os doentes e os “produtivamente” considerados “incapacitados”. (BAPTISTA, 2003, p.65).

Essa práxis possibilita o estabelecimento de uma nova conscientização fundamentada numa postura ética que visa à valorização, o cuidado e a criação de alternativas para o bem integral do ser humano e do planeta: “O diálogo não diminui a qualidade da experiência religiosa, pelo contrário, provoca abertura, não sem crises, e proporciona novos horizontes.” (BAPTISTA, 2011, p.36). Novos horizontes que são captados dentro do paradigma ecológico e tratados pelo sentido que os

³³ FRANKY, Carlos Hernando Díaz, AGUIRRE, Cáceres Alirio. Espiritualidades, Religiões e Ecologia. In: Ecoteologia: um mosaico. Pag.112.

identifica e pelo caminho em que podem se adequar, como por exemplo, a sustentabilidade e a eco-espiritualidade.

Assim, a ligação estabelecida entre o âmbito da espiritualidade com todos os conceitos que a compõe, a partir do paradigma ecológico, encontra o ambiente para se desenvolver e, junto também à sustentabilidade, pode possibilitar condições reais para a qualidade de vida do ser humano e do planeta. Essa conexão será abordada no próximo tópico, para que possamos compreender o desenvolvimento da sustentabilidade sob o viés de uma espiritualidade também diferente.

3.2 Sustentabilidade e espiritualidade no paradigma ecológico

A sustentabilidade e a espiritualidade são concepções que podem estar articuladas com Paradigma Ecológico. Como já vimos, também são realidades complexas e desafiantes e fazem parte do seleto grupo de temas pluridimensionais, de grande relevância, que compõem ou estão em consonância com muitas áreas do saber. Neste tópico vamos buscar compreender se há a articulação entre a sustentabilidade e a espiritualidade para que possamos discutir a perspectiva de conexão de ambos com o programa Gaia Education ao final deste capítulo.

O campo da sustentabilidade no atual contexto se ampliou e alcançou quase todas as áreas e podemos dizer que essa condição se deve à crise que a nossa sociedade tem passado. Fala-se em sustentabilidade financeira das empresas, da economia, da administração pública, num sentido bem amplo em relação ao seu nicho ecológico e ambiental original. Há, dessa forma, necessidade de se tratar grande leque de questões que envolvem desde problemas superficiais até os mais profundos, os limítrofes e os que se encontram em toda a extensão no que se referem à base e às estruturas de determinados ambientes ou condições.

De acordo com Gadotti, a sustentabilidade, além de suas conhecidas dimensões também pode ser dividida em duas linhas: referente à natureza (ecológica, ambiental e demográfica); e à sociedade (cultural, social e política). (GADOTTI, 2008, p. 67). Segundo esse autor, a sustentabilidade que “defendemos refere-se ao próprio sentido do que somos, de onde viemos e para onde vamos, como seres humanos” e deve ser pensada para uma comunidade global. (GADOTTI, 2008, p.46).

Para Leonardo Boff, a sustentabilidade deve:

cobrir todos os territórios da realidade que vão das pessoas, tomadas individualmente, às comunidades, à cultura, à política, à indústria, às cidades e principalmente ao Planeta Terra com seus ecossistemas. Sustentabilidade é um modo de ser e de viver que exige alinhar as práticas humanas às potencialidades limitadas de cada bioma e às necessidades das presentes e das futuras gerações [...]. (BOFF, 2012, p.16).

No sentido positivo, a palavra sustentabilidade significa conservar, manter, proteger e nutrir todas as dimensões (BOFF, 2012, p. 31). Esses aspectos estão em consonância com a espiritualidade, que preza pelos mesmos aspectos, mas orientando-os para outra dimensão, fazendo a ponte entre a parte material e espiritual. Segundo Boff, a sustentabilidade “precisa incorporar este momento de espiritualidade cósmica, terrena e humana, para ser completa, integral e ganhar densidade e um rosto humano.” (BOFF, 2012, p.92).

Esta integração com a espiritualidade forneceria à sustentabilidade características de integralidade e globalidade para seu exercício e resultado, em concordância com a qualidade de vida que se busca. O tipo de concepção de sustentabilidade que pensamos ser aplicável nesta pesquisa, não está de acordo com o conceito de sustentabilidade do “senso comum”, que é continuamente divulgada pelos meios de comunicação, apresentando as alternativas referentes ao meio empresarial, ao agronegócio, e às indústrias. Esse tipo de sustentabilidade coloca em destaque o que Leonardo Boff chama de “lado passivo/negativo da sustentabilidade”, que significa “segurar por baixo, suportar, impedir a ruína e a queda”. (BOFF, 2012, p.31).

A sustentabilidade, assim como a espiritualidade, pode se tornar mais específica, mas tende a cobrir a partir de um pequeno ponto uma amplidão de sentidos, obviamente de acordo com sua essência, e adquirir uma dimensão holística, como vimos no capítulo 1 desta pesquisa (p. 23), de acordo com Leonardo Boff.

Dentre as várias tendências e concepções de sustentabilidade, a ambiental com base ecológica³⁴ possibilita mais abertura e flexibilidade para se trabalhar com a espiritualidade, devido à vertente da ecologia profunda. Esta ecologia permite

³⁴ De acordo com as dimensões e critérios de Ignacy Sachs, capítulo 1 desta dissertação, p. 24.

atender às outras dimensões porque cobre muitos elementos identificados também na espiritualidade e no paradigma ecológico. De acordo com Capra:

A percepção da ecologia profunda é percepção espiritual ou religiosa [...] Não é, pois, de se surpreender o fato de que a nova visão emergente da realidade baseada na percepção ecológica profunda é consistente com a chamada filosofia perene das tradições espirituais, quer falemos a respeito da espiritualidade dos místicos cristãos, da dos budistas, ou da filosofia e cosmologia subjacentes às tradições nativas norte-americanas. (CAPRA, 1996, p. 4).

A ecologia profunda tem conexão com a espiritualidade ecológica ou eco espiritualidade, que segundo Boff representa um “[...] estilo de vida ecologicamente sustentável, se baseia em relações de cooperação em todas as atividades e em todos os momentos, [...]”, e se orienta pela Fé (entendimento do cuidado e no sustento da vida pelo criador); da Esperança (garantia de continuidade do ser humano e de Gaia) e no Amor (identificação e integração com Gaia). (BOFF, 1995, p. 285, 304-305).

A ecologia profunda permite, como pensa Capra, os questionamentos com uma perspectiva holística, que podem levar à mudança de nossa visão de mundo e dos modos de vida para um futuro de integração total entre todos os habitantes da terra. (CAPRA, 1996, p. 4).

Outro conceito que, segundo os autores Carlos Hernandez Diaz Franky e Alirio Cáceres Aguirre, está dentro do campo da eco-espiritualidade e se insere no campo da sustentabilidade, é a mística. A denominada mística da sustentabilidade “acompanha a construção de uma teologia da sustentabilidade e cultiva-se dia a dia mediante uma espiritualidade da sustentabilidade” com base na sabedoria da convivência com a natureza e na busca da comunhão com Deus e sua criação. A espiritualidade e a mística são relevantes para a sustentabilidade real, porque motivam a valorização da criação divina e a busca de ações para tratá-la, no plano individual ou coletivo, promovendo assim a integração na criação e nas tomadas de decisão: “A relação entre sustentabilidade e espiritualidade passa pela compreensão daquilo que é a ‘vida’, vida sadia, vida boa, preocupações que estão na base da ética e da religião.” (FRANKY, AGUIRRE, 2016, p. 112).

Exemplos reais da conexão entre a espiritualidade e sustentabilidade podem ser identificados fora das sociedades urbanas atuais. Dentre os modelos de sustentabilidade destacados por Boff, que possuem de forma clara a vinculação

entre sustentabilidade e espiritualidade, temos o “bem viver dos povos andinos³⁵”, representando a possibilidade concreta da conexão entre a espiritualidade e sustentabilidade. Segundo Boff, o “bem viver” propõe uma forma de vida em harmonia com a natureza, os seres humanos e os outros seres vivos (animais, fauna, flora, astros, quatro elementos), em busca de equilíbrio e “profunda comunhão com Pacha (a energia universal), que se concentra na Pachamama (terra)”, com as energias do universo e com Deus.” (BOFF, 2012, p.62). Esse ideal visa o equilíbrio do uso e consumo dos bens fornecidos pela natureza, para que todos possam usufruir (sem acúmulo), sem prejudicar os ciclos naturais e causar problemas de escassez e danos a estes recursos, como a produção de resíduos não absorvidos naturalmente, exatamente o que empresas de mineração no Brasil não têm praticado. Basta lembrar os crimes da Samarco, em 2015, com dezenove mortos, e o recente crime da Vale (2019), com mais de 166 mortos e 155 desaparecidos. Os danos ambientais às bacias do Rio Doce, Paraopeba e tantos mais, os problemas de contaminação e prejuízo incalculável aos ecossistemas demonstram uma lógica econômica preocupada com o lucro a despeito das pessoas e da natureza.

Leonardo Boff destaca como é o sentido do bem-viver que a sabedoria Aymara propõe:

Saber *comer* (alimentos são); saber *beber* (dando sempre um pouco à Pachamama); saber *dançar* (entra numa relação cósmica telúrica); saber *dormir* (com a cabeça ao norte e os pés ao sul); saber *trabalhar* (não como peso, mas como uma autorrealização); saber *meditar* (guardar tempos de silêncio para introspecção); saber *pensar* (mais com o coração do que com a cabeça); saber *amar e ser amado* (manter a reciprocidade); saber *escutar* (não só com os ouvidos, mas com o corpo todo, pois todos os seres enviam mensagens); saber *falar bem* (falar para construir, por isso atingindo o coração do interlocutor); saber *sonhar* (tudo começa com o sonho criando um projeto de vida); saber *caminhar* (nunca caminhamos sós, mas com o vento, o Sol e acompanhados pelos nossos ancestrais); saber *dar e receber* (a vida surge da interação de muitas forças, por isso dar e receber devem ser recíprocos, agradecer e bendizer). (BOFF, 2012, p.63).

Os autores Franky e Aguirre também destacam a importância da contribuição dos povos ancestrais, das religiões orientais e monoteístas na defesa da eco-espiritualidade religiosa:

³⁵ Povos andinos compreendem as regiões da Patagônia, norte da América do Sul e Caribe.

- Povos indígenas: se relacionam e se sentem como parte da natureza, a terra é a mãe de todos, e não uma fonte de recursos para usufruir e reproduzir. “Ela é a prolongação da sua vida e de toda vida, a pachamama, a grande mãe, que comunica seu amor, alimentando-os e acolhendo-nos, desde que nascemos até quando voltamos a ela.” (FRANKY, AGUIRRE, 2016, p.119);

- Povos afrodescendentes: vivem na busca da liberdade e manutenção da identidade e consolidação de sua comunidade, favorecendo a abertura ao “diálogo ecumênico e inter-religioso”. (FRANKY, AGUIRRE, 2016, p.123);

- Religiões orientais: no Hinduísmo, aprecia-se a simplicidade da vida, a sacralidade de todos os seres, “o propósito principal da vida é descobrir a natureza espiritual e a paz e a plenitude que ela traz. O Budismo preza pela saúde da totalidade que concentra toda a vida, todos os seres e a natureza. Zela pela responsabilidade do cuidado entre eles: “É por isso que a verdadeira solução da crise ambiental começa pelo indivíduo.” (FRANKY, AGUIRRE, 2016, p.125-126).

- Religiões monoteístas: no Judaísmo, a terra deve ser tratada de forma “justa e equilibrada”, sendo ela a realização das promessas de Deus para o ser humano temente a Deus. No Islamismo, o ser humano é considerado o “tutor” da terra, “nossa responsabilidade é manter o equilíbrio e a harmonia na criação de Deus”. No Cristianismo, procura-se tratar dos desequilíbrios ambientais e outros, ocasionados pela crise ecológica, com possíveis propostas da “ecoteologia” e da espiritualidade cristã. (FRANKY, AGUIRRE, 2016, p.126-129).

Em síntese, Franky e Aguirre dizem que:

A crise ecológica interpela as diversas maneiras de conceber-se a espiritualidade e gera uma nova espiritualidade. Existe uma aposta por uma espiritualidade que responda ao que acontece no mundo de hoje. As organizações religiosas estão em busca dessas ecofontes inspiradoras da ecoespiritualidade e da mística da sustentabilidade. (FRANKY, AGUIRRE 2016, p.133)

Também a Ecoteologia é uma teologia que se ocupa com questões que colocam o ser humano frente à crise ecológica, discutindo qual o seu papel no contexto dessa situação: “a proximidade com a causa ecológica enriquece a espiritualidade cristã e traz contribuição ímpar para a sociedade contemporânea”. (MURAD, 2016, p.57). De acordo com Murad, a ecoteologia é necessária como marco de orientação para que os cristãos possam desenvolver uma sociedade que

seja sustentável, em conformidade com o ideal de vida em comunhão com Deus. (MURAD, 2016, p. 228).

Essa visão é também a compreensão do Papa Francisco, que nos faz lembrar de um título do livro de Leonardo Boff *Dignatas Terras – Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*, de 1995:

Mas, hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres. (PAPA FRANCISCO, 2015, p.39).

Segundo Murad (2016, p.211), a ecoteologia “consiste em pensar a fé no horizonte da consciência planetária.” É uma perspectiva teológica, considerada por muitos integrada à Teologia da Libertação, que trata dos problemas e desafios que envolvem o ambiente todo e todos os seres, desenvolvendo junto às ciências ambientais e outras áreas um olhar mais atento, uma análise e avaliação da realidade, bem como provocando ações para a realização da “contribuição da fé cristã” referente à convivência equilibrada e harmônica com o planeta. A sua metodologia se baseia na combinação de “vários acessos à comunhão da criação: tradição, experiência, ciência, sabedoria, dedução, intuição. Se expressa por símbolos e não somente por conceitos que configuram o inconsciente e regulam a consciência”. (MURAD, 2016, p.216).

A ecoteologia aborda a “teologia da Terra”, a relação da humanidade com o planeta e Deus, a antropologia (eco) teológica e a graça, o diálogo das ciências da natureza e o Cosmos, o Mistério de Deus, sobre Deus em si mesmo e sua relação com o ser humano, a Cristologia, a Pneumatologia e muito mais. Através da ecoteologia, princípios relacionados a outros contextos também são considerados, como o “pensar ecológico” que estabelece redes de parceria entre pessoas, comunidades e instituições em busca e prática de ações visando o cuidado do planeta. (MURAD, 2016, p.220, 226).

Vimos que a abordagem acima se refere à conexão da espiritualidade ecológica religiosa ou a ecoespiritualidade com a sustentabilidade. E quanto à espiritualidade ecológica não-religiosa? Essa espiritualidade não aparece claramente e não tem uma definição concreta, pode estar subentendida naquelas definições das novas espiritualidades, ligada a movimentos da nova era e dos sem-religião. A única referência feita a essa questão está presente na “mística ecológica

difusa” que Afonso Murad destaca, dizendo se tratar de “uma perspectiva espiritual, sem vínculo com nenhuma religião”. (MURAD, 2016, p.57), que se baseia em elementos de tradições diversas de religiões ancestrais, orientais, do esoterismo, das religiões monoteístas. No Brasil, “povos de raiz, nas populações indígenas”.

Também é possível que a espiritualidade não religiosa ecológica esteja em gestação, como afirma Boff sobre o Paradigma ecológico ou os elementos que poderiam caracterizá-la como espiritualidade ainda não estão bem explícitas, pelo menos até onde foi possível pesquisar nas fontes encontradas.

Na perspectiva do **paradigma ecológico**, tanto a espiritualidade quanto a sustentabilidade, em suas diversas vertentes, correspondem ao que Boff apresentou como características do paradigma ecológico: *a relação/campo de força*, que consiste na rede de relações que se mantêm e se alimenta na relevância da atuação de cada componente deste sistema; *o Destino comum/pessoal*, todos os seres estão interligados, não há separação; e por último, *a Criatividade/destrutividade*, os dois lados do potencial de criação do ser humano.

Essas características representam como a espiritualidade e a sustentabilidade buscam, com diferenças no *modus operandi* e na intensidade, lidar com questões referentes ao sentido de vida, a conexão com o divino e a harmonia e equilíbrio, bem como desenvolver ações transformadoras em um contexto de crise, de fragilidade estrutural, social, cultural, política e espiritual, que exigem disposição e determinação.

Na próxima e última parte de nossa pesquisa, faremos a articulação com todos os principais temas abordados, buscando identificar se há e, se existe, qual espiritualidade é desenvolvida no Programa Gaia Education.

3.3 A articulação entre educação, sustentabilidade e espiritualidade no curso Eco design em Sustentabilidade.

Até esse momento percorremos uma trajetória sobre os elementos que faziam parte da grande mudança de paradigma em desenvolvimento nos tempos de hoje: o paradigma ecológico. Os conceitos ecologia, educação, sustentabilidade e a espiritualidade já são temas desenvolvidos em muitos estudos e em situações variadas, mas com a crise global acontecendo, desde o século passado, esses

conceitos foram ressignificados diante dos processos globalizantes (econômico e cultural) e se tornaram mais relevantes. São concepções que compõe nossa identidade, se conectam e se complementam, são complexos e possibilitam, como vimos anteriormente, articular muitas possibilidades para propor soluções para a insustentabilidade da vida atual.

Concluindo nossa pesquisa, vamos desenvolver a articulação com esses elementos para identificarmos a espiritualidade no Programa Gaia Education. Esta análise será realizada a partir do currículo e de alguns outros elementos do curso, que trabalham as quatro dimensões da sustentabilidade, com base em conhecimentos desenvolvidos pelas metodologias da *permacultura*, *ecopedagogia* e *educação ambiental*, além de outras. O conteúdo a ser analisado compõe os módulos abordados no curso, que tratam dos aspectos: social, econômico, ecológico e visão de mundo.

Vale lembrar que as dimensões e os seus módulos intercambiam e repetem alguns temas com o objetivo de manter uma conexão entre eles, de modo que a aprendizagem do conteúdo se dê de forma integrada. Todos partilham dos conhecimentos fornecidos pela permacultura, uma das primeiras metodologias a fazer uma sistematização dos sistemas naturais e seus ciclos:

A natureza dos cursos da Gaia Education incentiva a flexibilidade dentro dos módulos e permite material localmente apropriado e contribuição da sabedoria local. Isso pode ser estendido pelo conteúdo de ajuste fino para atender às necessidades do grupo específico de participantes no início do módulo. (TRAINERS HANDBOOK, 2018, p.12).

O currículo dos cursos do Programa Gaia Education³⁶ foi elaborado pensando na aplicação em variados ambientes, mas com questões problemáticas em comum – poluição, degradação, escassez de recursos naturais, desastres naturais e provocados, mau uso dos recursos, dentre outros –, e também nos indicadores positivos: exemplos do equilíbrio entre o ser humano e o ambiente vital, respeito e utilização dos ciclos naturais, comunidades permaculturais, bioconstrução, agroflorestal, dentre outros. Tanto as evidências negativas quanto as positivas foram analisadas pelos moradores das ecovilas e organizadas para serem reproduzidas no

³⁶ Coordenado por Christopher Mare e pela diretora do Programa Gaia Education May East.

ambiente que necessite. De acordo com os Geese³⁷, este curso é uma proposta que pretende auxiliar a:

restaurar comunidades destruídas, a criar novas comunidades que sejam modelos funcionais de viabilidade sustentável, a regenerar ecossistemas deteriorados, rejuvenescer cidades, a renovar um senso otimista de objetivo e propósito otimista, e, de maneira geral, a revitalizar a vida na terra, tanto para nós como para as gerações futuras.(GEESE, 2012, p.05)

A escolha pela análise da apostila (online e impressa)³⁸ se deve à sistematização dos temas e por ser o principal material que representa de forma clara o objetivo do curso e do Programa Gaia Education. Outros materiais, como anotações, também serão levados em conta como complementares.

Para estruturarmos melhor a análise das dimensões, vamos fazer algumas considerações sobre a metodologia educacional proposta pelo programa, a pedagogia da aprendizagem vivencial e a sustentabilidade.

Como abordamos no capítulo 2, esta pedagogia centra seu desenvolvimento na aprendizagem empreendida, através do corpo, como instrumento de prática, lembrando “ao mesmo tempo em que se vive também se aprende”, porque o objetivo é “educar a pessoa em sua totalidade” (GAIA1, 2012, p.99-100). Alguns elementos que fazem parte desta pedagogia são:

- A aprendizagem precisa ser realizada em um espaço que possibilite a convivência e a prática;
- A aprendizagem neste espaço permite a imersão para vivenciar os conteúdos desenvolvidos nas dimensões;
- A utilização do corpo e de todos os sentidos;
- “Aprendizagem holística” para atender à diversidade de formas e pessoas;
- “O trabalho compartilhado” exercita a responsabilidade para a manutenção das estruturas da comunidade;
- Os “sentimentos de confiança no grupo” são relevantes para o desenvolvimento de uma comunidade intencional;

³⁷ Equipe GEESE: Geza Vargas (Galgafarm Hungria), Hildur e Ross Jackson (Lavegaard/Gaia Trust, Dinamarca), Máximo Gandela (Torri Superiore, Italia), Ina Meyer-Stoll (ZEGG, Alemanha), Kosha Joubert (Sieben Liden, Alemanha), May East e Jonathan Dawson (Findhorn Foundation, Escócia), Daniel Greenberg (Living Routes, EUA), Will Keepin (Satyana Institute, EUA), Liz Walker (Ecoaldea em Itaca, EUA), Max Lindegger (Cristal Waters, Australia), Giovanni Ciarlo (Huehuecoyotl, México), Christopher Mare (Village Design Institute, EUA), Marian Zeitlin (Eco-Yoff, Senegal), Maddy Harland (Revista de Permacultura, Reino Unido), Marti Mueller (Auroville, India).

³⁸ Versão 4 (2012), 5 (2014).

- A aprendizagem de contextos criados que são representativos dos valores desenvolvidos pelos “moradores de ecovilas”. (GAIA1, 2012, p.100).

Esta pedagogia pretende promover a aprendizagem em níveis variados e diversos e de forma simultânea. Como se pode perceber, a base desta metodologia tem referências da educação libertadora de Paulo Freire, que pode ser identificada através das propostas de práticas sustentáveis que levam em consideração: a conscientização, o aprimoramento e a valorização de conhecimentos tradicionais locais, realizados com autonomia e com a preocupação de transmissão dos conhecimentos, em prol da construção de condições sustentáveis para qualquer ambiente. E também com forte influência de metodologias inovadoras como da Escola da Ponte.³⁹, cujo fundador é o pedagogo José Pacheco⁴⁰, convidado para dimensão social.

A educação que se propõe no curso é uma educação sempre em interação com o ambiente, que promova o “ganha-ganha” e não a competitividade e o lucro, é uma educação que está vinculada à essência do *ser* e não mais do *ter*. Já se percebe nessa ideia a dimensão espiritual. Como expõe Edgar Morin, sobre estar inserido totalmente neste planeta, o que vale considerar é justamente o “estar aqui” de forma integral, que deve se pautar na convivência, na comunhão e no diálogo. (2000, p.76). Novamente, as marcas da espiritualidade.

Durante o Curso Eco design, a condição do “estar aqui”, da qual fala Morin, pode ser identificada no destaque da responsabilidade de cada indivíduo na construção de uma consciência transformadora, debatida em todas as dimensões e seus módulos. Morin destaca quatro tipos de consciência para desenvolver essa condição de “estar aqui”: a antropológica, a ecológica, a cívica terrena e a “espiritual da condição humana” (MORIN, 2000, p. 77).

Também o desenvolvimento da consciência ecológica e da autonomia são constantemente estimulados durante as atividades práticas e os projetos que são orientados no decorrer dos módulos. Dentre essas condições, os princípios da Ecologia profunda são desenvolvidos, como destaca Boff, sobre a inclusão das ecologias, na articulação entre elas, numa educação que deva ser “Ecocentrada” (BOFF, 2012, p.152)

³⁹ Escola Pública do ensino básico na cidade do Porto em Portugal funciona há mais de 25 anos com a proposta diferenciada de educação. A metodologia da Escola da Ponte é diferenciada e preza por espaços em que o aluno se desenvolva de forma autônoma.

⁴⁰No Brasil, José Pacheco coordena o projeto Ancora, em Cotia/SP, desde 2011.

Em relação às sustentabilidades presentes nas dimensões do curso, são destacadas como processo integral, mesmo que predomine certas vertentes nas dimensões estudadas. Elas fazem parte dessa mudança de paradigma que está em transição e no seu desenrolar concentra outras questões relacionadas à questão ambiental. (GAIA2, 2014). Esse processo de sustentabilidade é orientado através dos conceitos que visem à interdependência (relacionamentos), a flexibilidade (adaptação), a parceria (cooperação), a ciclagem (processos) e a diversidade (transdisciplinaridade). Esses princípios estão presentes em todas as dimensões, orientando para que a sustentabilidade pensada não seja um objetivo a alcançar, mas um equilíbrio que se busca e que pode ser mantido através de quatro ações: da “Atuação sistêmica, Empoderamento de indivíduos, Experimentação de modelos, Re-evolução cultural”. (GAIA2, 2014).

Todos esses conceitos são importantes para se buscar a sustentabilidade, para um estilo de vida ecologicamente sustentável. Boff chama a atenção para a cooperação, que todo o processo de construção de uma vida sustentável faz parte de uma eco-espiritualidade. (BOFF, 1995, p.304). Demonstra a importância de conhecer, reconhecer e compartilhar conhecimentos que agregam nesta caminhada, para convivência sustentável do indivíduo consigo mesmo e com o planeta:

Através da descrição do conteúdo das cinco dimensões, que serão abordadas a seguir, pretendemos demonstrar as articulações possíveis no curso.

3.3.1 Dimensões do curso Eco design em Sustentabilidade

As dimensões do curso são quatro e são compostas por 5 módulos, demonstrados abaixo:

Figura 4 - Mandala da Sustentabilidade



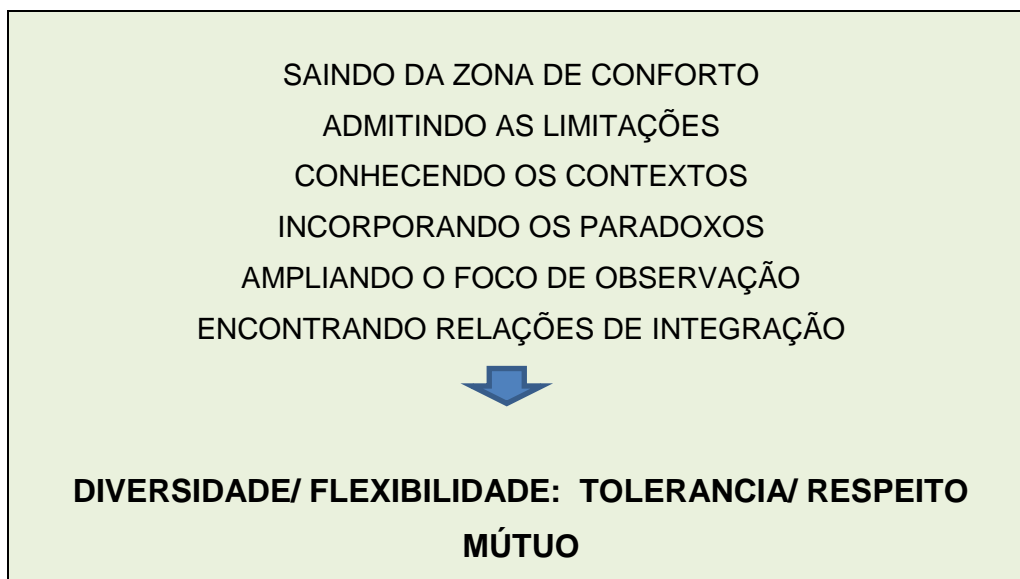
Fonte: GAIA EDUCATION, 2018

Cada uma das dimensões possui cinco módulos com seus temas específicos (5), sendo que dentre os cinco temas, um deles se refere à outra dimensão, realizando assim a ligação e a articulação entre elas. Cada dimensão representa uma esfera importante em nossa sociedade a ser tratada durante o curso. Essas dimensões não possuem uma ordem estrita para serem iniciadas e trabalhadas.

A dimensão social pretende tratar do desenvolvimento e da renovação de comunidades existentes e das que buscam ser sustentáveis. Em cada módulo pode se perceber o objetivo de desenvolver aspectos que têm ligação com o que propõe a ecologia social e a ecologia profunda. São evidenciados a cooperação, a parceria, o respeito, a liberdade de expressão e o diálogo. Aspectos necessários para desenvolver a mudança de paradigma. Na dimensão social a atuação do indivíduo é

destacada como primordial para essa mudança: “O tamanho da crise é inversamente proporcional à nossa responsabilidade individual” (GAIA2, 2014). A figura 5 representa a caminhada para se construir a percepção ideal para o entendimento de mudança de paradigma.

Figura 5 – Mudança de Consciência



Fonte: FREITAS, 2014

Essas etapas podem ser identificadas nos módulos dessa dimensão, a começar pelo primeiro módulo “Construir comunidade e Abraçar a diversidade”, que procura instruir/conscientizar os indivíduos para a criação de uma comunidade coesa, através do entendimento das intenções, de valores conjuntos e da comunicação, além de ações de compartilhamento e cooperação, e valorização da diversidade. Pretende-se desenvolver o entendimento sobre o papel e o peso de cada indivíduo, para contribuir na mudança necessária para a construção de uma comunidade sustentável. Considerando as diferenças de consciência, status social, gênero, religião, como elementos que acrescentam à comunidade. Interessa neste módulo a valorização do indivíduo como corresponsável pela construção dessa comunidade, em outro nível, como “ser” que complementa o conjunto, não de forma utópica, mas realista com todas as suas experiências de vida

O módulo seguinte, “Ferramentas de Comunicação: Conflito, Facilitação e Tomada de Decisões”, pretende propor uma forma interna de organização sociopolítica nas ecovilas, através de tomadas de decisão por consenso, e outros

métodos como Holocracia, Sociocracia ou Governança dinâmica, junto à Comunicação Não Violenta – CNV, que desenvolve ações como a escuta ativa para resolução de conflitos. Neste tema é trabalhado junto aos participantes o entendimento de como essas ferramentas contribuem para que o clima de cooperação, que se espera instaurar, seja compreendido e facilite o desenvolvimento dos objetivos da comunidade.

Em “Liderança e Empoderamento”, o terceiro módulo dessa dimensão, trata da importância da compreensão das formas de liderança e empoderamento, no desenvolvimento de comunidades sustentáveis, considerando a distinção entre o poder repressivo⁴¹ e o criativo⁴² para aprender os princípios de liderança consciente, de acordo com o objetivo de uma comunidade sustentável. Continua neste tema, a importância da cooperação e do desenvolvimento de um tipo de liderança que busca acrescentar e orientar para outros objetivos, que demonstrem a vontade de realizar a mudança necessária.

O módulo “Arte, Ritual e Transformação Social” utiliza as práticas criativas para desenvolver a coesão social e promover o desenvolvimento criativo para crescimento de toda comunidade e estabelecer a conexão com a natureza, e ainda se preocuparam em criar as condições para manter a realização das expressões artísticas que representam os indivíduos e a comunidade em sua história de vida. Percebe-se que, o tempo todo, a perspectiva espiritual, de alguma forma está presente, especialmente nas conexões comunitárias e com a natureza. A ritualidade da expressão artística aqui é um desses elementos também.

O último módulo, “Educação, Redes Sociais e Ativismo”, tem como proposta o conhecimento de todos os aspectos da região e da localidade em que a comunidade está situada, do entorno, das práticas de agricultura, as culturais e sociais; também da possibilidade de propor ações em parceria para o desenvolvimento da região, proporcionando inovações na educação, na agricultura e outros setores. Assim como a construção de relacionamento amigável, de cooperação e compartilhamento de estilo de vida, de valores e na resolução de conflitos.

⁴¹ “O poder repressivo suprime a força vital dos indivíduos, da sociedade e da própria natureza [...] O poder repressivo tem suas raízes em uma concepção de mundo baseada no medo e na desconfiança”. (GAIA1, 2012, p.43)

⁴² “O poder criativo envolve nossos dons de sabedoria e beleza individuais que nos permitem realçar o processo da vida. O poder criativo não é um bem que possuímos, mas processos aos quais nos abrimos.” (GAIA1, 2012, p.44)

Para esta dimensão Social espera-se que o participante possa desenvolver certas aptidões como:

- Criar uma visão comum para um projeto coletivo
- Melhorar nossas habilidades de liderança e processos de participação de grupo inclusivo
- Tomar decisões que todos possam aceitar e apoiar
- Dar boas-vindas ao conflito e diversidade como um convite para o crescimento
- Criar rituais e celebrações espontâneas e voluntárias. (GAIA1, 2012, p.56).

A Dimensão Social, como vimos, procura através dos princípios de cooperação, parceria, respeito e liberdade de expressão, desenvolver a construção de comunidades visando à sustentabilidade nos níveis social e cultural, ambiental e político e, a partir destes, a espiritualidade, praticada através de vivências que motivem a coesão, a contemplação e a celebração da união de ideias e vivências entre os indivíduos. Trata-se aqui de uma espiritualidade “sensível”, *sentida* quando nos encontramos num estado de alegria e espontaneidade, motivada por um reconhecimento de consciência e identificação com a essência do que é tratado nesta dimensão.

Mas, nem todos os participantes expressam essa identificação espiritual, ainda mais na perspectiva religiosa. Deve-se considerar que o impacto da movimentação entre conteúdo e prática destes temas nesta dimensão, à primeira vista é totalmente divergente/questionadora do pensamento comum (condicionado), causando um misto de surpresa e possibilidade de reconhecimento ou não. Essa espiritualidade pode ser próxima ao que Corbí apresenta, como um reconhecimento interior de “aceitação e liberdade”, que causa estado de alegria para fazer algo com um propósito que seja relevante. (CORBÍ, 2007, p.269).

A outra dimensão, a Econômica, consiste no conhecimento e na criação de alternativas que visem fortalecimento da economia local. Nesta dimensão, permanece o sentido de cooperação e parceria, orientada para a união de experiências em prol da construção de alternativas de ofícios, de acordo com a vida sustentável. Esta dimensão é mais teórica e utiliza em certos momentos da ecologia profunda, quando discute o impacto mais negativo da economia atual sob o ambiente e o trabalho de pessoas que lidam diretamente com a terra. Destaca as

condições e alternativas para uma economia sustentável, diferente do atual contexto:

A ecologia é considerada, perigosamente, como um subsistema da economia, e não o oposto. Em consequência, o meio ambiente é considerado como um banco de recursos onde são executadas as atividades humanas. Nossa tarefa, no caminho para a sustentabilidade, é reverter essa equação, considerando adequadamente que a economia é um subsistema da ecologia. (GAIA1, 2012, p.56).

O primeiro módulo, “Da economia global para a sustentabilidade”, investiga as condições que levaram a economia atual a esse status de supervalorização sob os aspectos sociais, culturais e espirituais, causando consumo exacerbado, falência de recursos e o aumento da poluição. Os temas trabalhados nesse módulo referem-se à globalização (cultural e econômica), às consequências e propostas para pensar uma “economia global mais justa, resiliente e sustentável”. (GAIA1, 2012, p.59).

“Sustento Justo” é considerado um módulo experimental, porque é ensinado exclusivamente no contexto de ecovilas, e trabalha em um nível de estudo e de conscientização a partir desse espaço. Vem demonstrar formas alternativas de obtenção de ganho diferente do convencional, baseado no conceito de “fatura sustentável”, que considera o capital social (“constituído através do serviço e de uma profunda conexão com a própria comunidade”), e o ecológico (“constituído através do serviço e de uma profunda conexão com a própria comunidade”) como elementos relevantes para se estabelecer mudanças nesse panorama de economia insustentável. (GAIA1, 2012,p.62) Esse tema mostra como houve a inversão da relevância do capital social, distorcido no contexto da economia mundial e como resultado também não considera o capital ecológico, ocasionando perdas para o meio ambiente. Leonardo Boff, aborda a importância destes capitais ao considerar, junto ao capital humano, o espiritual, como parte relevante na construção de uma vida sustentável. (BOFF, 2012, p.134).

No módulo “Economias Locais” são apresentados o conceito de empresas sociais e as atividades que podem ser realizadas, que correspondem aos “objetivos ecológicos e sociais” e se adequam ao contexto das ecovilas e de comunidades locais: “O modelo de empresa social se encaixa perfeitamente no paradigma holístico emergente e no contexto das ecovilas, ao permitir a realização de objetivos

que frequentemente eram considerados como concorrentes entre si.” (GAIA,2012, p.65).

Em “Moedas e Bancos Comunitários” são apresentados conteúdos sobre a função do dinheiro e alternativas para a criação de bancos comunitários, a circulação do dinheiro e a manutenção nas comunidades locais e intencionais. Os modelos têm características diferentes do modelo convencional.

Neste módulo “Temas legais e financeiros” são tratados assuntos que se referem às estruturas legais e financeiras de propriedade, tipo de capital que pode ser utilizado e financiamentos: “Desenvolver o entendimento das diferentes opções legais e financeiras disponíveis para as ecovilas e empresas sociais, e identificar as que melhor se adaptam a contextos específicos.” (GAIA1, 2012, p.70). Na dimensão econômica, espera-se que os participantes possam:

- Reconhecer padrões dominantes e ativar pontos de alavancagem para a mudança
- Projetar vários elementos de uma economia local resiliente
- Desenhar e utilizar sistemas de moeda comunitária adequada aos contextos locais
- Trazer atividades econômicas pessoais em alinhamento com os valores ecológicos
- Identificar estruturas legais locais socialmente responsáveis e estratégias financeiras. (GAIA, 2012, p.56).

Nesta dimensão econômica, trata-se da questão da sustentabilidade ecológica e também econômica, possibilitando através deste conteúdo o desenvolvimento de questionamentos e posicionamentos relativos à que tipo de contribuição como indivíduo e comunidades dão para esse panorama de “ganha-perde” da economia mundial, e qual a repercussão no âmbito da ecologia em geral. O respeito, a conscientização e o raciocínio crítico são trabalhados nesta dimensão para causar um impacto na estabilidade social e econômica do participante, que do seu próprio ponto de vista pode se considerar fora ou dentro, desse contexto de desigualdade vivenciada pela maioria da população. A visão global é uma das marcas do curso, que busca garantir em todos os processos as conexões e articulações.

Neste ponto, a vertente social e econômica da sustentabilidade é confrontada para que se possa desenvolver alternativas. A espiritualidade presente neste espaço de debates se reverte em um estado de expectativa positiva, após a conscientização

de uma situação que carrega muitas dificuldades, mas que pode se tornar solucionável, produzir esperança, quando se organiza um planejamento baseado em formas mais concretas de cooperação, parceria e empreendedorismo sustentável. Esse estado de expectativa pode ser correspondente ao que Sponville coloca sobre a espiritualidade, como poder voltado para a realização de algo, com finalidade e não controle. (SPONVILLE, 2007, p.128).

Na dimensão Ecológica são tratados temas referentes à produção de alimentos, sistemas agrícolas compatíveis, infraestrutura, construção e reconstrução naturais, e também, após alguma catástrofe, o design ecológico e permacultural, entre outros. Esta dimensão significa o contato mais direto com o ambiente natural, causando impressões e sensações variadas como admiração, respeito, atenção diferenciada, ignorância relativa, alegria constante e gratidão que vão nortear o percurso durante a convivência nesta dimensão, que se inicia com questões mais práticas, mas atinge a subjetividade. Novamente encontram-se aqui os vestígios espirituais. Como disse Peter Web⁴³, “a única forma de compartilhar é fazer junto”, explicando a forma como os participantes são orientados durante este módulo, experimentando e aprendendo no contato com o ambiente natural.

Em “Construção ecológica e retroajustes”, o primeiro módulo, são abordados os tipos de materiais adequados, o uso de designs nativo; aspectos referentes ao clima, solo, aproveitamento da luz, água, ventilação; materiais compartilhados, tamanho adequado, construção considerando a saúde; e como lidar com a variação de poluição.

No módulo “Alimentos Locais e Ciclo dos Nutrientes” são tratados a relação dos alimentos produzidos localmente, como fazer uma dieta sustentável, plantio de hortas, tipos de agricultura empregada, agroflorestal, rotação de cultura e sistema de produção e distribuição.

O terceiro módulo, “Água, Energia e Infraestrutura”, apresenta conteúdo sobre tecnologias adequadas para tratamento de água (limpa, usada e esgoto); tratamento de lixo; inovações na área de energia, tecnologias de comunicação, estradas e infraestrutura de acesso.

⁴³Especialista em Agrofloresta, professor convidado para o módulo ecológico.

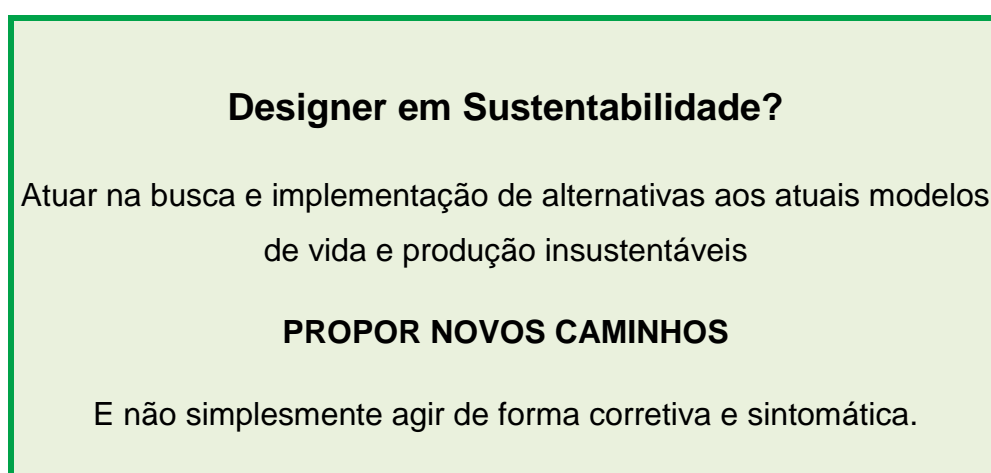
O módulo “Restaurar a Natureza, Regeneração Urbana e Reconstruir após desastres” apresenta técnicas para regeneração natural (Transitions Towns-TT)⁴⁴ e urbana, restauração da natureza, reflorestamento e auxílio de reconstrução de comunidades.

No último módulo, “Design Integrado”, é apresentado os objetivos desse design, através de seus aspectos sociais, econômicos, ecológicos e espirituais; os métodos e abordagens, sua sistematização, gestão, diferenças entre o design integrado e o design de infraestrutura. Nesse modulo, o esperado dos participantes é que saibam:

- Desenhar sistemas integrados: visão de mundo, sociais, ecológicos e econômicos
- Desenhar e/ou participar de um sistema de produção local de alimentos ou CSA
- Desenhar infraestruturas integradas de água, energia e mobilidade
- Medir e desenhar para a pegada ecológica de carbono neutro
- Reconstruir e restaurar a natureza e os assentamentos ecológicos, urbano e rural. (GAIA1, 2012, p.76)

As consciências apresentadas por Morin se enquadram perfeitamente na perspectiva desta dimensão, porque promovem em seu conjunto a articulação, a consciência do trabalho, em busca de autonomia que cada um deve desenvolver como um futuro Designer de sustentabilidade.

Figura 6 - O que faz o Designer de Sustentabilidade



Fonte: KHODJA, 2014.

⁴⁴É um “movimento fundado em 2005 com o objetivo de preparar as comunidades para dois desafios: da Mudança Climática e do Pico do petróleo. Em 2012, se espalhou por todo o mundo. Quando o movimento alcançou a diminuição de energia e alinhou-se com outros objetivos de sustentabilidade profunda, diz-se ter atingido a posição de comunidade sustentável e assim foi além da transição e transformação a que se propõe”(GAIA1, 2012.p.89).

Nesta dimensão, temos a constatação que a sustentabilidade ecológica e ambiental são viáveis, mas dependem de nosso esforço de compreensão e interação para realizar a mudança de consciência e empreender ações para tornar sustentável, positivamente, a vida que temos. No sentido que Boff (2012, p.31) destaca: manter, nutrir, proteger. Mais uma vez a ecologia profunda é exigida nas interações que são realizadas no curso com o ambiente natural e durante as exposições ao ar livre, sobre os tipos de solo, plantas, cultivos e também na bioconstrução.

A compreensão sobre a conexão entre as vertentes (ambiental, social, cultural e econômica) da sustentabilidade, de que elas se nutrem e se complementam, demonstra a presença de uma espiritualidade ecológica, porque a interação necessita ser integral para que a ação para o ambiente cubra toda a extensão de aspectos que representam a natureza.

A última dimensão é a *Visão de Mundo*, que realiza a integração de todas as outras dimensões, com maior destaque para a espiritualidade que permeia esse curso. Esta dimensão abrange questões presentes nas outras dimensões, pois, ela faz uma integralização dos temas, relacionando os entre si.

O primeiro módulo, “Visão de Mundo Holística”, pretende tratar a mudança de paradigma sob a visão integrada da ciência e da espiritualidade, em prol de uma vida sustentável. A ecovila é considerada o espaço perfeito para desenvolver esta perspectiva de integração dos sistemas, porque pode promover uma ampla compreensão de “comunidade sustentável”.

O Segundo módulo, “Reconexão com a natureza”, pretende desenvolver essa reconexão através de atitudes e práticas de comprometimento e valorização da convivência com a natureza, ela conecta o módulo ecológico às práticas espirituais, com base nos povos ancestrais. Como destaca Boff, sobre a importância de uma cultura do bem-viver, como no caso dos povos andinos, que produz uma ecoespiritualidade. (BOFF, 2012, p.62)

Em “Transformação da Consciência”, se apresentam as perspectivas para uma mudança que leve à expansão da consciência para uma conexão integral com a natureza e também do cuidado essencial com todos.

O quarto módulo, “Saúde pessoal e planetária”, apresenta a perspectiva da saúde sustentável, da reconexão corpo e mente e do cuidado da saúde integrado ao

cuidado com o planeta, a cura e a saúde individual e do planeta estão interligadas: “A saúde não consiste simplesmente em evitar a doença; a saúde é um modo de vida.” (GAIA1, 2012, p.23).

O último módulo, “Espiritualidade socialmente engajada”, retende unir a espiritualidade à ação engajada em prol de uma vida sustentável, integrando a prática espiritual à mudança social para um desenvolvimento completo. Essa prática concentra todas as principais premissas abordadas nas dimensões anteriores, porque configura o processo de transformação de consciência necessário para o desenvolvimento de uma vida sustentável que seja concreta. Como o lema diz sobre a espiritualidade socialmente engajada, tanto o caminho da transformação espiritual quanto da mudança social precisam se unir, para que sejam realizados concretamente.

Na dimensão Visão de Mundo, o resultado que se espera dos participantes, consiste em:

- Favorecerem-se de uma prática espiritual regular (meditação, yoga, oração...)
- Manter um diário dos seus sonhos, ideias e observações
- Aprofundar a sua ligação com a Natureza
- Criativamente elaborar caminhos claros para a saúde pessoal
- Ser um agente de mudança, um colaborador para um novo mundo. (GAIA1, 2012, p.12).

A dimensão “Visão de Mundo”, portanto, é a que consolida todo o curso, demonstrando a necessidade da integração entre o ser humano, o ambiente natural e o planeta, para que a visão de vida sustentável (equilibrada, harmônica, igualitária e próspera) seja real.

A conexão com as outras dimensões ocorre através de mais práticas e de vivências que representam a ligação do ser humano com a terra. Assim como na dimensão social, em “Visão de Mundo”, também há a concentração de muitas pessoas, através da confraternização e da celebração em que se realiza claramente a perspectiva espiritual do curso, demonstrando a veracidade da conexão da sustentabilidade com a espiritualidade, a partir da educação, sob fundamento do paradigma ecológico.

Trabalha-se a ecoespiritualidade e a espiritualidade socialmente engajada, que possuem semelhanças nos conceitos considerados como norteadores: a

simplicidade voluntária e no cotidiano, a percepção da totalidade, a consciência de interdependência, o diálogo e a cooperação.

A ecoespiritualidade nesse curso é caracterizada por várias práticas ancestrais, como o “bem-viver andino”, que foi destacado anteriormente. E práticas tradicionais religiosas de povos ancestrais, por exemplo, através do Temazcal⁴⁵ (banho de vapor que possui uma conotação espiritual), e de outras influências indígenas: americanos, aborígenes australianos e indígenas brasileiros, dentre outros. Os povos ancestrais enxergam a conexão com o planeta, como Gaia na concepção de Lovelock, como um organismo vivo, e constroem sua estrutura a partir desta conexão. Mas também se faz presente no curso uma espiritualidade não religiosa, com exemplos de tradições orientais, através de um leque de terapias holísticas (Reike, massagens, shiatsu, entre outras).

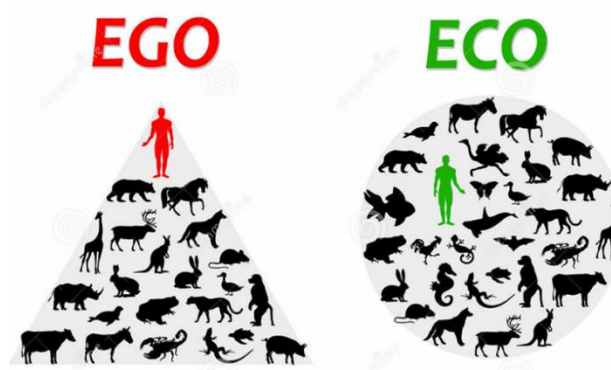
Dentre essas práticas, na Ecovila, há um momento denominado “silêncio”, em que o participante, morador e funcionário, pode meditar, orar ou ter um momento de descanso; não há alusão a nenhuma tradição religiosa, mas somente uma regra: permanecer em silêncio durante o período de 15 minutos, todos os dias, durante cada módulo. A espiritualidade também é evidenciada como independente de vinculação religiosa:

No engajamento social da espiritualidade, praticamos uma postura mental aberta, de não-saber, uma visão de aprendizes [...]. Confiamos mais na evidência do que vivemos do que em conceitos ou ideias preconcebidas. E transformamos nossos princípios em ações compassivas e sensíveis à realidade em que vivemos. (GAIA2, 2014).

Essa mudança, através dessa nova espiritualidade, possibilita a interação com o todo, o indivíduo passa a fazer parte dessa totalidade. De acordo com Teixeira, a espiritualidade possui uma dimensão educativa: “A espiritualidade tem essa essencial dimensão formadora e edificadora do indivíduo”, que promove vitalidade contínua e a “qualidade de vida”. (TEIXEIRA, 2012, p. 1).

⁴⁵ Tem origem indígena diversas: botocudo e puri (Brasil), Cherokees (EUA), Mayas (Tikal), Xamãs (Sibéria), Bades (Alemanha)

Figura 7 – EGO E ECO



Fonte: LACROIX, 2019.

O conteúdo referente à espiritualidade difundida no curso, através da apostila (material impresso) e outros documentos (anotações e slides), não apresenta distinção de sua tipologia e natureza, se é religiosa ou não-religiosa, também não há proposta de identificação de outra possibilidade de espiritualidade, como espiritualidade ecológica ou ecoespiritualidade.

A versão online da apostila trata a espiritualidade de forma ecumênica e inter-religiosa, em que todas as práticas são bem-vindas e respeitadas. Reconhece a importância da espiritualidade como fator que interliga todas as esferas da vida e que lhe dá sentido: “A espiritualidade é a essência central, a força da vida que nos sustenta, que inspira e dá direção, propósito e sentido a um sistema cultural”. (GAIA2, 2018).

De forma geral, a presença da espiritualidade no curso está nos ensinamentos e nos princípios de como e porque construir comunidades sustentáveis e, principalmente, na valorização e no respeito das relações entre as pessoas, a comunidade e a natureza. No dia a dia da ecovila, algumas práticas parecem revelar o sentido de espiritualidade: no reverenciamento à natureza, no propósito das tecnologias sociais (banheiro seco, tratamento do lixo) e na cooperação, integração, união e valorização das comunidades que estão situadas no entorno. As práticas espirituais são realizadas de acordo com sua localização e ambiente “Ecocultural”⁴⁶ particular”. E podem se realizar também através de expressões artísticas e culturais, celebrações, práticas de consciência que trabalham a mente e o corpo.

⁴⁶Conceito desenvolvido pela Escola de Chicago referente a ecologia urbana.

A partir dessa breve análise das dimensões, percebe-se a articulação que existe entre a educação, a sustentabilidade e a espiritualidade no curso Eco design em sustentabilidade. Ela se realiza pela mudança de consciência para um novo paradigma, o ecológico, através da *consciência ecológica*, que se encontra presente na e pela educação (por surgir nela); na sustentabilidade, quando essa consciência se orienta pela busca do equilíbrio e harmonia com o ambiente; e na espiritualidade, quando a consciência ecológica se desenvolve e assume a busca pelo sentido da vida, aliada à comunhão com o espírito. O fio condutor desta conexão é a Consciência ecológica que torna a educação, a sustentabilidade e a espiritualidade uma rede que se expressa no Curso Eco Design em Sustentabilidade por dois caminhos:

- 1) De forma mais direta e visível, se dá através de diversas práticas consideradas de teor espiritual, como a *Temazcal*; e o momento do *Silêncio*, as cantigas que são entoadas como agradecimento durante as refeições. Todas essas práticas carregam grande sabedoria na convivência com a terra.
- 2) No segundo momento, nos conteúdos que apresentam uma dinâmica holística, com base principalmente na Ecologia profunda. Esses conteúdos misturam os conhecimentos interligados da permacultura (muitas técnicas são tradicionais) e da educação ambiental, para demonstrar que o conhecimento e as práticas não são fragmentados e compartimentados, mas que devam ser integradas e compartilhadas conjuntamente. Nessa perspectiva, estão a educação, a sustentabilidade e a espiritualidade, como conceitos pertencentes ao paradigma ecológico que se desenvolve seguindo os princípios das ecologias e principalmente da ecologia social e profunda.

Assim, podemos considerar a evidência de que há o desenvolvimento de uma espiritualidade *sui generis* no Curso Eco Design em Sustentabilidade do Programa Gaia Education. Ela se configura na ecoespiritualidade e na espiritualidade socialmente engajada que transita entre a espiritualidade religiosa e não religiosa, de acordo com a prática desenvolvida, sem negar que as pessoas envolvidas possam se expressar segundo suas crenças. E tal espiritualidade, assim como a articulação entre educação, sustentabilidade e espiritualidade têm como o fio condutor a consciência ecológica e a conformação de todo processo ao paradigma

ecológico. A questão de saber como os coordenadores e as pessoas envolvidas no curso vivenciam, e que consciência têm dessa espiritualidade, é um problema para merecer ser investigado e que não foi objeto desta pesquisa. Também se pode dizer que a espiritualidade não é tema totalmente explícito fora dos horários programados para a discussão, mas ela é acessível e aceita pela diversidade de participantes. Não há expressões de preconceito ou de discriminação por determinada tradição religiosa. Numa pesquisa de campo, esse tema que também poderia ser pesquisado mais profundamente. Essa pode ser uma singularidade positiva neste curso, e abre outro campo de investigação quanto ao estudo da espiritualidade e da abertura do curso e do programa para o diálogo inter-religioso.

É importante salientar que o conteúdo analisado deste curso se estruturou em resultados realizados a partir de experiências concretas, práticas tradicionais e outras elaboradas a partir dessas experiências. A impressão que se tem da proposta do curso, à primeira vista, pode parecer utópica, mas corresponde a situações possíveis, de um novo contexto em permanente reelaboração. Assim como o paradigma ecológico, o Programa Gaia Education também passa por reformulações constantes, para se adequar às questões e aos novos espaços e territórios, que surgem procedidas da situação fragilizada em que se encontra o ambiente natural e social em todo planeta.

A proposta do paradigma ecológico se pauta na integração de todos envolvidos e nos processos que podem ser revistos, adicionados e também recriados e nos valores que estejam em sintonia com a consciência ecológica. A sustentabilidade, a educação e a espiritualidade, como componentes desse sistema, se interconectam também a partir de uma condição: do reconhecimento e da preocupação com o cuidado com a sua casa (Gaia) e seus habitantes, seres que estão e também são a Terra, que vivem numa imensa condição e fraternidade, pois como ensina o Leonardo Boff, “Tudo que existe coexiste. Tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste através de uma teia infindável de relações inclusivas” (BOFF, 1996, p. 19).

4. CONCLUSÃO

Como todo processo dinâmico, o paradigma ecológico e todo o seu conjunto de elementos que foram abordados nessa pesquisa, demonstrou um paradigma rico e diversificado que necessita de ser mais conhecido e investigado quanto ao âmbito social, cultural e espiritual. Nessa pesquisa inserida na perspectiva do paradigma ecológico e da espiritualidade, almejamos identificar no Curso Eco design em Sustentabilidade, do Programa Gaia Education, se a espiritualidade se faria presente e também se haveria a articulação com a educação e a sustentabilidade.

O desenvolvimento da pesquisa passou pela abordagem de conceitos considerados chave para esse estudo, como a ecologia e suas vertentes, o paradigma ecológico, a sustentabilidade e suas tendências, e a espiritualidade, em suas conhecidas designações, e outros conceitos derivados desses. A partir de algumas hipóteses traçamos o percurso da pesquisa, no sentido da identificação sobre a existência da espiritualidade no curso e sua relevância no contexto do paradigma ecológico, e também as concepções de sustentabilidade e espiritualidade que estariam presentes e as possíveis contribuições no processo educativo.

Pela observação dos aspectos analisados, podemos considerar que a identificação da espiritualidade no curso é real e se apresentou em dois tipos que se inscrevem nas categorias: religiosa, a ecoespiritualidade; e a não religiosa, a *espiritualidade socialmente engajada*, proposta pelo curso. E a articulação entre a educação, a sustentabilidade e a espiritualidade se realiza através da consciência ecológica, que interliga estas três dimensões, e se conecta ao paradigma ecológico, que acolhe esses conceitos e amplia o raio de ação dos mesmos.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, sua estrutura resultou em três capítulos.

O primeiro capítulo, *Paradigma ecológico e Sustentabilidade*, tratou inicialmente do conceito ecologia e suas variações e do paradigma ecológico, quanto a sua constituição e relevância na conjuntura atual, contextualizando-os para tratar do conceito de sustentabilidade. Neste conceito foram destacadas a sua evolução e influência, principalmente na área ambiental e social. Quanto à sustentabilidade, foi apresentado o Curso Eco Design em Sustentabilidade, do programa Gaia Education, e sua realização na Ecovila Terra Una, onde são

realizados cursos de imersão. Nesse capítulo ainda foram abordadas a importância do Paradigma ecológico e da sustentabilidade para o desenvolvimento de uma vida de qualidade, e constatou-se a conexão entre paradigma ecológico e a sustentabilidade em algumas de suas vertentes como a ambiental, social e cultural.

O segundo capítulo, *O Curso Eco Design em Sustentabilidade e a perspectiva do paradigma ecológico*, se iniciou tratando da trajetória da educação brasileira para entendermos a proposta de uma educação voltada para a sustentabilidade, através das metodologias como a Ecopedagogia, a Educação ambiental e a Permacultura. Também foram abordadas a constituição do Programa Gaia education e do Curso Eco Design em Sustentabilidade, o conteúdo elaborado e aplicado, sua estrutura organizacional, o projeto político pedagógico, a capacitação dos facilitadores e as atividades que o Programa desenvolve pelo mundo, através da utilização e conexão com os princípios que o paradigma ecológico desenvolve.

Nesse capítulo fica clara a conexão das metodologias educacionais pesquisadas com o paradigma ecológico e da sua importância para o desenvolvimento da consciência ecológica, confirmando a imprescindibilidade da educação neste processo.

No terceiro e último capítulo, *A Espiritualidade no curso Eco Design em Sustentabilidade*, foram abordadas as principais concepções de espiritualidade e sua relação com a religião para contextualizarmos a tipologia da espiritualidade (religiosa e não religiosa) e sua identificação no curso, bem como a interação, através do diálogo inter-religioso. Também destacamos a interação entre a espiritualidade e a sustentabilidade através da espiritualidade ecológica ou ecoespiritualidade e da Ecoteologia, que trabalham também a perspectiva ambiental. Igualmente constatou-se a conexão com a ecologia profunda que possibilita à sustentabilidade se desenvolver junto à espiritualidade e criar caminhos de conexão para empreender ações transformadoras que podem trazer soluções.

Na última parte, sobre a articulação entre os conceitos abordados de educação, sustentabilidade e espiritualidade, identificou-se o elemento que os conecta e possibilita o desenvolvimento deles no Curso Eco Design em Sustentabilidade: a consciência ecológica, demonstrando o potencial e a relevância do estudo e da prática dessas concepções no Programa de educação para a sustentabilidade.

É importante destacar a presença de uma espiritualidade *sui generis* no curso, tanto de forma mais explícita quanto implícita, de acordo com os temas e sua conexão com a sustentabilidade, através de várias práticas (bioconstrução e plantio) e vivências (meditação, temazcal, terapias holísticas, celebrações na floresta, cantigas), por exemplo, no espaço da ecovila Terra Una. Assim também se verificou a relevância do Curso Eco Design em Sustentabilidade, do Programa Gaia Education, como uma via que contribui para a mudança de consciência e de paradigma em nosso contexto atual, visando o desenvolvimento de novas atitudes e ações transformadoras, promovendo a harmonia como nosso ambiente natural. E também a observância do impacto de uma Ecovila, como agente de mudanças, de consciência, de ações e de práticas em prol de uma vida integrada com a natureza, respeitando seus ciclos naturais e usufruindo de acordo, sem causar danos para ambos, o ser humano e a natureza. E, como símbolo de contracultura ao sistema vigente que apresentamos neste estudo, ser a causa raiz da atual crise mundial.

A pesquisa se mostrou de grande relevância no âmbito da educação, pela análise do curso, ainda pouco conhecido, mas também para as Ciências da Religião, identificando formas articuladoras de espiritualidade e suas aplicações em espaços diferenciados e como ela pode ser elemento fundamental para o desenvolvimento da sustentabilidade, em suas várias nuances, seja social, cultural, educativa, ética e política.

A pesquisa não teve a intenção de analisar de forma completa o curso. Vários aspectos não foram investigados por não fazer parte dos objetivos propostos. Ao final, constatou-se que há outras questões que poderiam ser pesquisadas em estudos posteriores. Foi identificada, primeiramente, a condição da espiritualidade socialmente engajada, que transita entre a perspectiva religiosa e não religiosa, de acordo com a prática desenvolvida. Mereceria ser mais investigada. Segundo, foi investigada qual a expectativa sobre a espiritualidade que os organizadores, facilitadores e participantes do curso possuem? Em terceiro lugar, pesquisar sobre a ausência de preconceitos e intolerância religiosa, entre a diversidade de participantes, mediante a variedade de práticas espirituais realizadas, que pode ser considerada uma característica positiva e que nos leva à próxima questão. A possibilidade de abertura do Programa Gaia Education para o diálogo inter-religioso.

Por fim, a última questão, a investigação sobre possível definição de uma espiritualidade ecológica não religiosa, mencionada no último capítulo.

Essas são questões que podem ser investigadas, tanto nas Ciências da Religião quanto em outras áreas do saber, contribuindo para o estudo mais amplo da espiritualidade e também da sustentabilidade em outros contextos. Nessa pesquisa, constatamos que a educação, a sustentabilidade e a espiritualidade se articulam no curso, e juntos se tornam concepções complexas, e suas conexões expõem muitas possibilidades que, numa primeira análise, podem passar despercebidas, mas que valem ser investigadas de forma mais aprofundada.

Desta forma, podemos considerar que a espiritualidade e a sustentabilidade são temas que não se esgotam, se conectam e se complementam, além de permitir inúmeras articulações com muitos campos do saber tradicional e contemporâneo, se configurando num campo aberto e flexível para acolher questões inerentes ao desenvolvimento do ser humano e outros seres que coabitam neste planeta.

O campo de reflexão aberto por esses conceitos possibilita também a compreensão da correspondência entre suas características definidoras: da espiritualidade, o desenvolvimento do autoconhecimento, que permite que possamos estabelecer a ligação necessária para a busca de sentido; da sustentabilidade, as bases teóricas e materiais para desenvolver a busca e a implementação de critérios reais e de equilíbrio com o ambiente natural. Ambos almejam a convivência sustentável, que por isso se torna de qualidade e tem como princípios norteadores a simplicidade voluntária e a comunhão com o espírito para a realização de uma vida de qualidade, que seja concreta, permanente e que represente a união entre o espírito, a matéria e a mente para uma vida realizada com completude.

REFERENCIAS

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Fragmentos Filosóficos. 1947 (Dialektik der Aufklärung – Philosophische Fragmente) . Disponível em: <https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf> Acesso em 15 de agosto de 2018.

Engenheiros sem Fronteiras-esf.**Agenda Permacultural**. Figura 2, Fev.2018. Disponível em <<https://www.google.com/search?q=esf+sao+paulo+org+single+post+2018+Agenda+Permacultural+Fevereiro>>. Acesso em 18 de dez. 2018.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Grande cisão sucesso humano versus fracasso ecológico**. 2015. Disponível em <<http://www.ecodebate.com.br/2015/03/25/a-grande-cisao-sucesso-humano-versus-fracasso-ecologico-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves>>Acesso em 20 de dez.2018.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação no Brasil**.2.ed.São Paulo Moderna, 1996.

ARRUDA, J. J. **História moderna e contemporânea**. 4.ed.São Paulo: Ática, 1988.

ASCOT, Pascal. **História da Ecologia**. RJ. Campus, 1990.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e ecologia**. A teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff. Paulinas. SP, 2011.

BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Mais espiritualidade e menos religião (característica da nossa época?)**. Revista brasileira de filosofia da religião / Brasília / v. 3 n.1 /p. 75-91 /ago. 2016. Disponível em <www.periodicos.unb.br/index.php/rbfr/article/view/14250> Acesso em 10 de Nov.2018.

BOFF, Leonardo. **Ecologia-Grito da Terra, grito dos pobres**. SP. Ática, 1995

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. RJ. Record, 2008.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade. O que é – O que não é**. Petrópolis: Vozes, 2012b.

BÔLLA, Kelly Dayane Savariz. **Perspectivas da visão transdisciplinar holística e suas contribuições para a construção de uma sociedade ecológica: o caso da Ecovila Terra Una, Liberdade – MG**.21/06/2012. (Dissertação)Mestrado em CIÊNCIAS AMBIENTAIS Instituição de Ensino: Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC.).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. Estudos avançados** 18 (52), 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300017> Acesso em 5 de Nov. 2018.

BRAUN, Ricardo. **Desenvolvimento ao ponto sustentável: Novos Paradigmas Ambientais**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. **Espiritualidades não-religiosas: desafios conceituais**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 658-687, jul./set. 2014. Disponível em <<http://www.periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n35p658>> Acesso em 5 de Nov. 2018.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Estilos de espiritualidade como critério para tipologias e interpretações do campo religioso na contemporaneidade**. Ciências Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 18, n. 24, p. 18-32 jan-jul. 2016. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/download/58781/38329>> Acesso em 5 de Nov. 2018.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1996

CARVALHO, Marcos B. de. **O que é natureza?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

CARVALHO, Vilson Sergio de. **Raízes da Ecologia Social: O Percurso Interdisciplinar de uma ciência em Construção**, 2005. Tese (doutorado)-UFRJ/Instituto de Psicologia/Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social. Rio de Janeiro, 2005.

CARVALHO NETTO, Reynaldo Carilo. **O “Quarto Poder” e censura democrática**. Observatório da imprensa. Edição.765.2013. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed765_o_quarto_poder_e_censura_democratica/> Acesso em 20 de dez. 2018.

CAVALCANTI, F. P. **A Espiritualidade nas Práticas Integrativas e Complementares: Analisando discursos de participantes**. 1. Ed. João Pessoa: Libellus, 2018. V. 1.224p.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O Meio Divino**. 2 ed. SP. Vozes, 2014.

DRAGONDREAMING. **Dragon Dreaming**. Project Design. Disponível em <<http://www.dragondreaming.org/>>Acesso em 5 de Nov.2018.

DROOGERS, André. **Espiritualidades: o problema da definição**. Disponível em <http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/1292>Acesso em 08 de Jan.2019.

CUPULA DOS POVOS. Disponível em:
<<https://www.scribd.com/document/98464225/Declaracao-final-da-Cupula-dos-Povos>> Acesso em 01 de nov 2018.

COMTE-SPONVILLE, A. **O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

ECOVILAS. Mapeamento de Ecovilas e Comunidades Alternativas do Brasil. Gabriel Dreads Siqueira, 2010. Disponível em:
<<https://irradiandoluz.com.br/2015/10/ecovilas-e-comunidades-no-brasil.html>>
Acesso em: 20 set 2018.

FERNANDES, Claudio Guedes. Carta Capital. **A Agenda 2030 e os desafios do desenvolvimento sustentável**. Disponível em:
<<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-agenda-2030-e-os-desafios-do-desenvolvimento-sustentavel>>. Acesso em: 01 nov.2018.

FREITAS, Filipe. **Figura 5. Mudança de Consciência**.Curso Eco Design Em Sustentabilidade-Gaia Education, 2014.(Material da autora)

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. — (Série Unifreire; 2). Disponível em
<http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3080/FPF_PTPF_12_077.pdf>Acesso em: 25 de out de 2017.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo, Peiropolis. 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo,Ática, 2004.

GAIA EDUCATION 2018. Disponível em: <<https://gaiaeducation.org/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

GAIA1.**Apostila** Programa Gaia Education. 2012. Disponível em:
<<http://www.terrauna.org.br>> Acesso em: 22.set 2015.

GAIA2.**Vários materiais**. Programa Gaia Education. 2014. Disponível em:
<<http://www.terrauna.org.br>> Acesso em: 22.set 2015.

GAIA3 **Trainershandbook**, 2018. Disponível em < GAIA EDUCATION. Disponível em: <<https://gaiaeducation.org/>>. Acesso em: 20 set. 2018.

GEESE- Educadores globais de Ecovilas para uma terra sustentável. **EDE-Educação para o Design de Ecovilas**. Gaia Education, 2012. Disponível em:
<<http://gaia.education.net>>. Acesso em: 23 set 2015.

GLOBALIZAÇÃO. Disponível em
<<https://brasilescola.uol.com.br/geografia/globalizacao.htm>> Acesso em 20 de dez.2018.

GRISI, Breno Machado. **Glossário de Ecologia e Ciências Ambientais**. João Pessoa, 2007. Disponível em: <http://www.em.ufop.br/ceamb/petamb/cariboost_files/glossario_20de_20ecologia_20e_20ciencias_20ambientais.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2017.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 17 ed. Campinas: Papyrus, 2006.

GUTIÉRREZ, Francisco, PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. São Paulo, 3ªed.Cortez, 2013.

GUERRIERO, Silas. **Até onde vai a religião: um estudo do elemento religioso nos movimentos da Nova Era**. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n35p902>> Acesso em 6 de Nov. 2018.

HOLMGREN, David. **Os Fundamentos da Permacultura**-Um resumo de conceitos e princípios apresentados no livro “Princípios e caminhos da Permacultura Além da Sustentabilidade”. Disponível em <https://issuu.com/casadofranca/docs/os_fundamentos_da_permacultura>. Acesso em: 23 set 2015.

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

IANNI, Octavio, **Teorias da globalização**. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JACOBI, Pedro. **Educar para a Sustentabilidade**:complexidade, reflexividade, desafios. Publicado na revista da FEUSP- Educação e Pesquisa- vol. 31/2- mai- ago 2005.

Disponível em <http://web2.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom1/iii_01.html> Acesso em 23.09.15

KHODJA, Emanuel. **Figura 6**.Curso Eco Design Em Sustentabilidade-Gaia Education,2014.(Material da autora).

LACROIX,Alain. **Figura 7. Ego e ECO**.2109. Disponível em <www.google.com.br> Acesso em 10 de Jan.2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar. Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1992. cap 1. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAehikAH/libaneos>> Acesso em 12 de jul 2018.

LOVELOCK, James. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra**. Lisboa: Edições 70, 1989.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

MEIO AMBIENTE. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/noticias/meio-ambiente>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

MEIO AMBIENTE. Disponível em: <<https://tvecologica.wordpress.com/2009/05/28/conceitos-importantes-meio-ambiente-sustentabilidade-ecoturismo-educacao-ambiental-e-educomunicacao/>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Disponível <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/apresentacao>> Acesso em: 18 de Nov. 2018.

MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. Disponível em <www.mma.gov.br/port/conama/res/res02/res30602.html>. Acesso em: 13 de jul. de 2018.

MOLISSON, Bill. **Introdução a permacultura**. Tradução. 1998. Disponível em <<https://permacoletivo.wordpress.com/materiais-para-downloads>> Acesso em: 23 Set de 2015.

MORIN, Edgar, **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000

MURAD, Afonso. **Ecoteologia**: um mosaico. 1.ed. Paulus, Belo Horizonte, 2016.

ODUM, Eugene P. **Ecologia**. Ed. Interamericana, RJ. 1985.

ONU. **Agenda 2030**. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>> Acesso em 01 de nov. 2018.

ONU. **Década de Educação para o Desenvolvimento Sustentável 2005\2014**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abou-this-office/prizes-and-celebrations/2005-2014-the-united-nations-decade>>. Acesso em: 23.set 2015.

ONU. **Plano internacional de implementação da década das nações unidas para a educação para o desenvolvimento sustentável**. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139937por.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018

PANASIEWCZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo- Dialogo Inter-religioso na teologia de Claude Geffré**. Ed. Pucminas/Paulinas, Belo Horizonte, 2007.

PANASIEWICZ, Roberlei. VITORIO, Jaldemir. **Espiritualidades e Dinâmicas Sociais. Memórias e perspectivas**. Editora Paulinas, 2014.

PAPA FRANCISCO I. **ENCICLICA LAUDATO SI**. 2015. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html> Acesso em 20 de Set. 2017.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 12 de Jul.2018.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>> Acesso em: 13 de jul. de 2018.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus, 2013

PELIZOLLI, M.L. **A emergência do paradigma ecológico**: Reflexões ético-filosóficas para o século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes. 1999.

PERMACULTURA. Disponível em <<http://www.permacultura.org.br/>> Acesso em 24 de out de 2017.

PRONEA, Programa Nacional de Educação Ambiental. 2005. Disponível <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>> Acesso em 18 de Nov. 2018.

RAMOS, E. C. **Educação ambiental: origem e perspectivas**. Educar, Curitiba, n.18, p.201-218. 2001. Editora da UFPR.

RELATORIO EDUCAÇÃO PARA TODOS NO BRASIL 2000-2015, 2014. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2014-pdf/15774-ept-relatorio-06062014/file>> Acesso em 24 de out de 2017.

RIBEIRO, FLÁVIO AUGUSTO SENRA. **A pós-graduação em ciências da religião e teologia no quadriênio 2013-2016**. INTERAÇÕES, Belo Horizonte, Brasil, v. 13, n. 24, p. 526-533, Ago./Dez. 2018. ISSN 1 983-247 8. Disponível em < www.ibict.pucminas.br/index.php/interacoes/article/download/19123/14240.> Acesso em 20 de dez.2018.

RIBEIRO, Mauricio Andrés. **Ecologizar: pensando o ambiente humano**. Belo Horizonte. Ed. Rona, 2000.

RUSCHEINSKY, Aloisio. (Org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre, Ed. Artmed, 2002.

SAITO, Carlos Hiroo. **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2002.

SANCHIS, Pierre. **O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?** In: HOORNAERT, Eduardo. História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995). Petrópolis: Vozes-CEHILA, 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000106&pid=S0102-8839200100030001200011&lng=pt> Acesso em 05 de Jun. 2017.

SANTOS, Flavio Antônio Maës dos. **NT238: Ecologia de Populações de Plantas Uma Visão Histórica.** Disponível em <www2.ib.unicamp.br/profs/fsantos/nt238/2009/Aulas/NT238-1b.pdf> Acesso em 20 de Set. 2017.

SAVIANI, Demerval. **Educação no Brasil: concepção e desafios para o século XXI.** 2000. Disponível em <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis03/art1_3.html> Acesso em 08 de Jan.2019.

SAVIANI, Demerval. **As concepções pedagógicas na educação brasileira. 2005.** Disponível em <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Dermeval_Saviani_artigo.pdf> Acesso em 08 de jan 2019.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Demerval. **O neoprodutivismo e suas variantes: neo-escolanovismo, neoconstrutivismo, neotecnicismo** (1991-2001). 2009. Disponível em <<http://lespedagogia.blogspot.com/2009/11/o-neoprodutivismo-e-suas-variantes-neo.html>> Acesso em 08 de Jan.2019.

TEIXEIRA, Faustino. 5.3. **DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, ONTEM E HOJE.** Disponível em: <<http://www.missilogia.org.br/cms/ckfinder/userfiles/files/53dialogointer.pdf>. 2003> Acesso em 18 de outubro de 2017.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia e Diálogo Inter-Religioso.** Disponível em: <<http://fteixeiradialogos.blogspot.com.br/2010/04/teologia-e-dialogo-inter-religioso.html>> Acesso em 18 de outubro de 2017.

TERRA UNA. Programa Gaia Education. 2014. Disponível em: <<http://www.terrauna.org.br>>. Acesso em: 22 set. 2015.

UNESCO. **Education for Sustainable Development Goals: Learning Objectives.** 2017. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247444>>. Acesso em 24 de out de 2017.

VEIGA, Ilma Passos da. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva.** In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível.** Campinas: Papyrus, 1998. p.11-35.

ANEXO A – Foto da vista panorâmica da Ecovila Terra Una



Fonte: TERRA UNA

ANEXO B – Foto da Ecovila Terra Una



Fonte: Fotos da autora

ANEXO C – Foto da Casa Amarela (Refeitório)



Fonte: Fotos da autora

ANEXO D – Foto do espaço para cursos e área de camping



Fonte: Fotos da autora

ANEXO E – Foto da tenda para Temazcal



Fonte: Fotos da autora

ANEXO F – Foto da Área da Ecovila Terra Una



Fonte: Fotos da autora

ANEXO G – Programa Gaia Education



Fonte:Terra Una

ANEXO H – Programa Gaia Education



Gaia education

DESIGN EM SUSTENTABILIDADE
IMERSIVO NA ECOVILA TERRA UNA | 2015

TERRA UNA em parceria com **GAIA EDUCATION** apresenta um programa baseado no "Gaia Education Ecovillage Design Curriculum" – uma contribuição oficial à Década Internacional da Educação para o Desenvolvimento Sustentável da **ONU** (2005-2014), e associado a **GEN** (Rede Global de Ecovilas).

Gaia Education é um curso inovador, presente em mais de 30 países, que incentiva os participantes a desenharem sua atuação no mundo para gerar processos sustentáveis. Oferece um espaço de convivência e experiência de transição em quatro dimensões – Social, Econômica, Ecológica e Visão de Mundo – estimulando tanto a responsabilidade individual como a ação coletiva.

Em 2015, Terra Una oferece duas opções para realização do programa: **em formato imersivo na Ecovila Terra Una** (este material) **ou no Rio de Janeiro** (www.terrauna.org.br/gaia/rio)

O programa imersivo na Ecovila Terra Una (www.terrauna.org.br/gaia/una) acontece em 4 módulos transdisciplinares, cada um com ênfase em uma das dimensões, conforme conteúdo e datas a seguir.

SOCIAL	ECONÔMICO	ECOLÓGICO	VISÃO DE MUNDO
<p>Despertando para a Transição Design Social, Acordos e Valores Habilidades de Comunicação Comunicação Não-Violenta Metodologias para Sabedoria Coletiva Paradigma das Ecovilas Competências Comunitárias I Grupos de Projetos I</p> <p>Desafios da Economia Global Gestão Projetos - Design Dreaming Inteligência Ecológica Agroecologia Novos Paradigmas em Educação Comunidades de Aprendizagem</p> <p>participação de: José Pacheco Escola da Ponte/Portugal</p>	<p>Práticas de Economia Solidária Consumo e Comércio Justo Ecologia da Produção Wikimédia Investigando Sustentabilidade: Economia na Vida Comunitária Competências Comunitárias II Grupos de Projetos II</p> <p>Poder e Liderança Circular Organizações Sistêmicas Soberania Alimentar Alimentos e Desem. Local (CSA) Dinâmica da Espiral Ecologia Profunda</p> <p>participação de: Romeu Leite Yamaguchi</p>	<p>Design Permacultural Permacultura Rural e Urbana Construções Ecológicas e Energias Manejo de Águas Manejo de Resíduos Sistemas Agroflorestais Competências Comunitárias III Grupos de Projetos III</p> <p>Resiliência comunitária Integração de Saberes Iniciativas Ecológicas Biorregionais Economia Rural e Urbana Saúde Integral Reconexão à Natureza</p> <p>participação de: Peter Webb Sítio Vida de Clara Luz</p>	<p>Ciência e Tradições Ancestrais Autoconhecimento e Cura Visão Sistêmica e Epistemologia O Poder da Parceria Simplicidade e Espiritualidade Arte e Transformação Social Competências Comunitárias IV Grupos de Projetos IV</p> <p>Resiliência através do Conflito Diversidade e Redes de Cooperação Agricultura e Autoconstrução Técnicas de Bioconstrução Empreendedorismo Social Transição Econômica Pessoal</p> <p>participação de: Ernani Fornari Espaço Saúde</p>
14 a 22/fevereiro carnaval	18 a 26/abril tiradentes/são jorge	11 a 19/julho férias escolares	5 a 13/setembro independência

Local: ECOVILA TERRA UNA
APA da Serra da Mantiqueira, Liberdade/MG

4 Módulos x 42h/aula = 168h Programa
Certificação Internacional do Gaia Education

INVESTIMENTO POR MÓDULO (x4)
R\$ 1.150 - Valor Integral (em alojamento)
R\$ 990 - Valor Solidário (em alojamento)
R\$ 890 - Valor Reduzido (em camping)

Valor inclui apostila digital, hospedagem e alimentação ovo-lacto-vegetariana por 9 dias.

INSCRIÇÕES PARA O MÓDULO SOCIAL ATÉ 08/02/2014
Acesse a Ficha de Inscrição em:
<https://pt.surveymonkey.com/s/galauna2015inscricao-social>

30 VAGAS
Vaga assegurada mediante depósito parcial antecipado

MAIS INFORMAÇÕES:
(21) 2221-5202 / 99194-5782 – galauna@terrauna.org.br
www.terrauna.org.br/galauna

APOIOS

www.gen.ecovillage.org www.casacontinental.org

PARCEIRO

www.gaiaeducation.net

REALIZAÇÃO

www.terrauna.org.br

Fonte: Terra Una.